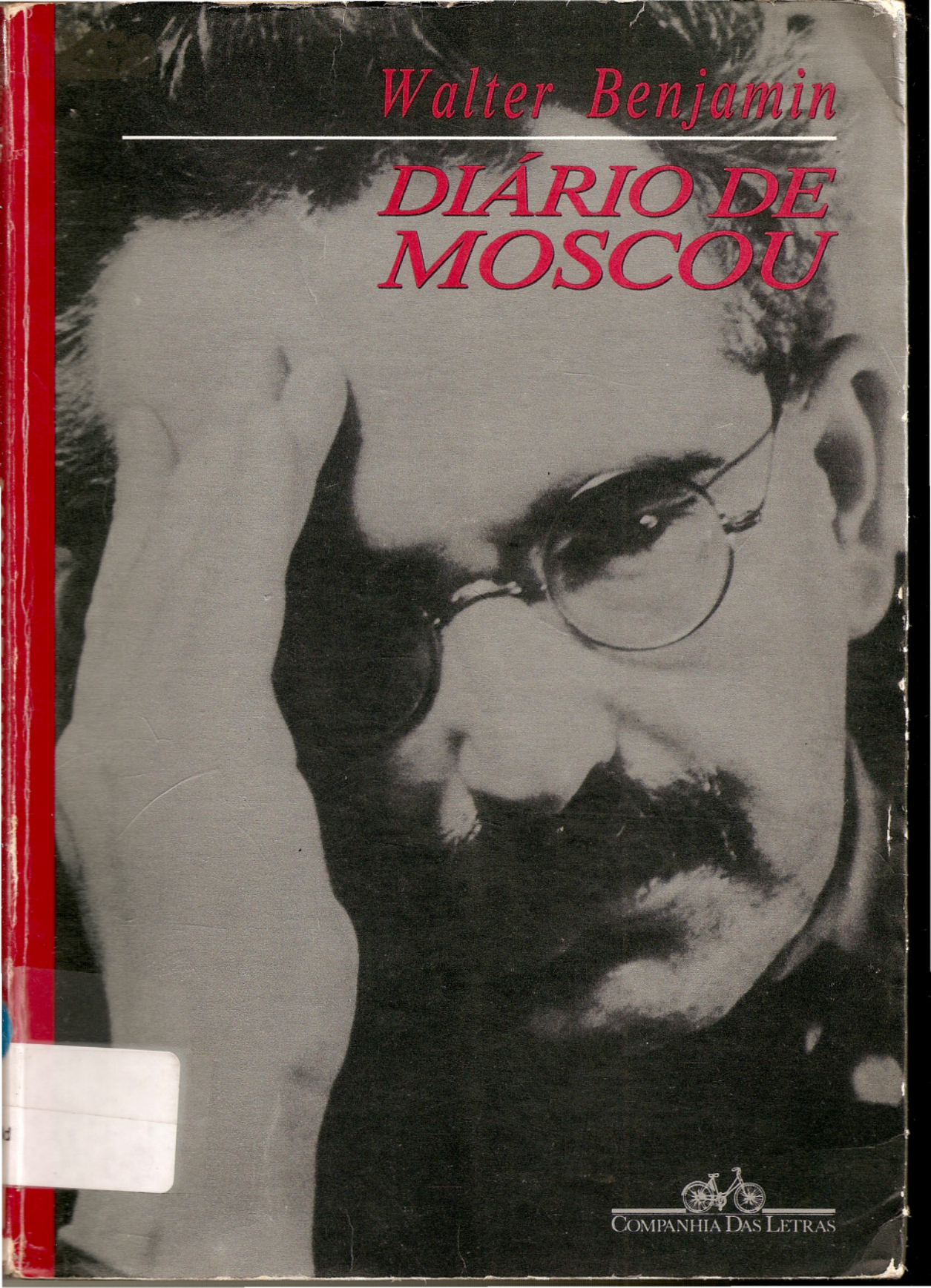


A black and white portrait of Walter Benjamin, showing him from the chest up. He is wearing round glasses and has a mustache. His right hand is resting against his face, with his fingers near his temple. The background is dark and textured.

Walter Benjamin

***DIÁRIO DE
MOSCOU***



COMPANHIA DAS LETRAS

WALTER BENJAMIN

DIÁRIO DE MOSCOU

Edição e notas:
GARY SMITH

Prefácio:
GERSHOM SCHOLEM

Tradução:
HILDEGARD HERBOLD



CCSP-01027804



COMPANHIA DAS LETRAS

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Benjamin, Walter, 1892-1940.

Diário de Moscou / Walter Benjamin; prefácio Gershom Scholem; edição e notas
Gary Smith; tradução Hildegard Herbold — São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ISBN 85-7164-053-6

1. Benjamin, Walter, 1892-1940 - Diários. 2. Benjamin, Walter, 1892-1940 - Viagens
- União Soviética - Moscou. 3. Escritores alemães - Século 20 - Biografia. 4. Moscou (União
Soviética) - Condições sociais. 5. Moscou (União Soviética) - Descrição I. Smith, Gary. II.
Título.

CDD-928.31

CDD-914.7

-947

89-1599

Índices para catálogo sistemático:

1. Diários : Escritores alemães : Biografia 928.31
2. Escritores alemães : Biografia 928.31
3. Moscou : União Soviética : Condições sociais 947
4. Moscou : União Soviética : Descrição e viagens
914.7

Copyright© Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1980

Título original:

Moskauer Tagebuch

*Aus der Handschrift herausgegeben
und mit Anmerkungen von Gary Smith
Mit einem Vorwort von Gershom Scholem*

Capa:

Ettore Bottini

Revisão da tradução:

Sérgio Tellaroli

Revisão:

Denise Pegorim

Eliana Antonioli

1989

Editora Schwarcz Ltda.

Rua Túpi, 522

01233 — São Paulo — SP

Fones: (011) 825-5286 e 66-4667

SUMÁRIO

Prefácio — Gershom Scholem	11
Diário de Moscou	17
Apêndice	143

PREFÁCIO

O *Diário de Moscou* de Walter Benjamin sobre sua estada de dois meses naquela cidade — de 6 de dezembro de 1926 ao final de janeiro de 1927 — é, pelo que conheço de seus escritos, absolutamente único. Trata-se, indiscutivelmente, do documento mais pessoal, total e impiedosamente franco que possuímos sobre um período importante de sua vida. Dentre aquelas que foram preservadas, nenhuma de suas demais tentativas de manter um diário, interrompidas sempre após poucas páginas, pode comparar-se a esta, nem mesmo as reflexões muito pessoais escritas em 1932, quando pensou em pôr um fim à sua vida.

O que temos aqui é um fragmento autônomo, fechado sobre si mesmo, tratando de uma fase de grande importância na vida de Benjamin, que nos é apresentada totalmente sem censura — o que significa, principalmente, intocada por sua própria autocensura. Toda a sua correspondência pessoal até hoje conhecida e preservada obedece a um certo direcionamento, talvez se possa até dizer uma orientação, que leva sempre em conta o destinatário. Todas estas cartas carecem daquela dimensão que habita exclusivamente o debate honesto e sem reservas e o acerto de contas consigo mesmo e que se manifesta justamente neste *Diário*. Só aqui são trazidas à baila coisas que em nenhum outro lugar encontraram seu registro explícito. É certo que, esporadicamente, como em eventuais alusões aforísticas, existem em Benjamin referências a elas, as quais permanecem, no entanto, cautelosas, “desinfetadas”: passaram pela autocensura. Aqui, porém, aparecem no seu contexto original, pleno e detalhado, do qual as poucas cartas preservadas, dentre as que ele escreveu de Moscou — uma dirigida a mim e outra a Julia Radt —, nada deixam pressentir.

Três fatores atuam decisivamente na viagem de Benjamin a Moscou. Em primeiro lugar, sua paixão por Asja Lacis; depois, seu desejo de obter uma visão mais aprofundada da situação na Rússia, de talvez até estabelecer algum vínculo com aquele país e, a partir daí, chegar a uma decisão a respeito de sua eventual filiação ao Partido Comunista Alemão, uma questão que já vinha ponderando há mais de dois anos. Finalmente, não há dúvida de que contribuiu também a consideração de compromissos literários assumidos ainda antes da viagem, os quais o levaram a se inteirar acerca da cidade, de sua vida, enfim, acerca da “fisionomia” de Moscou. Afinal, o que permitira o financiamento de sua estada havia sido, entre outras coisas, o adiantamento recebido por trabalhos futuros, resultantes da própria viagem. Quatro publicações do começo do ano de 1927 derivam diretamente de tais ajustes, principalmente o grande ensaio “Moscou” na revista *Die Kreatur* [A criatura], encomendado por Buber. Este ensaio é uma reformulação, profunda em vários trechos, das respectivas anotações iniciais do diário. É impressionante a incrível precisão delas, fundindo observação e imaginação de maneira peculiar e intensa.

Ocupam grande espaço as vívidas descrições de suas tentativas — mal-sucedidas, em última instância — de estabelecer uma relação produtiva com representantes da vida literária e artística, e com funcionários que nela desempenhavam algum papel. Fracassou sua intenção de com eles estabelecer vínculos estreitos, como correspondente da literatura e vida intelectual alemã em publicações russas. Concomitantemente, seguem suas ponderações — só aqui expostas em detalhes — acerca de uma possível filiação ao Partido Comunista Alemão, à qual, considerando prós e contras, foi finalmente levado a renunciar definitivamente. Reconheceu com exatidão os limites que não estava disposto a transpor.

Existe uma diferença nítida entre as expectativas otimistas que Benjamin nutria no início da viagem, quanto à forma que assumiriam suas relações com o meio literário moscovita, e as amargas decepções que a realidade local lhe reservava. Caracteriza bem seu otimismo a carta — até hoje inédita — que me escreveu em 10 de dezembro de 1926, apenas quatro dias após sua chegada, e que cedi para publicação neste livro — aliás, a única carta que me escreveu de Moscou. O que foi feito dessas expectativas nos é dado saber agora, através do relato preciso, neste diário, de seu penoso desenrolar. Benjamin perdeu, de

modo gradual mas nem por isso menos deprimente, todas as ilusões que havia nutrido.

O julgamento de Benjamin sobre suas experiências de Moscou deixa-se depreender — aliás, com muita clareza — a partir de uma carta que escreveu a Martin Buber, apenas três semanas após sua volta (em 23 de fevereiro de 1927), na qual anunciava a iminente conclusão de seu ensaio “Moscou” para a revista deste, *Die Kreatur*. Acredito que o balanço feito por Benjamin, segundo consta nesta carta, deva ser dado a público. Escreve ele: “Minha colocação guardará distância de toda e qualquer teoria. Espero conseguir, assim, deixar falar a criatura [*Das Kreatürliche*], até onde pude perceber e assimilar esta língua muito nova, que causa estranheza e ressoa alto, atravessando a máscara sonora de um meio ambiente que foi totalmente modificado. Quero, neste momento, apresentar a cidade de Moscou de tal forma que ‘todo o factual já seja teoria’, e, assim, me abster de qualquer abstração dedutiva, de qualquer prognóstico, e até, dentro de certos limites, de qualquer julgamento. É minha convicção inabalável que, neste caso, tudo isto não pode, de modo algum, ser formulado com base em ‘dados’ especulativos, mas somente com base em fatos econômicos — dos quais, até mesmo na Rússia, são poucos os que têm uma visão de conjunto bastante ampla. Moscou, como se apresenta neste momento, permite entrever, sob forma esquemática, todas as possibilidades — sobretudo as relativas ao fracasso ou êxito da Revolução. Em qualquer dos casos, porém, resultará algo imprevisível, cuja configuração será bem distinta de toda previsão programática, e isto delinea-se hoje sólida e nitidamente nos homens e no seu meio”.

Para o leitor de 1980 acrescenta-se ainda a percepção mais aguda, que no diário surge apenas em estado embrionário, de que quase todas as pessoas com as quais Benjamin chegou a estabelecer contatos — aliás, conscientemente ou não, todos judeus, quase sem exceção — pertenciam à oposição, seja a política, seja a artística, que, nessa época, ainda podiam ser consideradas como coisas distintas. Até onde pude seguir seus destinos, todos — seja como trotskistas, seja sob outros rótulos — mais cedo ou mais tarde iriam se tornar vítimas do domínio de Stalin, que naquela época já começava a se consolidar. Sua própria amiga Asja Lacis seria forçada, mais tarde, a passar muitos anos num campo de prisioneiros, durante os “expurgos” stalinistas. Benjamin não podia escapar, ainda, da percepção cada vez mais nítida do oportu-

nismo — ditado por medo ou cinismo — de vários de seus companheiros mais importantes, o que o levou, afinal, a confrontações violentas, inclusive com Asja.

O relacionamento nada fácil de Benjamin com Bernhard Reich, um diretor de teatro muito inteligente (ele trabalhara no Deutsches Theater, em Berlim) e companheiro de Asja Lacis (e, por fim, nos últimos anos, seu marido), foi da maior importância para suas atividades em Moscou, e intelectualmente mais elucidativo do que aquele que manteve com sua amiga, que, como o diário deixa claro, não tinha acesso a tantos contatos como Reich. Mesmo seu relacionamento com este sofreu, já em janeiro de 1927, uma ruptura interna, mascarada somente com muito esforço.

No centro deste diário encontra-se, sem dúvida, o relacionamento entre Benjamin e Asja Lacis (1891-1979), que se revela infinitamente problemático. Alguns anos atrás, ela publicou um livro de memórias, *Revolutionär im Beruf* [Revolucionária profissional], no qual dedica um capítulo a Walter Benjamin. Para o leitor daquele capítulo, este diário certamente será uma surpresa amarga e deprimente.

Benjamin conheceu Asja Lacis em maio de 1924, em Capri. Nas cartas que de lá me escreveu, faz alusão a ela, sem mencionar-lhe o nome, como “uma letã bolchevista de Riga” e, no que se refere a uma “compreensão profunda da atualidade de um comunismo radical”, caracteriza-a como uma “revolucionária russa de Riga, uma das mulheres mais marcantes que já conheci”. Ela teve, indubitavelmente, uma influência decisiva sobre a vida dele a partir daquele momento até 1930, pelo menos. Estiveram juntos ainda em Berlim em 1924, em Riga no ano de 1925, e, talvez, de novo em Berlim, antes da viagem de Benjamin a Moscou, viagem que fez principalmente para vê-la. Ela foi, juntamente com Dora Kellner e Julia Cohn, a terceira mulher a ter uma importância central na sua vida. A atração erótica por ela unia-se à influência intelectual poderosa que Asja exercia sobre ele, a julgar pela dedicatória de seu livro *Rua de mão única*: “Esta rua chama-se rua Asja Lacis em homenagem àquela que, como engenheiro, abriu-a no autor”. No entanto, é justamente essa dimensão intelectual da mulher amada que o *Diário* não nos permite ver com clareza e compreender. Como história de uma corte que permaneceu frustrada quase até o final de sua permanência em Moscou, o diário é de uma intensidade desesperada. Desde a chegada de Benjamin em Moscou até

pouco antes de sua partida, Asja encontra-se doente e hospitalizada num sanatório, mas não nos é dado saber nada sobre a natureza de sua doença. O tempo que ficam juntos, eles o passam, em grande parte, no quarto dela no hospital, apenas em poucas ocasiões ela o visita no hotel. A filha dela, de um relacionamento anterior — segundo minha estimativa, contando oito ou nove anos — também está adoentada e encontra-se numa clínica infantil fora de Moscou. Asja Lacis fica, assim, afastada de qualquer participação ativa em seus empreendimentos. Só lhe resta o papel de ouvinte de seus relatos, destinatária quase sempre esquiva de sua corte e, por fim, de freqüente adversária em dolorosas brigas. O tempo que espera em vão por Asja, a eterna repulsa, até mesmo uma considerável dose de cinismo erótico, tudo anotado na crônica com desesperada exatidão, faz com que a ausência de qualquer delineamento convincente do perfil intelectual de Asja se torne duplamente enigmático. Isto é confirmado por todas as pessoas que viram Benjamin e Asja juntos e me contaram suas impressões: são unânimes em seu espanto em relação a esse casal de namorados que só brigava. E isto acontecia nos anos 1929 e 1930, quando ela foi a Berlim e Frankfurt e Benjamin se divorciou por sua causa! Uma parte do enigma permanece sem explicação, o que, aliás, é inteiramente apropriado a uma vida como a de Walter Benjamin.

Gershom Scholem

Jerusalém, 1º de fevereiro de 1980

DIÁRIO DE MOSCOU¹

9 de dezembro. Cheguei no dia 6 de dezembro. No trem, memorizei o nome e o endereço de um hotel para o caso de ninguém estar me esperando na estação. (Na fronteira, fizeram com que eu pagasse a diferença de preço e viajasse na primeira classe, sob a alegação de que não havia mais lugar na segunda.) Fiquei aliviado por ninguém me ter visto descer do vagão-leito. Mas nem na saída da plataforma havia alguém. Não estava demasiadamente nervoso. Então, quando saía da estação bielo-russo-báltica, vi Reich² vindo em minha direção. O trem havia chegado sem um segundo de atraso. Colocamos as duas malas e nos acomodamos num trenó. O degelo havia começado neste dia, fazia calor. Tínhamos andado só alguns minutos pela ampla Tverskaia, quando Asja³ acenou da calçada. Reich desceu e andou a pé a pequena

(1) Benjamin escreveu primeiro, como ainda se pode ler apesar de riscado, *Diário de Moscou*. Se a mudança para *Viagem espanhola*, efetuada mais tarde, talvez anos mais tarde, se deu por razões de segurança, políticas ou particulares, se resultou da intenção de caracterizar metaforicamente suas experiências moscovitas, se se trata de uma alusão literária, ou se houve a conjunção de todos estes motivos e outros imagináveis — esta questão depende de interpretação e pode apenas ser colocada, mas não respondida com qualquer pretensão de certeza.

(2) Bernhard Reich (1880-1972), dramaturgo, diretor e crítico de teatro. Benjamin conheceu-o em 1924, em Berlim, onde Reich trabalhava no Deutsches Theater. Em 1925, Reich e Benjamin escreveram juntos o artigo "Revue oder Theater" (agora em *Gesammelte Schriften* IV, pp. 796-802). A partir de 1926, Reich passou a viver na União Soviética.

(3) Asja Lacis (1891-1979), atriz e diretora de teatro letã, foi companheira de Bernhard Reich. "Uma letã bolchevique de Riga é a pessoa mais notável...", escreveu Benjamin a Scholem, quando a conheceu em 1924, em Capri. "Conversei com a bolchevique até as doze e trinta" (*Briefe*, 347-8). Segundo as memórias de Asja, Benjamin encontrou-a várias vezes no outono de 1924, em Berlim (ver Asja Lacis, *Revolutionär im Beruf*, München, 1971). Um ano depois, visitou-a em Riga, onde ela dirigia um teatro de agitação e propaganda ilegal. Durante a permanência de Asja em Berlim, em 1928-30, Benjamin viveu com ela durante aproximadamente dois meses.

distância até o hotel; nós fomos de trem. Asja não estava bonita, selvagem debaixo de um gorro de pele russo, o rosto ligeiramente inchado devido ao longo período em que havia ficado acamada. Não nos detivemos por muito tempo no hotel e fomos tomar chá numa assim chamada confeitaria, perto do sanatório.⁴ Falei-lhe sobre Brecht. Depois, Asja, que havia escapado durante o horário de repouso, entrou no sanatório por uma escada lateral, a fim de não ser percebida, enquanto Reich e eu subimos pela escadaria principal. Ali, pela segunda vez, travo contato com o hábito de tirar as galochas. A primeira vez foi no hotel, onde, aliás, só deixamos as malas: um quarto nos foi prometido para a noite. A companheira de quarto de Asja, uma corpulenta operária têxtil, estava ausente; só a veria no dia seguinte. Ali ficamos, pela primeira vez, alguns minutos sozinhos sob o mesmo teto. Asja dirigia-me um olhar bastante amável. Alusões à conversa decisiva em Riga. Depois, Reich me acompanhou ao hotel, comemos algo em meu quarto e fomos ao Teatro Meyerhold.⁵ Era o primeiro ensaio geral de *O inspetor-geral*.⁶ Não consegui uma entrada para mim, apesar das tentativas de Asja. Subi, então, a Tverskaia em direção ao Kremlin por meia hora e voltei, cuidadosamente soletrando os letreiros das lojas e andando cautelosamente sobre o gelo liso. Depois, muito cansado (e provavelmente triste), voltei para o meu quarto.

No dia 7 de manhã, Reich veio me buscar. Itinerário: Petrovka (para o registro na polícia), Instituto da Kameneva⁷ (para um lugar de 1,50 rublo no Instituto da Cultura; conversei, ainda, com o representante local para a Alemanha, um grande asno), depois, pela ulitsa (rua) Herzena, até o Kremlin, passando pelo inteiramente malogrado mausoléu de Lenin até avistar a Catedral de Santo Isaac. Retorno pela Tverskaia, entrando pelo bulevar Tverskoi até a Casa Herzen,⁸ sede da

(4) Após um colapso nervoso em setembro de 1926, Asja viveu no Sanatório Rott, perto da rua Gorky.

(5) O ator, diretor e administrador de teatro Vsevolod Emilevich Meyerhold (1874-1942) teve desde 1923 um teatro próprio à sua disposição, o Teatr imeni Meyerholda (TIM).

(6) Os ensaios para a montagem de Meyerhold de *O inspetor-geral*, escrita em 1836 por Nikolai Gogol, duraram um ano e meio. Ver Vsevolod Meyerhold, *Theaterarbeit 1917-1930*, ed. Rosemarie Tietze, München, 1974.

(7) Outro nome para VOKS — Vsesoiuznoe obshchestvo kulturnoi svyazis zagranitse (Sociedade pan-russa para as relações culturais com o exterior), 1925-58, que foi dirigida de 1925 a 1929 por Olga Kameneva (1883-1941), a irmã de Trotsky.

(8) A Casa Herzen, cujo nome é uma homenagem ao escritor Aleksandr Herzen (1812-1870), era na época um dos locais de reunião da VAPP.

Associação Federal dos Escritores Proletários, VAPP.⁹ Comida boa, da qual pouco pude desfrutar devido ao grande esforço que o passeio pelo frio me custara. Apresentaram-me Kogan,¹⁰ que me fez uma preleção sobre sua gramática romena e seu dicionário russo-romeno. Os relatos de Reich, que mal consigo acompanhar devido ao cansaço provocado por nossos longos passeios, são infinitamente vívidos, repletos de detalhes e de anedotas mordazes e simpáticas. Histórias de um funcionário da Fazenda que, nas férias da Páscoa, celebra a missa em sua aldeia como pope. E: a condenação de uma costureira que matou o marido alcoólatra e o arruaceiro que atacou um casal de estudantes na rua. E, ainda: a história da encenação por Stanislavsky da peça sobre guardas brancos:¹¹ foi mandada para os censores e apenas um deles a examinou, devolvendo-a com a observação de que deveria sofrer certas modificações. Meses depois, efetuadas as modificações, foi por fim reapresentada à censura. Veto. Stanislavsky a Stalin: estava arruinado, investira todo o seu capital na peça. Stalin, por sua vez: “a peça não é perigosa”. Estréia, sob protestos dos comunistas, que são afastados pela milícia. História da novela *à clé* sobre o caso Frunze,¹² que presumivelmente fora publicada contra sua vontade, a mando de Stalin... depois, as informações políticas: remoção, dos cargos executivos, de membros da oposição. Na mesma linha: afastamento de numerosos judeus, sobretudo do escalão médio. Anti-semitismo na Ucrânia. — Depois da VAPP, completamente exausto, vou sozinho visitar Asja. Logo o quarto fica cheio. Chegam uma letã, que se senta ao lado de Asja na cama, e Chestakov¹³ com sua mulher; entre estes, de um lado, e Asja e Reich, de outro, começa uma violenta discussão, em russo, sobre a produção de *O inspetor-geral*, de Meyerhold. O ponto central da discussão é o uso que ele faz de veludos e sedas: catorze trajes para

(9) Vserossiiskaia assotsiatsiia proletarskikh pissatelei (Associação federal dos escritores proletários), fundada em 1920.

(10) Petr Semenovitch Kogan (1872-1932), historiador da literatura e crítico, professor de filologia germânica e românica nas universidades de Petersburgo e Moscou; presidente da Academia de Artes desde sua fundação em 1921.

(11) Trata-se aqui da peça *Os dias dos Turbini (Dni Turbinych)*, montada por Konstantin Stanislavsky (1863-1938), uma versão teatral do romance *A guarda branca* (1924) de Mikhail Bulgakov (1891-1940).

(12) Mikhail V. Frunze (1885-1925), general e alto funcionário do Partido; mais tarde, ministro da Guerra e da Marinha.

(13) Viktor A. Chestakov (1898-1957), de 1922 a 1927 cenógrafo principal do Teatro da Revolução e, depois, do Teatro Meyerhold (até seu fechamento em 1937).

sua mulher;¹⁴ além do mais, a encenação dura cinco horas e meia.¹⁵ Após a refeição, Asja vem ao meu quarto; Reich também está presente. Antes de sair, ela me conta a história de sua doença. Reich a leva ao sanatório e volta. Estou deitado — ele quer trabalhar. Mas logo interrompe o que faz e conversamos sobre a situação dos intelectuais aqui e na Alemanha; e sobre as técnicas de produção literária em ambos os países. Em seguida, sobre as hesitações de Reich quanto a se filiar ao Partido. Seu tema constante é a reacionária mudança de rumo do Partido em assuntos culturais. Os movimentos esquerdistas, úteis à época do comunismo de guerra, agora são completamente descartados. Só há pouco, os escritores proletários foram oficialmente reconhecidos como tais (a despeito de Trotsky) pelo Estado, deixando-se bem claro, porém, que não poderiam de maneira alguma contar com apoio governamental. Depois, o caso Lelevitch¹⁶ — as medidas contra a frente cultural esquerdista. Lelevitch escreveu uma obra sobre o método da crítica literária marxista. — Na Rússia, dá-se a maior importância à tomada de posição política altamente matizada. Na Alemanha, um posicionamento político vago e genérico é suficiente, posicionamento este cuja exigência [seria], também lá, imprescindível. — Método para escrever na Rússia: expor amplamente o material e, se possível, nada mais. O grau de instrução do público é tão baixo que as formulações permanecem inevitavelmente incompreendidas. Na Alemanha, ao contrário, exige-se apenas uma coisa: resultados. Como se chegou a eles, ninguém quer saber. Daí o fato de que jornais alemães cedam apenas um espaço mínimo a seus repórteres; aqui, artigos de quinhentas a seiscentas linhas não são raros. A conversa prolongou-se por muito tempo. Meu quarto é bem aquecido e espaçoso, um lugar agradável de se ficar.

(14) Zinaida Raikh (1894-1945), a ex-mulher de Sergei Esenin, com frequência desempenhava o papel principal nas montagens de Meyerhold.

(15) Esta duração do espetáculo deve-se, sobretudo, ao acréscimo de cenas de outras peças de Gogol.

(16) Grigory Lelevitch (1901-1945), pseudônimo de Labori Gilelevitch Kalmanson. Lelevitch foi poeta, crítico, um dos editores da revista *Na postu* (*A postos*) e co-fundador do grupo de mesmo nome, surgido em 1923. Nas reformulações efetuadas em sua liderança, em 1926, Lelevitch perdeu sua posição dominante. Em 1928, foi excluído do Partido; morreu num campo de prisioneiros, em 1946.

8 de dezembro. De manhã, Asja esteve comigo. Dei-lhe presentes, mostrei-lhe rapidamente meu livro com a dedicatória.¹⁷ Ela não havia dormido bem à noite por causa de uma taquicardia. Também mostrei-lhe (e dei-lhe de presente) a sobrecapa do livro feita por Stone.¹⁸ Agradou-lhe muito. Depois veio Reich. Mais tarde fui com ele ao banco estatal para trocar dinheiro. Lá conversamos brevemente com o pai de Neumann. 10 de dezembro. Depois, através da recém-construída galeria, até a Petrovka. Na galeria há uma exposição de porcelanas. Mas Reich não pára em nenhum lugar. Na rua do Hotel Liverpool vejo pela segunda vez as confeitarias. (Aqui acrescento a história da visita de Toller a Moscou,¹⁹ que ouvi no primeiro dia. Foi recebido com incrível pompa. Pela cidade inteira, cartazes anunciavam sua chegada. Foi-lhe concedida uma equipe de assistentes, tradutores, secretárias, mulheres bonitas. Suas palestras são anunciadas. Ao mesmo tempo, porém, acontece em Moscou uma sessão do Comintern. Werner,²⁰ o inimigo mortal de Toller, está entre os delegados alemães. Ele providencia ou redige um artigo para o *Pravda*: Toller teria traído a Revolução, seria o culpado pelo fracasso de um governo soviético alemão. O *Pravda* acrescenta uma curta nota editorial: Desculpem-nos, não sabíamos disto. Em consequência, Toller torna-se *persona non grata* em Moscou. Chega a um auditório para fazer uma palestra, amplamente divulgada — o edifício está fechado. O Instituto da Kameneva o informa: Nossas desculpas, o salão não estava disponível hoje. Alguém se esqueceu de lhe telefonar.) Na hora do almoço, de novo na VAPP. Uma garrafa de água mineral custa um rublo. Depois, Reich e eu vamos visitar Asja. Para poupá-la, Reich arranja, muito contra a vontade dela e minha, uma partida de dominó entre nós dois, no salão de jogos do sanatório. Sentado ao lado dela, sinto-me como um personagem de um dos romances de Jacobsen. Reich joga xadrez com um célebre comunista de

(17) A dedicatória diz: “Esta rua chama-se rua Asja Lacis em homenagem àquela que, como engenheiro, abriu-a no autor”.

(18) O conhecido fotógrafo Sascha Stone fotografou a escultura *Cabeça*, de Julia Radt, que teve Benjamin como modelo; é dele também a foto da capa da primeira edição alemã de *Rua de mão única*.

(19) Ernst Toller (1893-1939) esteve em Moscou de março a maio de 1926. Suas peças teatrais eram freqüentemente encenadas nos palcos russos, no anos 20.

(20) Paul Werner é o pseudônimo de Paul Fröhlich (1884-1953). Seu ataque “*Pravda ob Ernst Tollere*” (“A verdade sobre Ernst Toller”), no *Pravda* de 20 de março de 1926, foi respondido por Toller seis dias depois: “*Pis'mo v redakciju*” (“Carta à redação”). A réplica de Werner, publicada na mesma página, “*Nas otvet Tolleru*” (“Nossa resposta a Toller”), termina em tom conciliatório com a enumeração das contribuições de Toller à causa revolucionária.

longa data, um homem que perdeu um olho na guerra ou na guerra civil e que está totalmente destruído e acabado, como muitos dos melhores comunistas daquele tempo que ainda não morreram. Asja e eu mal voltamos para o quarto dela quando Reich vem me buscar para visitarmos Granovsky.²¹ Asja acompanha-nos um pouco, descendo a Tverskaia. Numa confeitaria compro-lhe halewa [doce de origem turca] e ela volta. Granovsky é um judeu letão de Riga. Criou um tipo de teatro burlesco — exagerado, anti-religioso e, a julgar pelas aparências, um tanto quanto anti-semita — desenvolvido a partir da paródia de operetas populares. Sua atitude é decididamente ocidental, posiciona-se com ceticismo frente ao bolchevismo e a conversa gira principalmente em torno de teatro e questões salariais. Passa, a seguir, para o campo da moradia. O preço aqui é calculado por metro quadrado. O preço do metro quadrado é proporcional ao salário do inquilino. Além disso, o preço do aluguel e da calefação é triplicado quando se excede a cota de treze metros quadrados por pessoa. Granovsky não nos esperava mais, e em vez de uma refeição completa houve apenas um jantar frio, improvisado. Conversa com Reich no meu quarto sobre a *Enciclopédia*.²²

9 de dezembro. De manhã, Asja veio novamente. Dei-lhe algumas coisas e logo saímos para um passeio. Asja falou sobre mim. Na altura do Liverpool regressamos. Voltei, então, para casa; Reich já estava lá. Durante uma hora ambos trabalhamos — eu, na redação do artigo sobre Goethe. Depois fomos ao Instituto da Kameneva para tentar obter uma redução no preço do hotel para mim. Depois, almoço. Desta vez não na VAPP. A comida estava excelente, sobretudo a sopa de beterraba. Depois para o Liverpool e seu gentil proprietário, um letão. Fazia cerca de doze graus. Sentia-me bastante cansado após a refeição e não conseguiria mais — como pretendia — ir a pé até a casa de Lele-

(21) Aleksandr Granovsky (1890-1935), diretor do Teatro Acadêmico Judeu de Moscou. De um encontro posterior de Benjamin com Granovsky resultou o relato *Granovsky conta*, no qual refere-se ao encontro em Moscou: “Também hoje emana dele a calma cativante que me atraiu no seu apartamento moscovita, um ano e meio atrás. Porém, naquela época ainda não havia visto nenhuma de suas montagens, e seu interesse pelas primeiras impressões moscovitas do visitante era provavelmente mais definido do que o meu pelo teatro iídiche, que naquela época era apenas um conceito vago para mim” (*Literarische Welt*, 27.4.1928; agora em GSIV, pp. 518-22).

(22) Antes de sua viagem a Moscou, Benjamin foi incumbido, provavelmente por intermédio de Reich, de escrever um artigo sobre Goethe para a *Bolschaia sovetskaia entsiklopediia* (*Grande enciclopédia soviética*).

vitch. Tivemos que tomar uma condução por um pequeno trecho. Logo entramos por uma grande área de jardim ou parque com vários conjuntos de casas. Bem ao fundo, uma bonita edificação de madeira, preta e branca, com o apartamento de Lelevitch no primeiro andar. Ao entrarmos, encontramos Besymensky,²³ que estava de saída. Uma pequena escada íngreme de madeira e, imediatamente atrás de uma porta, a cozinha com estufa. Depois, um vestibulo rústico repleto de casacos; em seguida, passando por um cômodo, aparentemente um quarto de dormir, entramos no escritório de Lelevitch. É difícil descrever sua aparência. Bastante alto, vestindo uma túnica russa azul, movimentava-se pouco (além disso, a pequena sala repleta de gente o condena a ficar na cadeira em frente à escrivaninha). O mais curioso é seu rosto, de traços largos, aparentemente desarticulado. O queixo é tão comprido que provavelmente jamais vi outro igual, a não ser o do doente Grommer,²⁴ e é pouco marcado. Aparenta muita calma, mas nota-se nele toda a mudez dilacerante de um fanático. Faz várias perguntas a Reich sobre mim. No lado oposto da sala há duas pessoas sentadas numa cama, uma delas, de túnica preta, é jovem e muito bonita. Só membros da oposição literária estão reunidos aqui para fazer-lhe companhia durante as últimas horas antes de sua partida. Foi transferido. Inicialmente, ia para Novosibirsk. “Você precisa”, haviam dito a ele, “não de uma cidade, com sua esfera de ação inevitavelmente limitada, mas de todo um distrito administrativo”. Mas conseguiu evitar isto, e agora, “à disposição do Partido”, enviam-no a Saratov, a 24 horas de Moscou, sem que saiba ainda se vai trabalhar como redator, vendedor numa cooperativa estatal de produção ou outra coisa. Sua mulher passa a maior parte do tempo na sala ao lado recebendo mais visitantes — é uma criatura de expressão bastante enérgica, mas ao mesmo tempo harmoniosa; baixa, uma típica russa meridional. Ela vai acompanhá-lo durante os primeiros três dias. Lelevitch possui o otimismo do fanático: lamenta não poder ouvir o discurso que Trotsky pronunciará no dia seguinte no Comintern, em favor de Zinoviev,²⁵

(23) Aleksandr Ilich Bezymensky (1898-1973), poeta e ativista. Em 1926 pertenceu à mesma facção literária que Lelevitch dentro da VAPP.

(24) O russo Jacob Grommer (1879-1933), depois de estudar matemática na Alemanha, trabalhou durante algum tempo como assistente de Albert Einstein. A aparência incomum de seu rosto (também confirmada por Scholem) decorria de uma doença, provavelmente acromegalia.

(25) Trotsky (1879-1940), Grigory Zinoviev (1883-1936) e Lev Kamenev (1883-1936) eram naquela época os líderes da “oposição” a Stalin.

e julga que o Partido está às vésperas de uma remodelação. Na despedida, no vestibulo, peço a Reich que lhe diga umas palavras amáveis. Depois fomos até Asja. É possível que só então tenhamos jogado dominó. À noite, Reich e Asja queriam me visitar. Mas só Asja veio. Dei-lhe presentes: uma blusa, uma calça. Conversamos. Noto que ela, no fundo, não esquece de nada que nos diga respeito. (À tarde, dissera que achava que eu estava bem, que não era verdade que eu estivesse passando por uma crise.) Antes de partir, leio para ela o trecho sobre rugas de *Rua de mão única*.²⁶ Ajudo-a a calçar as galochas. Eu já estava dormindo quando Reich chegou, perto da meia-noite, com notícias tranquilizadoras que eu deveria transmitir a Asja na manhã seguinte. Ele havia feito os preparativos para sua mudança, pois mora junto com um louco, o que complica insuportavelmente as já difíceis condições de moradia.

10 de dezembro. De manhã fomos visitar Asja. Como as visitas não são permitidas logo de manhã, falamos com ela por um minuto no vestibulo. Está muito cansada após o banho de ácido carbônico, que tomou pela primeira vez e lhe fez muito bem. Depois, novamente para o Instituto da Kameneva. O documento que me possibilitaria a redução no preço do hotel deveria estar pronto, mas não está. Em compensação, mantive uma conversa bastante longa sobre assuntos de teatro com o homem desocupado e a jovem na ante-sala. Eu deveria ser recebido pela própria Kameneva no dia seguinte e esforços são feitos para providenciar-me entradas de teatro para logo mais à noite. Infelizmente não há nenhuma disponível para o teatro de opereta. Reich me deixa na VAAP; lá, passo duas horas e meia com minha gramática russa;

(26) A passagem é a seguinte: “Quem ama não se apega apenas aos ‘erros’ da amada, não apenas aos caprichos e às fraquezas de uma mulher; rugas no rosto e sardas, vestidos surrados e um andar torto o prendem de maneira mais durável e mais inexorável do que qualquer beleza. Isso se sabe há muito tempo. E por quê? Se é correta a teoria segundo a qual os sentimentos não estão localizados na cabeça — que sentimos uma janela, uma nuvem, uma árvore não no cérebro, mas antes naquele lugar onde as vemos —, então estamos também nós, ao contemplarmos a mulher amada, fora de nós mesmos. Agora, porém, num tormento intenso e arrebatador. Ofuscado pelo esplendor da mulher, o sentimento voa como um bando de pássaros. E assim como os pássaros procuram abrigo nos esconderijos frondosos da árvore, também se recolhem os sentimentos, seguros em seu esconderijo, nas rugas, nos movimentos desajeitados e nas máculas singelas do corpo amado. Ninguém, ao passar, adivinaria que justamente ali, naquilo que é defeituoso, censurável, aninham-se os dardos velozes da adoração” (GS IV, p. 92).

ai, ele volta com Kogan, para almoçar. Vejo Asja à tarde, mas por pouco tempo. Ela brigou com Reich por causa do problema de moradia e me manda embora. Leio Proust no quarto, comendo muito marzipã. À noite, vou ao sanatório e, na entrada, encontro Reich, que saíra para comprar cigarros. Esperamos no corredor por alguns minutos até que Asja venha. Reich coloca-nos no bonde e vamos para o estúdio de música. Somos recebidos pelo administrador. Mostra-nos uma carta de congratulações de Casella,²⁷ em francês, guia-nos por todas as dependências do estúdio (o vestibulo já está lotado de público muito antes do início do espetáculo; são pessoas que vêm para o teatro diretamente do trabalho), mostra-nos também a sala de concertos. Um tapete extraordinariamente vistoso, bastante feio, cobre o chão do vestibulo. Provavelmente um Aubusson valioso. Nas paredes, quadros antigos autênticos (um deles sem moldura). Aqui, como aliás também na sala oficial de recepção do Instituto para Relações Culturais com o Estrangeiro, vemos móveis muito valiosos. Nossos lugares são na segunda fileira. Será apresentada *A noiva do czar*, de Rimsky-Korsakov, a primeira ópera montada por Stanislavsky ultimamente. Conversa sobre Toller: como Asja o levou para passear, como ele queria dar-lhe algo de presente e ela escolheu o cinto mais barato, as observações tolas que ele fez. Vamos para o vestibulo num dos intervalos. Mas há três. São longos demais e cansam Asja. Conversa sobre o xale amarelo-ocre, italiano, que ela está usando. Digo-lhe que ela não se sente à vontade na minha presença. No último intervalo, o administrador aproxima-se de nós. Asja conversa com ele. Ele me convida para a próxima produção (*Eugênio Onegin*). À saída, dificuldades no vestiário do teatro. Dois empregados formam uma barreira no meio da escada para organizar o fluxo da multidão em direção aos minúsculos vestiários. Volta para casa da mesma maneira que viemos, num bonde pequeno e não aquecido, com as janelas cobertas de gelo.

11 de dezembro. Algumas palavras sobre as características de Moscou. Nos primeiros dias, tive de me acostumar, sobretudo, a andar sobre a camada de gelo que cobre totalmente as ruas. Preciso tomar tanto cuidado com meus passos que mal posso olhar em volta. Ontem foi me-

(27) Alfredo Casella (1883-1947), músico e compositor italiano.

lhor, pois Asja me comprou um par de galochas (estou escrevendo no dia 12), o que não foi tão difícil quanto Reich havia imaginado. As numerosas casas de um ou dois andares são típicas da arquitetura da cidade, dando-lhe uma aparência de cidade de veraneio; olhando-se para elas sente-se o frio em dobro. Frequentemente a pintura delas é multicolorida, mas em tons pálidos: sobretudo vermelho, mas também azul, amarelo (e, como Reich sempre diz), verde. A calçada é surpreendentemente estreita, são tão avarentos com o espaço ao nível do chão quanto generosos com o espaço acima dele. Ademais, o gelo forma uma camada tão espessa na frente das casas que parte da calçada fica inutilizável. Aliás, não há uma demarcação clara entre a calçada e o leito da rua: neve e gelo abolem a diferença de nível. Diante das lojas estatais quase sempre há cordões: é preciso esperar na fila para comprar manteiga e outros artigos importantes. Existe uma infinidade de lojas e um número ainda maior de ambulantes, cuja mercadoria consiste em nada mais do que um cesto de roupa cheio de maçãs, tangerinas ou amendoins. Como proteção contra o frio, as mercadorias são cobertas com lã, sobre a qual são expostos dois ou três exemplares de cada artigo. Uma profusão de pães e doces: pãezinhos de todos os tamanhos, roscas, e, nas confeitarias, bolos pomposos. Esculturas fantásticas ou flores são feitas com cobertura de açúcar. Ontem à tarde fui a uma confeitaria com Asja. Lá servem chantilly em taças. Ela pediu suspiros; eu, café. Estávamos sentados frente a frente, numa mesinha no centro da sala. Asja lembrou-me de minha intenção de escrever algo contra a psicologia, e me dei conta novamente do quanto a possibilidade de enfrentar esses temas dependia de meu contato com ela. De resto, não nos foi possível permanecer naquele café tanto quanto pretendíamos. Deixei o sanatório não às quatro, mas só às cinco horas. Reich queria que esperássemos por ele, não estava certo se teria uma reunião. Finalmente saímos. Olhamos vitrines na Petrovka. Uma loja maravilhosa de objetos de madeira atraiu minha atenção. Pedi e Asja me comprou um cachimbo minúsculo. Quero voltar lá depois para comprar brinquedos para Stefan e Daga.²⁸ Lá tem aqueles ovos russos que se encaixam uns nos outros, caixinhas que podem ser colocadas umas dentro das outras, animais entalhados em madeira bonita e ma-

(28) Stefan (1919-1972) era o filho de Walter e Dora Benjamin (1890-1964); Daga, a filha de Asja Lacis.

cia. Em outra vitrine, viam-se rendas russas e xales bordados cujos desenhos, segundo Asja, as mulheres dos camponeses copiam das flores de gelo estampadas pela neve em suas janelas. Este já era nosso segundo passeio do dia. De manhã, Asja viera me ver, havia escrito a Daga e, em seguida, como o tempo estava bom, passeamos um pouco na Tverskaia. Na volta, paramos diante de uma loja onde havia velas de Natal. Asja fez comentários sobre elas. Mais tarde, com Reich, de novo no Instituto da Kameneva. Finalmente recebo meu desconto para o hotel. À noite, queriam me levar para ver *Cimento*.²⁹ Mais tarde, porém, Reich achou que um espetáculo de Granovsky seria melhor, pois Asja queria ir ao teatro, e *Cimento* seria excitante demais para ela. Mas, quando tudo já estava acertado, Asja não se sentiu muito bem, de modo que fui sozinho, enquanto Reich e ela iam para meu quarto. Foram apresentadas três peças de um ato, das quais as duas primeiras estavam abaixo de qualquer crítica; a terceira, uma assembléia de rabinos, espécie de comédia musical com melodias judaicas, parecia bem melhor, mas não entendi o enredo e estava tão cansado, por causa do dia e dos intervalos intermináveis, que adormeci em vários trechos. — Nesta noite, Reich dormiu no meu quarto. — Meu cabelo fica carregado de eletricidade aqui.

12 de dezembro. De manhã, Reich foi passear com Asja. Em seguida, vieram me ver — ainda não estava totalmente vestido. Asja sentou-se na cama. Alegrou-me muito a maneira como desfez minhas malas e arrumou minhas coisas. Ao fazê-lo, ela ficou com algumas gravatas que lhe agradaram muito. Depois contou como devorava literatura barata, publicada em série, quando era pequena. Para não ser descoberta pela mãe, escondia os livrinhos entre seus livros de escola, mas um dia comprou um grande volume encadernado, *Laura*, que acabou caindo nas mãos de sua mãe. Uma outra vez, saiu correndo no meio da noite para buscar na casa de uma amiga a continuação de um desses romances. O pai da amiga abriu a porta, desconcertado, perguntando-lhe afinal o que queria. Quando ela se deu conta do que estava fazendo, respondeu que nem ela mesma sabia. — Almoço com Reich em um

(29) Romance publicado em 1925, de Fyodor Gladkov (1883-1958). A resenha de Benjamin da tradução alemã deste romance foi publicada em junho de 1927 (GS III, pp. 61-3).

pequeno restaurante num porão. A tarde no sanatório deserto foi uma tortura. Com Asja ainda a habitual oscilação entre “você” e “a senhora”. Ela não estava passando bem. Mais tarde passeamos pela Tverskaia. Depois, sentados num café, houve uma acalorada discussão entre Reich e Asja, na qual ficou evidente a esperança de Reich de cortar todos os seus vínculos com a Alemanha para se concentrar exclusivamente em assuntos russos. À noite, sozinho com Reich no meu quarto: estudei o guia e ele trabalhou na crítica da montagem de *O inspetor-geral*. — Não há caminhões em Moscou, furgões de entrega etc. Tudo, das menores compras às maiores entregas, tem de ser transportado em minúsculos trenós conduzidos por um *izvozchik* [cocheiro].

13 de dezembro. De manhã, aperfeiçoei meu senso de orientação na cidade, fazendo um longo passeio pelos bulevares internos até o Correio Central e de volta pela praça Lubianka até a Casa Herzen. Desvendei o enigma do homem com o tabuleiro de caracteres russos: ele vendia letras que as pessoas colocam nas galochas para evitar trocas. Durante o passeio, novamente atraíram minha atenção as numerosas lojas de enfeites para árvores de Natal, várias das quais já vira por toda a Amskaia Tverskaia, uma hora antes, em um rápido passeio com Asja. Os enfeites às vezes parecem mais brilhantes por detrás das vitrines do que pendurados nas árvores. Neste passeio pela Amskaia Tverskaia encontramos um grupo da Komsomol,³⁰ marchando ao som de uma música que, à semelhança daquela das tropas soviéticas, parece consistir em uma combinação de assobios com canto. Asja falou de Reich. Encarregou-me de levar para ele a última edição do *Pravda*. À tarde, no quarto de Asja, Reich nos leu sua crítica preliminar da montagem feita por Meyerhold de *O inspetor-geral*. Está muito boa. Antes, enquanto ele dormia na cadeira do quarto de Asja, eu havia lido trechos da *Rua de mão única* para ela. Durante meu longo passeio, pela manhã, notei ainda: feirantes, camponesas ao lado de seus cestos de mercadorias (às vezes, também, um trenó como aqueles que se usam aqui, no inverno, como carrinhos de bebê). Nos cestos estão maçãs, balas, nozes, bonecos de açúcar, meio escondidos debaixo de um pano.

(30) Kommunisticheskii soiuz molodezhi, organização da juventude bolchevique da URSS.

Poder-se-ia pensar que uma avó carinhosa havia olhado à sua volta antes de sair de casa, escolhendo todas as coisas que poderia levar para o neto, a fim de lhe fazer uma surpresa; que havia pego todas elas e agora, a caminho, parara na rua um instante para descansar. Encontrei de novo os chineses que vendem flores artificiais de papel, como aquelas que trouxe de Marselha para Stefan. Mas aqui parecem ser mais comuns os animais de papel em forma de exóticos peixes de alto-mar. Há, ainda, homens com cestos cheios de brinquedos de madeira, carrinhos e pás: os carrinhos, amarelos ou vermelhos; as pás de brinquedo, amarelas ou vermelhas. Outros passam com feixes de cataventos coloridos nos ombros. Todos esses brinquedos são, aqui, mais simples e mais sólidos do que na Alemanha, sua origem camponesa é evidente. Numa esquina, encontrei uma mulher que vendia enfeites de árvore de Natal. As bolas de vidro, amarelas e vermelhas, cintilavam ao sol, parecendo um cesto encantador de maçãs, onde o vermelho e o amarelo passeavam, cada um, por um grupo diferente de frutas. Nota-se aqui, ainda, mais do que em outros lugares, uma relação mais imediata entre madeira e tinta, tanto nos brinquedos mais primitivos quanto nos laqueados mais elaborados. — Alguns mongóis parados junto ao muro de Kitai Gorod.³¹ Na terra deles, o inverno provavelmente não é menos rude, nem são as peles esfarrapadas que usam piores do que as dos nativos. Mesmo assim, são aqui as únicas pessoas que provocam em nós uma compaixão involuntária por causa do clima. Ficam a uma distância de não mais de cinco passos uns dos outros e vendem pastas de couro, todas absolutamente idênticas. Deve existir alguma organização por trás disso, pois dificilmente podem levar a sério esta concorrência inútil. Aqui, como em Riga, os letreiros das lojas ostentam uma bonita pintura primitiva: sapatos caindo de um cesto, um lulu fugindo com uma sandália na boca. Em frente a um restaurante turco há duas placas suspensas, mostrando homens com barretes enfeitados de meias-luas, sentados a uma mesa posta. Asja tem razão quando diz que o povo quer ver sempre, até nas propagandas, a representação de algo concreto. — À noite com Reich na casa de Illés.³² Mais tarde chegou também o diretor do Teatro da Revolução,³³ onde estreará,

(31) Literalmente, cidade dos chineses; bairro antigo de Moscou, que incluía a praça Vermelha e o Kremlin.

(32) Béla Illés (1895-1974), escritor húngaro.

(33) V. S. Starukhin.

no dia 30 de dezembro, a peça de Illés. Este diretor, um ex-general do Exército Vermelho, teve participação decisiva no aniquilamento de Vrangél³⁴ e foi mencionado duas vezes nas ordens do dia de Trotsky. Mais tarde, cometeu uma estupidez política que paralisou sua carreira; como anteriormente havia sido um homem de letras, recebeu este cargo de direção no teatro, posição, aliás, que não deve exigir dele muito esforço. Parece ser bastante tolo. A conversa não foi especialmente animada. Eu próprio, seguindo o conselho de Reich, fui cauteloso ao falar. Conversamos sobre a teoria da arte de Plekhanov. O aposento tem poucos móveis; o que mais chama a atenção é uma cama frágil de criança e uma banheira. O menino ainda estava acordado quando chegamos, foi colocado na cama mais tarde, gritando, mas não adormeceu enquanto estávamos lá.

14 de dezembro. (escrito no dia 15) Hoje não verei Asja. A situação no sanatório está ficando crítica; ontem à noite, ela só recebeu permissão para sair após longas discussões e, hoje de manhã, não veio me buscar como estava combinado. Queríamos comprar um tecido para seu vestido. Estou aqui há apenas uma semana e já tenho que enfrentar dificuldades crescentes para vê-la, quanto mais para vê-la sozinha. — Ontem de manhã, ela veio, apressada, agitada, mais perturbadora que perturbada, como acontece freqüentemente, como se tivesse medo de ficar um minuto em meu quarto. Acompanhei-a até a sede de uma comissão da qual recebera uma intimação. Contei-lhe o que soubera na véspera: que Reich estava na iminência de conseguir um novo cargo como crítico de teatro de uma revista extremamente importante. Passamos pela Sadovaia. No geral falei muito pouco. Ela contou com grande animação sobre seu trabalho no lar das crianças. Pela segunda vez, ouvi a história sobre uma dessas crianças, que teve o crânio fraturado por uma outra. Curiosamente, só agora compreendi esta história bastante simples (que poderia ter tido conseqüências desastrosas para Asja; mas os médicos acreditavam que a criança seria salva). Isso me acontece com freqüência: mal escuto o que fala pois fico olhando intensamente para ela. Asja expõe suas idéias: como as crianças deveriam ser divididas em grupos, porque é absolutamente impossível desenvol-

(34) Barão Petr Vrangél (1878-1928), general russo que apoiou a tentativa de Kornilov de derrubar o soviete de Petrogrado. Foi vencido por Trotsky e Stalin na última batalha importante da guerra civil, em 1920.

ver atividades nas quais as mais travessas — que ela chama de as mais dotadas — trabalhem junto com as outras. Elas se sentem entediadas com as coisas que absorvem totalmente as crianças normais. E é bem compreensível que Asja, como ela própria diz, obtenha os melhores resultados com as crianças mais travessas. Ela falou também de suas atividades literárias: três artigos para o jornal comunista letão que sai em Moscou. Esse jornal vai para Riga por meios ilegais e é muito útil para ela que seja lida lá. A sede da comissão fica na praça onde o bulevar Strasnoi cruza a Petrovka. Nesta, fiquei subindo e descendo por mais meia hora, esperando por Asja. Quando finalmente saiu, fomos ao Gosbank [banco estatal] a fim de trocar dinheiro. Naquela manhã sentia-me com muita energia e por isso consegui falar de maneira sucinta e calma sobre minha permanência em Moscou e sobre suas perspectivas imensamente reduzidas. Isto a impressionou. Contou que o médico que tratava dela e que a salvara, havia expressamente proibido que permanecesse na cidade, e ordenara-lhe que fosse para um sanatório na floresta. Ela, entretanto, havia permanecido, temendo a triste solidão da floresta e, também, por minha causa. Paramos diante de uma loja de peles onde Asja já se havia detido durante nosso primeiro passeio pela Petrovka. Pendurado na parede, estava um magnífico conjunto de pele, adornado com pérolas de várias cores. Entramos para perguntar o preço e ficamos sabendo que era um trabalho dos tungues (e não, portanto, um traje esquimó, como Asja havia presumido). O preço era 250 rublos. Asja o queria. Eu disse: “Se eu o comprar, tenho de partir agora mesmo”. Então, ela me fez prometer que um dia lhe daria um grande presente, que seria dela para o resto de sua vida. Para ir da Petrovka ao Gosbank passa-se por uma galeria, onde há uma loja que vende antigüidades em consignação. Na vitrine havia um esplêndido e raro armário marchetado estilo império. Mais adiante, no fim da galeria, porcelanas estavam sendo embrulhadas ou desembulhadas ao lado de mostradores de madeira. Enquanto voltávamos para o ponto de ônibus, alguns minutos muito bons. Depois, minha audiência na Kameneva. À tarde perambulo pela cidade: não posso ir até Asja, Knorin³⁵ está com ela — um comunista letão muito importante, membro do mais alto órgão de censura. (As-

(35) Vilis Knorin (1890-1938), alto funcionário do Partido e do governo; 1926-7, diretor da seção de propaganda do Comitê Central do Partido.

sim é hoje, também: enquanto escrevo isto, Reich está sozinho com ela.) Minha tarde termina no café francês da Stolechnikov diante de uma xícara de café. — Sobre a cidade: a arquitetura religiosa bizantina parece não ter desenvolvido um estilo próprio de janela. O efeito é mágico, mas pouco aconchegante; janelas profanas e triviais, nas torres e salões de assembléia das igrejas, que se abrem para a rua como janelas de salas de estar. Ali mora o sacerdote ortodoxo, como o bonzo em seu pagode. A parte inferior da Catedral de São Basílio poderia ser o andar térreo de uma magnífica mansão boiarda. As cruzes sobre as cúpulas parecem-se amiúde com gigantescos brincos pendurados no céu. — Luxo que se instalou na cidade empobrecida e sofrida, como tártaro numa boca doente: a loja de chocolates N. Kraft, a elegante boutique da moda na Petrovka, com seus grandes vasos de porcelana, frios e horríveis, por entre as peles. — O mendigo não é agressivo como no sul, onde a impertinência do esfarrapado trai ainda um vestígio de vitalidade. Aqui, trata-se de uma corporação de moribundos. Sobretudo nos bairros onde os estrangeiros têm seus negócios, as esquinas são cobertas de trouxas de farrapos, como se fossem camas num grande hospital a céu aberto chamado “Moscou”. A mendicância nos bondes é organizada de maneira diferente. Certas linhas circulares têm longas paradas no itinerário. Nelas, os mendigos entram sorrateiramente, ou uma criança coloca-se num canto do bonde e começa a cantar. Depois recolhe os copeques. Muito raramente vê-se alguém dando esmolas. A mendicância perdeu seu pilar mais poderoso: a consciência pesada da sociedade, que abre as carteiras mais facilmente que a piedade. — Galerias. Como as daqui, não se encontram em nenhum outro lugar: têm vários andares, mezaninos, que geralmente são tão desertos quanto aqueles das catedrais. — Os toscos calçados de feltro usados pelos camponeses e damas abastadas fazem as botas justas parecerem roupas íntimas, incômodas, como o espartilho. As *valenki* [botas de feltro] são vestimentas de luxo para os pés. Ainda a respeito das igrejas: quase todas são mal cuidadas, vazias e geladas como a Catedral de São Basílio quando a visitei. O brilho que agora só esporadicamente reflete dos altares para a neve permanece, porém, intacto nos aglomerados de barraquinhas de madeira. Em suas ruelas cobertas de neve reina o silêncio, só se ouve o murmúrio dos judeus comerciantes de roupas, cuja barraca é vizinha à da vendedora de artigos de papelaria, que, entronizada atrás de caixas prateadas, esconde o rosto com tiras de papel lami-

nado e papais-noéis de pano, como o fazem as orientais com seus véus. As barracas mais bonitas estavam na praça Arbatskaia. — Alguns dias atrás, no meu quarto, conversa com Reich sobre jornalismo. Kisch³⁶ revelou-lhe algumas regras de ouro, às quais acrescento outras: 1) Um artigo deve conter o maior número possível de nomes; 2) A primeira e a última frases devem ser boas, o meio não importa; 3) Deve-se aproveitar as associações e fantasias que um nome suscita como pano de fundo para a descrição que irá apresentá-lo como realmente é. Eu queria escrever aqui, junto com Reich, o programa de uma enciclopédia materialista, sobre a qual ele tem idéias excelentes. — Depois das sete chegou Asja. (Mas Reich foi junto ao teatro.) Foi apresentada a montagem de Stanislavsky de *Os dias dos Turbini*. Extraordinariamente bons os cenários em estilo naturalista; a representação, sem grandes defeitos ou méritos; o drama de Bulgakov, uma provocação absolutamente revoltante. Especialmente o último ato, no qual os guardas brancos se “convertem” em bolcheviques, tão insípido dramaticamente quanto mentiroso na concepção. A oposição dos comunistas à encenação é justificada e significativa. Se este último ato foi acrescentado por ordem da censura, como Reich desconfia, ou já existia originalmente, não é relevante para a avaliação da peça. (O público era notadamente diferente daquele que vi nos outros dois teatros. Não havia provavelmente um único comunista ali, não vi em nenhum lugar túnicas pretas ou azuis.) Nossos lugares eram separados e só me sentei ao lado de Asja durante o primeiro quadro. Depois Reich veio sentar-se comigo; ele achou que a tradução acabaria por cansá-la demais.

15 de dezembro. Depois de levantar, Reich saiu um pouco e eu tinha esperança de poder dar bom-dia a Asja sozinho. Mas ela não veio. À tarde, Reich soube que ela havia passado mal de manhã. Mas nem à tarde ele deixou que eu a visse. Passamos parte da manhã juntos; ele traduziu para mim o discurso de Kamenev no Comintern. — Só se conhece uma região depois de experimentá-la no maior número possível de dimensões. É necessário ter entrado num lugar a partir de cada uma das quatro direções para dominá-lo e, mais ainda, é preciso também sair dele por cada uma delas. De outro modo, ele vai aparecer ines-

(36) Egon Kisch (1885-1948) viajou pela União Soviética do outono de 1925 à primavera de 1926.

peradamente no caminho sem que estejamos preparados para encontrá-lo. Numa etapa mais adiantada, nós o procuramos e o utilizamos como ponto de referência. O mesmo ocorre com as casas. Só se descobre o que há nelas depois de se ter passado por várias outras, na tentativa de se orientar em direção a uma casa específica. Dos umbrais, pelos batentes das portas, em letras de diversos tamanhos, pretas, azuis, amarelas e vermelhas, como uma flecha, sob a forma de um par de botas ou de roupa recém-passada, de uma soleira gasta ou de um degrau de escada sólido, projeta-se uma vida silenciosa, obstinada, combativa. Também é preciso ter percorrido as ruas de bonde para perceber como este combate continua ao longo dos vários pavimentos, para finalmente, em sua fase decisiva, atingir os telhados. Nesta altura, somente os slogans e letreiros mais fortes e mais antigos mantêm-se firmes, e apenas de um avião vê-se a elite industrial da cidade (aqui uns poucos nomes). — De manhã na Catedral de São Basílio. Em cores quentes, familiares, a fachada reflete-se na neve. A regularidade do traçado faz surgir uma construção cuja simetria não pode ser apreendida visualmente a partir de nenhuma direção. Sempre retém algo e só pode ser surpreendida pelo olhar a partir de um avião, contra o qual os construtores esqueceram de se proteger. O interior da catedral foi não apenas esvaziado, mas estripado como uma caça abatida, e transformado em atraente “museu” a serviço da educação popular. Após a retirada da decoração — cujo valor artístico, a julgar pelos altares barrocos remanescentes, era nulo —, os coloridos arranjos florais que, como afrescos, pululam por todos os corredores e abóbadas, foram impiedosamente expostos; infelizmente, a pintura nas pedras, sem dúvida muito mais antiga, que nos espaços internos conservava timidamente a memória das espirais coloridas das cúpulas, foi desfigurada numa frivolidade rococó. Os corredores abobadados são estreitos, alargando-se repentinamente em nichos com altares ou em capelas circulares, nas quais penetra tão pouca luz das janelas altas que quase não se vêem os objetos de devoção que restaram. Existe, todavia, uma salinha clara, atravessada por um tapete vermelho, que contém ícones das escolas de Moscou e Novgorod, além de algumas provavelmente inestimáveis imagens do Evangelho: tapeçarias mostrando Adão e Cristo em branco sobre fundo verde, nus, mas sem órgãos genitais. Uma mulher gorda, de aparência camponesa, toma conta desta sala: eu teria gostado de ouvir as explicações sobre as imagens que dava a alguns proletários.

— Anteriormente, um pequeno passeio pelas galerias que são chamadas de “corredores comerciais superiores”. Tentei, sem sucesso, comprar umas figuras muito interessantes, cavaleiros coloridos feitos de barro, da vitrine de uma loja de brinquedos. Para almoçar, viagem de bonde ao longo da Moskova, passando pela Catedral do Redentor e atravessando a praça Arbatskaia. Voltamos à tarde quando já estava escuro, passeamos pelas fileiras de barracas, depois pela rua Frunze, passando pelo elegante Ministério da Guerra, e acabamos nos perdendo. Voltamos para casa de bonde. (Reich queria visitar Asja sozinho.) À noite, sobre uma camada fresca de gelo, para a casa de Pansky. À porta de sua casa, ele topa conosco: estava de saída para ir ao teatro com a mulher. Por causa de um mal-entendido, que só se esclarece no dia seguinte, pede que o procuremos em seu escritório nos próximos dias. Em seguida, para a grande casa na praça Strasnoi, visitar um conhecido de Reich. No elevador encontramos a mulher dele, que nos conta que o marido está numa assembléia. Mas, como a mãe de Sofia³⁷ mora no mesmo edifício — uma espécie de pensão imensa —, decidimos ir até lá dizer boa-noite. Como todas as salas que tenho visto (a de Granovsky, de Illés), também esta contém poucos móveis. Sua aparência desolada, pequeno-burguesa, torna-se ainda mais deprimente por ser escassamente mobiliada. Mas é essencial para a decoração pequeno-burguesa que seja completa: que as paredes estejam cobertas por quadros, o sofá por almofadas, as almofadas por capas, consoles por quinquilharias, as janelas por vidros coloridos. De tudo isto, conservaram-se apenas alguns itens aleatórios. Nesses aposentos que se parecem com hospitais militares após a última inspeção, as pessoas só suportam a vida porque sua maneira de viver as aliena de seu ambiente doméstico. Vivem mais no escritório, no clube, na rua. O primeiro passo sala adentro revela que a espantosa estreiteza presente no caráter resoluto de Sofia é um dom de família, da qual, aliás, se separou, ainda que não a tenha renegado. Na volta, Reich me conta a história dela. O irmão de Sofia é, precisamente, o general Krylenko, que inicialmente ficou do lado dos bolcheviques e prestou serviços inestimáveis à Revolução. Como seus talentos políticos eram bastante limitados, recebeu mais tarde o cargo honorário de promotor público. (Foi ele o promotor no

(37) Sofia Krylenko, irmã do comissário de justiça soviético Nikolai Krylenko. Esteve em Capri em 1924, assim como Benjamin e Asja.

caso Kindermann.)³⁸ A mãe dela também pertence, provavelmente, a alguma organização. Deve estar na casa dos setenta anos e ainda dá mostras de grande energia. É sob seu jugo que os filhos de Sofia estão sofrendo agora, empurrados de um lado para o outro entre a avó e a tia. Faz anos que não vêem a mãe. Ambos são fruto do primeiro casamento de Sofia com um nobre que lutou do lado dos bolcheviques na guerra civil e morreu. A filha mais nova estava lá quando chegamos. Ela é extremamente bonita, muito decidida e graciosa em seus movimentos. Parece ser bastante fechada. Uma carta de sua mãe havia acabado de chegar e ela a abriu, o que lhe valeu uma repreensão da avó, apesar da carta estar endereçada a ela. Sofia escreve que não lhe dão permissão para ficar na Alemanha por mais tempo. A família desconfia que ela trabalha ilegalmente; ela é uma calamidade e a mãe mostra-se muito preocupada. Da sala, uma vista maravilhosa da longa fileira de luzes no bulevar Tverskoi.

16 de dezembro. Estava escrevendo o diário e não acreditava mais que Asja viesse. Aí, ela bateu na porta. Quando entrou, quis beijá-la. Como sempre, não deu certo. Peguei um cartão que começara a escrever para Bloch³⁹ e dei-o a ela para que acrescentasse algo. Nova tentativa inútil de beijá-la. Li o que ela havia escrito. Respondendo sua pergunta, disse: “Melhor do que você escreve para mim”. E por causa desta “impertinência” ela acabou me beijando, me abraçando até. Tomamos um trenó para a cidade e fomos a muitas lojas da Petrovka para comprar um tecido para seu vestido, seu uniforme. Eu o chamo assim porque o vestido novo deve ter exatamente o mesmo corte do velho, que vem de Paris. Primeiro, fomos a uma loja estatal, onde, na metade superior das paredes, viam-se quadros com figuras de papelão em prol da união de operários e camponeses. As imagens seguiam o gosto acarado que prevalece aqui: foice e martelo, uma engrenagem e outras ferramentas são, absurdamente, reproduzidas em papelão encapado com veludo. Nesta loja só havia artigos para camponeses e proletários.

(38) Karl Kindermann era o principal acusado em um julgamento exemplar contra três jovens alemães que foram presos, em outubro de 1924, sob a alegação de terem planejado um atentado contra Lenin. Kindermann foi condenado à morte, mas não executado.

(39) Este cartão nunca chegou às mãos de Bloch. Foi enviado de volta a Benjamin como impossível de ser entregue. Ver a carta de Benjamin a Siegfried Kracauer de 23/2/1927, reproduzida no apêndice.

Ultimamente, sob o “regime econômico”,⁴⁰ não se produz outra coisa nas fábricas estatais. Os balcões ficam repletos de gente. Outras lojas, vazias, vendem tecidos só mediante cupons ou — a dinheiro — por preços exorbitantes. Asja ajuda-me a comprar, de um vendedor ambulante, uma pequena boneca, *vanka-vstanka* [joão-teimoso], para Daga; aproveito a oportunidade para comprar uma também para mim. De um outro vendedor, uma pomba de vidro para a árvore de Natal. Se me lembro bem, não conversamos muito. — Mais tarde, com Reich, para o escritório de Pansky. Ele havia solicitado nossa visita achando que se tratava de um assunto de negócios. Já que eu estava lá, ele me despachou para a sala de projeção onde mostravam filmes para dois jornalistas americanos. Infelizmente, quando consegui chegar lá em cima, após incontáveis preliminares, a projeção de *Potemkin*⁴¹ estava terminando; só vi a cena final. Seguiu-se *Dentro da lei*⁴² — um filme baseado num conto de London. A estréia em Moscou, alguns dias antes, havia sido um fracasso. Tecnicamente o filme é bom — seu diretor, Kuleshov, tem uma reputação excelente. Mas o enredo, pelo acúmulo de atrocidades, conduz o tema ao absurdo. Dizem que esse filme teria uma tendência anarquista contra o direito em geral. Ao final da apresentação, Pansky subiu pessoalmente à sala de projeção e me levou por fim ao seu escritório. Lá, a conversa teria se prolongado por muito tempo se eu não tivesse tido medo de me desencontrar de Asja. De qualquer forma, era tarde demais para almoçar. Quando cheguei ao sanatório, Asja já havia saído. Fui para casa e logo chegou Reich, pouco depois Asja também. Eles haviam comprado *valenki* e outras coisas para Daga. Conversamos em meu quarto sobre o tema do “piano” como peça de mobília que, nas casas pequeno-burguesas, é o verdadeiro centro dinâmico da tristeza que nelas reina, e de todas as catástrofes. Asja ficou eletrizada pela idéia: queria, junto comigo, escrever um artigo a respeito; Reich, usá-la num esquete. Por alguns minutos, Asja e eu ficamos sozinhos. Só me lembro de ter-lhe dito as palavras “de preferência, para sempre” e de ela ter rido tanto que

(40) Benjamin alude à NEP (Nova Política Econômica). A NEP foi introduzida por Lenin em 1921, para reavivar a economia arruinada pela guerra, através da permissão limitada de práticas capitalistas na administração de empresas.

(41) *Bronenosets Potemkin* (O encouraçado *Potemkin*), 1925, filme de Sergei Eisenstein (1898-1948).

(42) *Pozakonu* (*Dentro da lei*), filme de Lev Kuleshov (1899-1948), realizado em 1926 e baseado num conto de Jack London.

percebi: ela havia compreendido. À noite fui com Reich a um restaurante vegetariano cujas paredes estavam cobertas de slogans de propaganda. “Deus não existe — a religião é uma invenção — a criação não existe” etc. Reich foi incapaz de traduzir muitas das referências ao *Capital*. Mais tarde, em casa, consegui por fim telefonar a Roth,⁴³ com a ajuda de Reich. Ele me informou que partiria em viagem na tarde seguinte e, após algumas ponderações, não vi outra saída a não ser aceitar seu convite para um jantar às onze e meia em seu hotel. De outra forma, não me restaria qualquer esperança de poder falar com ele. Muito cansado, tomei um trenó por volta das quinze para meia-noite. Reich passara a noite lendo trechos de seus trabalhos para mim. Seu ensaio sobre o humanismo, que ainda se encontra em fase inicial, baseia-se na promissora questão: como pôde a *intelligentsia* francesa, uma pioneira da grande Revolução, ser desmantelada tão rapidamente após 1792 e transformada num instrumento da burguesia? Discutindo isso, ocorreu-me que a história dos “letrados” deveria ser apresentada de modo materialista como função da, e em estreita relação com, uma “história dos iletrados”. A origem desta última encontra-se na época moderna, no momento em que as formas medievais de dominação deixam de ser, simultaneamente, as formas de educação — não importa seu caráter (eclesiástico) — dos dominados. *Cuius regio eius religio* destrói a autoridade espiritual das formas seculares de dominação. Uma tal história dos iletrados nos ensinaria de que maneira um processo secular desenvolve a energia revolucionária a partir do casulo religioso das camadas incultas, e a *intelligentsia* reconheceria a si própria não simplesmente como o exército de desertores saído da burguesia, mas antes um posto avançado da “falta de cultura”. A viagem de trenó reanimou-me bastante. Roth já estava sentado na espaçosa sala de refeições. Com sua banda de música barulhenta, duas palmeiras gigantescas elevando-se até à metade da altura do salão, com bares e bufês coloridos, e mesas austeras postas com refinamento, o lugar parecia receber seus visitantes como um hotel de luxo europeu transplantado para os confins do Oriente. Tomei vodca, pela primeira vez na Rússia, comemos caviar, carne fria e compota de frutas. Considerando esta noite como um todo, a impressão que tive de Roth foi menos boa

(43) Joseph Roth (1894-1939), viajou pela União Soviética do final de agosto ao final de dezembro de 1926, a serviço do *Frankfurter Zeitung*. Série de artigos “Reise in Russland” em dezoito segmentos de 14/9/1926 a 19/1/1927.

aqui do que em Paris. Ou, o que é mais provável: aquilo que desta vez me causou surpresa, eu já estava ciente em Paris, embora tais coisas ainda estivessem encobertas. A conversa iniciada à mesa do jantar continuou com mais intensidade no seu quarto. Ele começou a ler para mim um longo artigo sobre o sistema educacional russo.⁴⁴ Examinei o quarto, a mesa estava coberta de sobras de um chá aparentemente farto, do qual pelo menos três pessoas deveriam ter participado. Roth aparentemente leva uma vida folgada; o quarto do hotel — tão europeu em sua decoração quanto o restaurante — deve custar muito caro, como cara deve ter sido sua longa viagem para colher informações, que se estendeu até a Sibéria, o Cáucaso e a Criméia. Na conversa que se seguiu à leitura, pressionei-o para que pusesse logo as cartas na mesa. O resultado foi, numa palavra: ele chegou à Rússia como bolchevique (quase) convicto e deixa o país como monarquista. Como de costume, o país tem de arcar com as despesas para a mudança da cor da convicção daqueles que chegam aqui como políticos cintilando um rosa-avermelhado (sob o signo de uma oposição “esquerdista” e de um otimismo imbecil). Seu rosto é marcado por muitas rugas e tem um desagradável aspecto bisbilhoteiro. Notei isso novamente quando o reencontrei, dois dias depois, no Instituto da Kameneva (ele fora obrigado a adiar sua partida). Aceitei sua oferta do trenó e voltei ao meu hotel por volta das duas horas. Existem ilhas de vida noturna na rua, em frente aos grandes hotéis e de um café na Tverskaia. O frio faz com que as pessoas se reúnam nesses locais.

17 de dezembro. Visita a Daga. Sua aparência está melhor do que nunca. A disciplina do lar para crianças tem um grande efeito sobre ela. Seu olhar é sereno e firme, o rosto muito mais cheio e menos exaltado. Sua surpreendente semelhança com Asja diminuiu. Levaram-me para conhecer o estabelecimento. Achei as salas de aula muito interessantes, com suas paredes parcialmente cobertas por inumeráveis desenhos e figuras de papelão. É como se fosse o muro de um templo, no qual as crianças oferecem seus próprios trabalhos como presentes para a coletividade. O vermelho é a cor dominante nesses lugares. Eles estão repletos de estrelas soviéticas e perfis de Lenin. Nas salas de aula,

(44) O artigo de Roth, “A escola e a juventude”, foi publicado no *Frankfurter Zeitung* de 18 e 19 de janeiro de 1927.

as crianças não se sentam em carteiras, mas em mesas com longos bancos. Dizem “Zdravstvuitie”⁴⁵ quando você entra. Como o estabelecimento não lhes fornece roupas, muitas têm um aspecto muito pobre. Perto do sanatório brincam outras crianças que vêm das propriedades camponesas vizinhas. Ida e volta a Mytishchi⁴⁶ de trenó, contra o vento. À tarde, no sanatório com Asja, bastante amuado. Partida de dominó a seis no salão de jogos. Jantar com Reich numa confeitaria, uma xícara de café e bolo. Cedo para a cama.

18 de dezembro. Asja veio de manhã. Reich já havia saído. Fomos comprar o tecido, após termos trocado dinheiro no Gosbank. Ainda no quarto, falei a Asja do mau humor de ontem. Esta manhã foi boa, tanto quanto possível. O tecido custou muito caro. No caminho de volta, fomos parar no meio de uma filmagem. Asja disse-me que isto deveria ser descrito, a maneira como as pessoas logo perdem a noção do tempo nestas ocasiões, acompanham a filmagem durante horas e então chegam atrapalhadas na repartição, incapazes de explicar por onde andaram. Isto parece bem provável quando se observa aqui quantas vezes uma reunião tem de ser marcada antes que finalmente aconteça. Que nada jamais aconteça como fora planejado e da maneira esperada — esta formulação banal das complicações da vida resulta aqui tão implacável e intensa em cada caso particular que o fatalismo russo torna-se logo compreensível. Por mais lentamente que se estabeleça em uma coletividade o avanço premeditado rumo à civilização, ainda assim este contribuirá, a princípio, apenas para complicar mais a existência individual. Em uma casa onde só há velas, você está melhor equipado do que numa que tem luz elétrica, pois o fornecimento de energia é interrompido a toda hora. Também existem pessoas aqui que não se importam com as palavras e aceitam calmamente as coisas como são. Crianças, por exemplo, amarrando seus patins na rua. Riscos que uma viagem de bonde oferece por aqui. Através dos vidros cobertos de gelo, você nunca pode ver onde está. Quando descobre, a passagem para a saída está bloqueada por uma massa de gente entalada. Como as pessoas sobem nos bondes por trás e descem pela frente, elas são obrigadas a abrir caminho na multidão e, para consegui-lo, dependem da

(45) Forma habitual de cumprimento, correspondente a “bom-dia”.

(46) Aldeia às margens do rio Yanza, na região de Moscou.

sorte e do uso desinibido da força física. Por outro lado, há certos confortos desconhecidos na Europa Ocidental. As mercearias estatais permanecem abertas até onze horas da noite e os edifícios residenciais até meia-noite ou mais. Existem locatários e sublocatários demais: é impossível dar a todos suas próprias chaves. — Observou-se que os pedestres aqui andam em ziguezague. Isto é simplesmente o resultado do excesso de transeuntes nas calçadas estreitas, tão estreitas como em nenhum outro lugar, exceto aqui e acolá em Nápoles. Elas dão a Moscou um ar provinciano ou, melhor, o caráter de uma metrópole improvisada, que adquiriu tal status da noite para o dia. — Compramos um tecido marrom de boa qualidade. Depois, fui ao Instituto, consegui uma carteirinha para o Meyerhold e ainda encontrei Roth. Depois do almoço joguei xadrez com Reich na Casa Herzen. Aí chegou Kogan com o jornalista. Invenientei que queria escrever um livro tratando da arte sob o regime ditatorial: da italiana sob o regime fascista, e da russa sob a ditadura do proletariado. Além disso, falei sobre os livros de Scheerbart e Emil Ludwig. Reich ficou extremamente aborrecido com essa entrevista e disse que eu — através de discussões teóricas supérfluas — havia perigosamente exposto minhas fraquezas. Até o momento, essa entrevista não foi publicada (estou escrevendo no dia 21), será preciso esperar pelas reações. — Asja não estava se sentindo bem. Uma paciente que havia enlouquecido em consequência de uma meningite, e que ela já conhecia do hospital, havia sido transferida para o quarto ao lado do seu. À noite, Asja havia provocado uma rebelião entre as outras mulheres, o que fez com que a paciente fosse removida. Reich levou-me ao Teatro Meyerhold, onde encontrei Fanny Elovaya.⁴⁷ Mas as relações do Instituto com o Meyerhold não andam boas: eles não haviam telefonado a tempo para o teatro e nós não conseguimos as entradas. Após uma parada rápida em meu hotel, fomos para a região de Krasnaia Vorota [Portão Vermelho] para assistir a um filme que, segundo Pansky, ultrapassaria o sucesso do *Potemkin*. Não havia mais lugares para aquela sessão. Compramos ingressos para a seguinte e fomos para o quarto de Elovaya, nas proximidades, tomar chá. O quarto era tão despojado como todos os outros que havia visto. Na parede cinza, a grande fotografia mostrando Lenin lendo o *Pravda*. Alguns livros na estante estreita; ao lado da porta, na parede menor, duas

(47) Provável referência a Nina Yermolaeva, que fez o papel de Avdotiza, na montagem feita por Meyerhold de *O inspetor-geral*.

malas de vime; encostada em uma das paredes maiores, uma cama; na outra parede maior, uma mesa e duas cadeiras. O tempo passado neste quarto, com uma xícara de chá e um pedaço de pão, foi o melhor da noite. O filme revelou-se obrzinha insuportável e, ainda por cima, foi projetado numa velocidade tão estonteante que era impossível vê-lo ou entendê-lo. Saímos antes do fim. A viagem de volta, de bonde, pareceu um episódio da época da inflação. No meu quarto, encontrei Reich, que novamente pernoitou comigo.

19 de dezembro. Não me lembro mais muito bem como transcorreu a manhã. Acho que vi Asja e então, após tê-la levado de volta ao sanatório, quis ir à galeria Tretiakov. Mas não a achei e vaguei, no frio cortante, pelos canteiros de obras, quartéis de instrução militar e igrejas da margem esquerda do Moskva. Vi soldados do Exército Vermelho fazendo seus exercícios e crianças que, no meio deles, jogavam futebol. Meninas saíam de uma escola. Em frente ao ponto onde finalmente tomei o bonde de volta para casa, havia uma reluzente igreja vermelha com um comprido muro vermelho voltado para a rua, uma torre e cúpulas. Fiquei ainda mais esgotado nessas minhas andanças porque carregava um pacotinho desajeitado com três casinhas de papel colorido que comprara com a maior dificuldade, pelo preço altíssimo de trinta copeques cada, em um armazém numa das principais ruas da margem esquerda. À tarde, no quarto de Asja. Saí para lhe comprar um bolo. Quando estava na porta, pronto para sair, notei o comportamento estranho de Reich, que nem respondera ao meu “até logo”. Atribuí-o a um mau humor. Quando ele deixara o quarto por alguns instantes, eu havia dito a Asja que ele provavelmente fora buscar o bolo, mas ele voltou sem nada, para grande decepção de Asja. Quando cheguei com o bolo alguns minutos depois, Reich estava deitado na cama. Tinha tido um ataque cardíaco. Asja estava muito agitada. Notei que ela se comportou, em relação a Reich, da mesma maneira que eu, antigamente, quando Dora ficava doente. Esbravejava, tentava ajudar de maneira impensada e provocadora, agindo como alguém que quer fazer com que o outro veja a injustiça que está cometendo pelo fato de ter ficado doente. Reich recuperou-se lentamente. Mas este incidente fez com que eu tivesse que ir sozinho ao Teatro Meyerhold. Mais tarde, Asja levou Reich ao meu quarto. Ele passou a noite na

minha cama e eu dormi no sofá que Asja arrumou para mim. — Embora reduzido em uma hora em relação à montagem de estréia, o *Inspetor-geral* ainda durou de quinze para as oito até depois da meia-noite. A peça foi dividida em três atos com o total de (se não me engano) dezesseis cenas.⁴⁸ Os inúmeros comentários de Reich haviam me proporcionado já uma razoável visão global desta montagem. Contudo, estranhei o luxo extravagante. Na verdade, o mais notável não era a opulência dos figurinos, mas sim a dos cenários.⁴⁹ Com pouquíssimas exceções, as cenas passavam-se no espaço minúsculo de um plano inclinado que, a cada mudança de cena, recebia um novo cenário de mogno em estilo império e uma nova decoração. Desta forma, surgiam vários quadros encantadores, de época, o que correspondia à orientação básica, não dramática e sociologicamente analítica, desta encenação. A ela atribui-se aqui grande significado, como adaptação de uma peça clássica para o teatro revolucionário, ao mesmo tempo em que consideram esta tentativa um fracasso. Assim, o próprio Partido deu sinais de que era contrário à encenação e a resenha moderada do crítico teatral do *Pravda* foi recusada pelo jornal. Os aplausos no teatro foram escassos, o que talvez seja consequência mais da orientação oficial do que da impressão inicial que a peça causou no público, pois a encenação foi certamente uma festa para os olhos. Isto certamente está relacionado com a atmosfera geral de cautela que reina por aqui quando se trata de expressar publicamente uma opinião. Se se perguntar a uma pessoa que não se conhece bem o que ela pensa de alguma peça de teatro ou filme insignificante, obtém-se apenas a seguinte resposta: “Por aí se diz que é assim ou assado” ou “em geral, as pessoas são desta ou daquela opinião”. O princípio que norteou a direção da peça, a concentração da ação num espaço muito restrito, leva a uma exuberante acumulação de méritos, para a qual não é pequena a contribuição dos atores. O ponto alto disso tudo foi uma cena de festa que, em termos de direção, é uma obra-prima. No espaço cênico reduzido, cerca de quinze pessoas amontoavam-se num grupo, entre pilares apenas sugeridos, feitos de papel. (Reich falou da superação da linearidade.) No todo, o efeito resultante é o da arquitetura de um bolo (uma comparação bem moscovita — só aqui há bolos que a tornam compreensível) ou, melhor

(48) A peça tem, na verdade, quinze cenas ou episódios.

(49) Os figurinos da montagem de *O inspetor-geral* foram desenhados pela estilista moscovita M. Lamanova e os cenários construídos por V. P. Kiselev, segundo projeto de Meyerhold.

ainda, o do agrupamento de bonequinhos dançando numa caixa de música ao som de um texto de Gogol. Aliás, há muita música ao vivo na peça e uma pequena quadrilha, quase no final, seria uma atração em qualquer teatro burguês; num teatro proletário, não se espera que apareça. As formas deste último despontam com maior evidência numa cena na qual uma comprida balaustrada divide o palco. À frente dela está o inspetor-geral; a massa, atrás, observando todos os seus movimentos e levando adiante um jogo muito expressivo com seu casaco — ora segurando-o com seis ou oito mãos, ora lançando-o sobre os ombros do inspetor encostado no corrimão. — A noite na cama dura transcorreu bem.

20 de dezembro. Estou escrevendo no dia 23 e não me lembro mais dos acontecimentos da manhã. Em vez de esboçá-los, algumas anotações sobre Asja e nosso relacionamento, embora Reich esteja sentado ao meu lado. Estou diante de uma fortaleza quase inexpugnável. No entanto, digo a mim mesmo que a minha simples presença diante desta fortaleza, Moscou, já significa um primeiro triunfo. Qualquer outro, no entanto, decisivo, parece quase impossível. A posição de Reich é forte, graças aos sucessos evidentes que pôde acumular, um após o outro, depois de um período de seis meses extremamente difícil, durante o qual, não sabendo a língua, passou frio e talvez até fome. Hoje de manhã disse-me que, após meio ano, espera achar um emprego aqui. Adapta-se com menos entusiasmo, mas com mais facilidade que Asja às condições de trabalho em Moscou. Nos primeiros tempos após sua chegada de Riga, Asja queria até voltar para a Europa imediatamente, tão inútil parecia-lhe a tentativa de conseguir emprego aqui. Então, quando o conseguiu, no lar para crianças, ela foi obrigada a deixar o serviço por causa da doença, após poucas semanas de trabalho. Se não tivesse se filiado ao sindicato um ou dois dias antes, não teria recebido cuidados médicos e poderia até ter morrido. É óbvio que ainda hoje se sente atraída pela Europa Ocidental. Não é só a atração por viagens, cidades estrangeiras e as vantagens de uma boêmia cosmopolita, mas também a influência libertadora que seu pensamento experimentou na Europa Ocidental, principalmente no contato com Reich e comigo. Como disse Reich outro dia, é um mistério que, estando aqui

na Rússia, Asja tenha conseguido desenvolver essa acuidade de percepção que demonstrou na Europa Ocidental. Para mim, Moscou agora é uma fortaleza: o clima cruel, que me afeta muito ainda que faça bem à minha saúde, o desconhecimento da língua, a presença de Reich, o modo de vida bastante limitado de Asja; são tantos os obstáculos que só mesmo a impossibilidade total de avançar mais — a doença de Asja, ou pelo menos sua fraqueza, que nos faz relegar a um segundo plano todos os assuntos pessoais que lhe concernem — é que faz com que tudo isso não me deixe completamente deprimido. Ainda não sei até que ponto atingirei o objetivo secundário de minha viagem, de fugir da melancolia mortal dos dias de Natal. Se me mantenho relativamente firme, é porque, apesar de tudo, percebo um interesse de Asja para comigo. O “você” entre nós parece afirmar-se, e o seu olhar, quando ela me observa demoradamente — não me recorde de nenhuma mulher que conceda olhares e beijos tão demorados —, não perdeu nada de seu poder sobre mim. Hoje disse-lhe que gostaria de ter um filho com ela. Certos gestos, raros mas espontâneos — e não sem significado, considerando-se o controle que ela agora se impõe em assuntos eróticos —, dizem-me que gosta de mim. Ainda ontem, quando eu quis sair de seu quarto para evitar uma discussão, segurou-me violentamente e passou suas mãos pelos meus cabelos. Também, com frequência, pronuncia meu nome. Uma vez, nesses últimos dias, disse-me que era somente culpa minha que não estivéssemos agora vivendo numa “ilha deserta”, já com dois filhos. Há alguma verdade nisso. Por três ou quatro vezes, furtei-me, direta ou indiretamente, à possibilidade de um futuro em comum: quando não “fugi” com ela, em Capri — mas como? —; quando me recusei a acompanhá-la de Roma a Assis e Orvieto; quando não quis ir à Letônia com ela, no verão de 1925; e quando não quis comprometer-me a esperá-la em Berlim, no inverno. O que estava em jogo não eram apenas considerações econômicas, nem mesmo minha ânsia fanática de viajar, que diminuiu nos últimos dois anos, mas o medo daqueles elementos hostis nela, que só hoje sinto-me capaz de enfrentar. Nos últimos dias também lhe disse que, se tivéssemos decidido ficar juntos naquela época, talvez agora já estivéssemos separados há muito tempo. Tudo o que hoje se passa, dentro e fora de mim, concorre para tornar a idéia de viver separado dela menos suportável agora do que o era antes. O que contribui para isto é certamente o medo de, no futuro — quando Asja tiver recuperado finalmente sua

saúde e estiver vivendo aqui com Reich numa relação estável —, à custa de grande sofrimento, deparar-me com o limite final de nosso relacionamento. Ainda não sei, entretanto, se vou poder evitar isso, pois não tenho, neste momento, nenhum motivo específico para me separar dela completamente, mesmo supondo que fosse capaz disto. Preferiria vincular-me a ela através de um filho. Mas não sei se estaria preparado, mesmo hoje, para enfrentar a vida com sua dureza assombrosa e, a despeito de toda a sua doçura, com seu desamor. — Viver, no inverno, ganha aqui uma nova dimensão, mais rica. O espaço literalmente se transforma, conforme faz frio ou calor. As pessoas vivem nas ruas como num salão de espelhos congelado: parar e refletir torna-se incrivelmente difícil: é necessário metade de um dia de deliberação para se colocar uma carta na caixa de correio e, apesar do frio severo nas ruas, entrar numa loja para comprar algo é prova de grande força de vontade. Com exceção de uma imensa loja de alimentos na Tverskaia, onde pratos prontos ficam expostos com um esplendor que só conheço de ilustrações nos livros de culinária de minha mãe. De uma suntuosidade que não poderia ter sido maior nem mesmo na época dos czares, as lojas não são convidativas. Além disso, são provincianas. Raramente encontram-se letreiros que nos permitam, de longe, ver o nome da firma, como é normal nas ruas principais das cidades ocidentais; em geral, indica-se apenas o tipo de mercadoria e, eventualmente, pintam-se neles relógios, malas, botas, peles etc. Também aqui as lojas de artigos de couro têm a tradicional pele esticada, desenhada sobre uma placa de latão. Camisas são habitualmente pintadas num tabuleiro onde se lê *Kitaïskaia Prachechnaia* — lavanderia chinesa. Vêem-se muitos mendigos. Dirigem longas súplicas aos transeuntes. Começam a choramingar baixinho toda vez que passa por eles um pedestre do qual podem esperar algo. Vi também um mendigo exatamente na mesma pose — de joelhos, um braço estendido — do miserável para quem são Martinho corta seu casaco em dois com a espada. Pouco antes do Natal, havia duas crianças na Tverskaia, no meio da neve, sempre sentadas no mesmo lugar, junto ao muro do Museu da Revolução, cobertas de farrapos e choramingando. Aliás, isso parece ser uma expressão da miséria imutável destes mendigos. Mas talvez seja também o resultado de uma organização inteligente o fato de que, de todas as instituições moscovitas, só os mendigos sejam confiáveis e defendam, inabaláveis, o seu lugar, pois de resto tudo aqui

está sob o signo do *remont*.⁵⁰ Toda semana, os móveis nas salas nuas são mudados de lugar — o único luxo que as pessoas podem se permitir, que é, ao mesmo tempo, um meio radical de expulsar da casa o “aconchego” e, junto, a melancolia que se paga por ele. As repartições públicas, museus e institutos mudam constantemente de lugar, e até os vendedores ambulantes, que em outras cidades têm seus pontos fixos, surgem em lugares diferentes a cada dia. Tudo, graxa de sapato, livros de figuras, artigos de papelaria, bolos e pães, até toalhas, é vendido em plena rua como se o inverno moscovita de 25 graus negativos fosse na verdade um verão napolitano. — Visitando Asja à tarde, mencionei que queria escrever sobre teatro na *Literarische Welt* [Mundo literário]. Tivemos uma curta discussão, mas, depois, pedi a ela que jogasse dominó comigo. Por fim ela concordou: “Se você está pedindo... Sou fraca. Não consigo negar nada que me pedem”. Mais tarde, contudo, quando Reich chegou, Asja levou a conversa novamente para este tema, o que resultou numa briga extremamente violenta. Só antes de partir, quando estava levantando do nicho da janela e queria sair com Reich, Asja pegou minha mão e disse: “Não é tão grave”. Outra discussão curta sobre isso, no meu quarto, à noite. Depois, ele foi para casa.

21 de dezembro. Andei ao longo de toda a Arbat e cheguei à feira no bulevar Smolensk. O dia estava extremamente frio. Enquanto andava, comi o chocolate que comprara no caminho. As barracas montadas ao longo da rua vendiam enfeites de Natal, brinquedos e artigos de papel. Na fileira de trás, venda de ferragens, utensílios domésticos, sapatos etc. De certa forma, assemelhava-se à feira da Arbatskaia Ploschad, mas não creio que vendessem mantimentos aqui. No entanto, antes mesmo de se chegar às barracas, o caminho é tão abarrotado de cestos com iguarias, enfeites de árvores de Natal e brinquedos, que quase não se consegue passar da rua para a calçada. Comprei um cartão *kitsch* numa barraca; uma balalaica e uma casinha de papel,

(50) Termo tomado de empréstimo ao francês, com o significado de “conserto”, “revisão geral”. Referência à profusão de pequenas lojas destinadas à reforma de artigos domésticos e, portanto, à escassez de bens de consumo.

numa outra. Também aqui encontrei flores-da-verdade nas ruas, flores heróicas que contrastam, brilhantes, com a neve e o gelo. Tive dificuldades em achar o caminho para o Museu dos Brinquedos, com todas as minhas compras. Havia sido transferido do bulevar Smolensk para a ulitsa Krapotkina e quando finalmente o achei, estava tão exausto que quase dei meia-volta na soleira da porta e fui embora. A porta não abriu imediatamente, e achei que estivesse fechada. À tarde, no quarto de Asja. À noite, uma peça ruim (*Alexandre I e Ivã Kuzmich*) no Teatro Korsh.⁵¹ O autor ficou conversando com Reich durante um dos intervalos — descreveu o herói de sua peça como parente espiritual de Hamlet — e foi só com muita dificuldade que, escapando à sua vigilância, conseguimos evitar os últimos atos. Depois do teatro, se me lembro bem, ainda compramos algo para comer. Reich dormiu no meu quarto.

22 de dezembro. No decorrer de minhas conversas com Reich, toco em vários pontos importantes. À noite, muitas vezes falamos longamente sobre a Rússia, o teatro e o materialismo. Reich está muito decepcionado com Plekhanov. Tentei explicar-lhe a oposição entre o modo de representação materialista e o universalista. O modo universalista é sempre idealista, porque não dialético. De fato, a dialética avança, necessariamente, em direção à representação de cada tese ou antítese que encontra, como nova síntese de estrutura triádica e, desta forma, penetra cada vez mais profundamente no interior do objeto, e somente nele próprio representa um universo. Qualquer outro conceito de universo é idealista, carece de objeto. Tentei ainda demonstrar o pensamento não materialista de Plekhanov através do papel que nele desempenha a teoria, invocando um antagonismo entre teoria e método. No seu intuito de representar o universal, a teoria paira sobre a ciência, enquanto é característico do método que toda análise de um princípio universal resulte, novamente e de imediato, num objeto que lhe é próprio. (Exemplo da análise da relação entre os conceitos de tempo e de espaço na teoria da relatividade.) Numa outra ocasião, conversa sobre o sucesso como critério determinante dos escritores “medianos”, e

(51) Teatro fundado por Fyodor Korsh (1852-1923); em 1925-6, foi integrado à rede dos teatros estatais e, em 1932, fechado.

sobre a estrutura singular da “grandeza” entre os grandes escritores — que seriam “grandes” porque a sua ação só se verifica historicamente, mas que, inversamente, não agem historicamente através de seu poder literário. A maneira como vemos esses “grandes” escritores somente através das lentes dos séculos, que, focalizando-os, os engrandecem e tingem. E mais: como isso conduz a uma atitude absolutamente conservadora frente às autoridades, e como esta mesma atitude conservadora pode ser fundamentada única e exclusivamente a partir de uma perspectiva materialista. Uma outra vez, falamos sobre Proust (li para ele trechos da tradução),⁵² depois sobre política cultural russa: o “programa educacional” para os operários, concebido para torná-los acessível toda a literatura mundial, a exclusão dos escritores de esquerda que tiveram a liderança na época do comunismo heróico, o fomento da arte reacionária dos camponeses (a exposição da AKHRR).⁵³ Tudo isto pareceu-me novamente muito atual quando estive com Reich no escritório da *Enciclopédia*, esta manhã. Este empreendimento está projetado para ter de trinta a quarenta volumes, com um volume especial dedicado a Lenin. Quando chegamos lá (pela segunda vez, nossa primeira visita havia sido em vão), estava sentado atrás de sua escrivaninha um jovem muito bem-intencionado a quem Reich me apresentou elogiando meus conhecimentos. Quando lhe expliquei o projeto de meu “Goethe”, sua insegurança intelectual logo se tornou evidente. Muitas coisas desse esboço o intimidaram e finalmente terminou recomendando um retrato biográfico de fundo sociológico. Na verdade, porém, não é possível fazer uma descrição materialista da vida de um escritor, mas só de sua repercussão histórica, uma vez que a existência de um artista — e até sua obra meramente temporal, se abstraída de sua posteridade — não oferece nenhum objeto para a análise materialista. Provavelmente estão presentes aqui a mesma universalidade e imediatismo não metodológico que caracterizam o questionamento totalmente idealista e metafísico da *Introdução ao materialismo histó-*

(52) Nesta época, Benjamin estava trabalhando, como se depreende de sua correspondência com a editora Die Schmiede, na tradução do terceiro volume de *Em busca do tempo perdido* (*O caminho de Guermantes*). Antes Benjamin já havia concluído a tradução do segundo (*A sombra das raparigas em flor*; juntamente com Franz Hessel) e do quarto volume (*Sodoma e Gomorra*).

(53) Assotsiatsiia khudozhnikov revoliutsionnoi Rossii (Associação dos artistas da Rússia revolucionária). A AKHRR (1922-32) lutou contra o formalismo e defendia uma pintura realista-naturalista, que retratasse costumes.

rico de Bukharin.⁵⁴ À tarde, no quarto de Asja. Recentemente mudou-se para o seu quarto uma comunista judia, de quem ela gosta muito e com quem conversa bastante. Para mim, sua presença não é tão agradável, pois agora, mesmo que Reich não esteja, raramente consigo falar a sós com Asja. À noite, em casa.

23 de dezembro. De manhã, estive no Museu Kustarny.⁵⁵ De novo, havia brinquedos muito bonitos para se ver. A exposição ali também foi organizada pelo diretor do Museu dos Brinquedos. As peças mais bonitas talvez sejam as figuras de papier-mâché. Estão, na maioria, sobre um pequeno pedestal, em cima de um realejo minúsculo, que as pessoas acionam, ou sobre um plano inclinado, que pode ser comprimido e emite um som. Também há figuras muito grandes, deste mesmo material, que representam tipos beirando ligeiramente o grotesco, e que já pertencem a um período de decadência. No museu havia uma moça simpática, vestida pobremente, falando em francês sobre os brinquedos com dois meninos pequenos dos quais era a babá. Todos os três eram russos. O museu tem duas salas. A maior, onde também estavam os brinquedos, continha ainda exemplos de trabalhos em laca e têxteis; a menor, pequenas esculturas antigas de madeira e caixas em formato de patos ou outros animais, ferramentas e trabalhos em ferro forjado. No depósito localizado no pavimento inferior, numa enorme sala contígua ao museu, não consegui descobrir qualquer objeto parecido com os brinquedos antigos. Mas lá encontrei o maior estoque de enfeites de Natal que já vi. Depois, estive no Instituto da Kameneva, a fim de retirar ingressos para *Les*,⁵⁶ e encontrei Basseches.⁵⁷ Andamos juntos um trecho e já eram três e meia quando finalmente cheguei à Casa Herzen. Reich chegou mais tarde ainda, quando eu já havia terminado a refeição. Pedi mais um café, jurando a mim mesmo não tocá-lo. À tarde, jogamos uma partida de dominó a quatro e, pela primeira vez, formei uma dupla com Asja. Tivemos uma vitória brilhante sobre Reich e a companheira de quarto de Asja, com quem me

(54) Nikolai Bukharin (1888-1938), membro do comitê executivo do Comintern no período 1926-1930, redator-chefe do *Izvestia*. Sua *Teoria do materialismo histórico* apareceu em 1922.

(55) Museu de Artes Aplicadas.

(56) *A floresta*, drama de Aleksandr Ostrovsky (1823-1886). A encenação de Meyerhold, à qual Benjamin assistiu, estreou em 19 de janeiro de 1924.

(57) Nikolaus Basseches (1895-1961), engenheiro e jornalista russo.

encontrei mais tarde no Teatro Meyerhold, enquanto Reich estava numa reunião da VAPP. Para se fazer entender, ela falou iídiche comigo. Com um pouco mais de prática talvez tivesse sido possível, mas diante das circunstâncias a conversa não foi muito proveitosa. A noite foi muito cansativa já que, por causa de um desencontro ou talvez da falta de pontualidade da companheira de Asja, chegamos tarde demais e tivemos que assistir ao primeiro ato em pé, no balcão. E ainda por cima o russo. Asja não quis ir dormir até que sua colega de quarto voltasse. Depois, então, como me contou no dia seguinte, a respiração regular da amiga fez com que adormecesse. A célebre cena da gaita⁵⁸ em *Les* é realmente muito bonita, mas havia entrado de maneira tão esplendidamente sentimental e romântica na minha imaginação através da descrição de Asja, que, de início, vendo-a encenada num palco como realmente é, tive dificuldade em me adaptar a ela. Aliás, no geral, esta encenação está cheia de idéias maravilhosas: a cena na qual o comediante excêntrico está pescando e cria a ilusão do peixe se debatendo meramente com o movimento das mãos, a cena de amor representada enquanto correm em círculos, a cena inteira na passarela que desce de um estrado para o palco. Pela primeira vez, compreendi claramente a função do uso construtivista do palco, que não havia ficado tão claro para mim nem mesmo quando vi Tairov em Berlim,⁵⁹ e menos ainda em fotografias.

24 de dezembro. Algumas palavras sobre meu quarto. Em todas as peças da mobília há uma chapinha de lata, onde se lê: “Hotéis de Moscou” e depois o número de inventário. Todos os hotéis são administrados pelo Estado (ou pelo município?). As janelas duplas do meu quarto estão agora, no inverno, vedadas. Só se pode abrir a janelinha basculante, na parte de cima. O pequeno lavatório é de latão, envernizado embaixo, muito polido em cima, e há ainda um espelho. O fundo da pia tem um ralo que não se pode fechar. Da torneira sai um fio de água fino. O aquecimento do quarto é comandado de fora, mas por causa de sua localização específica, até o assoalho fica quente, e quando a temperatura é moderadamente baixa, o calor torna-se opressivo assim que se fecha a janelinha. Todas as manhãs antes das nove,

(58) Na versão original de *Les* não há nenhuma “cena da gaita”. Uma cena que faça jus a este nome aparece apenas na adaptação de Meyerhold.

(59) O grupo teatral de Tairov apresentou-se em Berlim em 1923.

quando a calefação é ligada, um empregado bate à porta para perguntar se a janela basculante está fechada. É a única coisa na qual se pode confiar aqui. O hotel não tem cozinha, de forma que não se pode conseguir nem mesmo uma xícara de chá. Uma vez, na véspera do dia em que viajamos para visitar Daga, pedimos que nos acordassem na manhã seguinte, e uma conversa shakespeariana desenrolou-se entre Reich e o suíço (que é o nome que os russos dão aos porteiros de hotel) sobre o tema “acordar alguém”. Resposta do homem quando lhe pedimos para nos acordar: “Se nos lembrarmos, acordaremos vocês. Mas se não nos lembrarmos, não acordaremos. Na verdade, geralmente nos lembramos, aí acordamos as pessoas. É claro que, às vezes, também nos esquecemos quando não o lembramos. Neste caso, não acordamos. Naturalmente não somos obrigados a fazê-lo, mas se nos ocorre a tempo, aí obviamente o fazemos. A que horas vocês querem ser acordados? — Às sete. — Vamos anotar, então. Vejam, vou deixar o recado aqui, será que ele vai achá-lo? Claro, se não o achar, ele não vai acordá-los. Mas, na maioria dos casos, nós acordamos as pessoas”. No fim, é claro, não fomos acordados e eles explicaram: “Vocês já haviam despertado, para que ainda acordá-los?”. Parece haver uma multidão destes suíços no hotel. Eles ficam numa salinha no andar térreo. Recentemente, Reich perguntou se havia correspondência para mim. O homem disse “não”, embora as cartas estivessem debaixo do seu nariz. Quando, numa outra ocasião, alguém tentou falar comigo no hotel por telefone, disseram-lhe: “Ele já deixou o hotel”. O telefone está no corredor e da minha cama ouço freqüentemente conversas em voz alta, mesmo depois de uma hora da manhã. A cama tem uma depressão no meio e range ao menor movimento. Como Reich normalmente ronca tão alto à noite que chega a me acordar, seria muito difícil dormir se eu não fosse me deitar sempre morto de cansaço. Aqui, durmo à tarde. A conta do hotel tem que ser paga diariamente, pois existe uma taxa de dez por cento para qualquer soma que exceda cinco rublos. É evidente o incrível desperdício de tempo e energia que isso implica. — Reich e Asja haviam se encontrado na rua e chegaram juntos. Asja não estava se sentindo bem e havia cancelado a noite com Birse. Queriam passar a noite comigo. Ela trouxe o tecido e saímos. Acompanhei-a à costureira antes de ir para o Museu dos Brinquedos. No caminho, passamos por um relojoeiro. Asja deu-lhe meu relógio. Era um judeu que falava alemão. Depois de me despedir de Asja, tomei

um trenó para o museu. Temia chegar tarde demais, porque ainda não estou acostumado com a noção de tempo dos russos. Visita com guia pelo Museu dos Brinquedos. O diretor, *tovarishch* [camarada] Bartram, presenteou-me com seu estudo *Do brinquedo ao teatro infantil*, que acabou sendo meu presente de Natal para Asja. Depois, à Academia, mas Kogan não estava lá. Para voltar, fiquei no ponto de ônibus. Aí vi a inscrição “Museu” numa porta aberta e logo dei-me conta de que estava diante da “Segunda Mostra da Nova Arte Ocidental”. Este museu não estava no meu plano de visitas. Mas, já que estava à sua frente, entrei. Olhando para um quadro extraordinariamente belo de Cézanne, ocorreu-me como é errado, até lingüisticamente, falar-se de “empatia”. Pareceu-me que compreender um quadro — até onde isso se dá — não se trata, de maneira alguma, de penetrar em seu espaço, mas, muito mais, do avanço deste espaço — ou de pontos bem determinados e diferenciados dele — sobre nós. Ele se abre para nós em seus cantos e ângulos nos quais acreditamos poder localizar experiências cruciais do passado; há algo de inexplicavelmente familiar nesses pontos. Este quadro estava pendurado na parede central da primeira das duas salas de Cézanne, bem em frente à janela, em plena luz. Mostrava uma estrada atravessando uma floresta. Em um de seus lados, há um conjunto de casas. A coleção Renoir do museu não é tão extraordinária quanto a grande coleção Cézanne. Ainda assim, contém quadros muito bonitos, particularmente da fase inicial. Mas o que me comoveu mais nas primeiras salas foram dois quadros dos bulevares de Paris, colocados um defronte ao outro, como pendants. Um é de Pissarro; o outro, de Monet. Ambos mostram uma rua larga a partir de uma perspectiva elevada — no primeiro quadro, no centro; no segundo, mais lateral. Tão lateral que as silhuetas de dois senhores, que se debruçam para a rua sobre o parapeito de uma sacada, elevam-se na lateral do quadro como se estivessem bem próximos da janela onde a cena está sendo pintada. Enquanto no Pissarro o asfalto cinza com suas inúmeras carruagens estende-se sobre a maior parte da superfície do quadro, em Monet a metade do plano é ocupada pelo muro reluzente de uma casa, que brilha por entre as árvores tingidas pelo amarelo do outono. No sopé da casa entrevêm-se, quase que inteiramente escondidas pela folhagem, cadeiras e mesas de um café, como móveis rústicos numa floresta ensolarada. Pissarro, no entanto, reproduz a glória de Paris, a linha dos telhados com sua densa fileira de chaminés. Senti a sua

nostalgia por esta cidade. — Numa das salas menores do fundo, ao lado de desenhos de Louis Legrand e Degas, um quadro de Odilon Redon. — Depois da viagem de volta, de ônibus, perambulei perdido pela cidade e, uma hora depois do horário combinado, cheguei finalmente ao pequeno restaurante num porão onde marcara encontro com Reich. Como já eram quase quatro horas, tivemos que nos separar imediatamente e marcamos um encontro na grande loja de alimentos da Tverskaia. Faltavam apenas poucas horas para a véspera de Natal e a loja estava lotada. Enquanto comprávamos caviar, salmão, frutas, encontramos Basseches, carregado de pacotes. Muito bem-humorado. O humor de Reich, pelo contrário, estava ruim. Estava irritado com meu atraso, e o peixe chinês de papel, que eu comprara na rua aquela manhã e estava carregando comigo junto com todas as outras coisas, só serviu, como prova de minha mania de colecionar, para exasperá-lo ainda mais. Por fim, compramos ainda bolos e doces, bem como uma árvorezinha enfeitada com laços, e levei tudo isso para casa, de trenó. Já fazia tempo que havia escurecido. Estava exausto de tanto lutar para abrir caminho na multidão, com minha árvore e os pacotes. De volta ao quarto, deitei-me na cama, li Proust e comi alguns dos confeitos de nozes que havíamos comprado porque Asja gosta deles. Depois das sete chegou Reich, um pouco mais tarde, Asja também. Ela passou a noite inteira deitada na cama, Reich sentado perto dela numa cadeira. Quando finalmente, após longa espera, chegou um samovar — outros pedidos haviam sido feitos em vão, pois disseram que um hóspede havia trancado todos no quarto e depois saído —, quando ouvi pela primeira vez seu zumbido inundar um quarto russo e pude olhar de perto o rosto de Asja deitada à minha frente, sentado perto do vaso com a pequena árvore de Natal, aí experimentei pela primeira vez em muitos anos a sensação de estar a salvo, protegido, na véspera de Natal. Falamos do emprego que Asja deveria ter aceito, depois a conversa passou para meu livro sobre o *Drama* e li em voz alta o prefácio, dirigido contra a Universidade de Frankfurt.⁶⁰ A opinião de Asja pode tornar-se importante para mim; ela disse que, apesar de tudo, eu deveria simplesmente escrever: recusado pela Universidade de Frankfurt.

(60) Benjamin pretendeu concorrer a uma livre-docência na Universidade de Frankfurt com seu trabalho *Origem do drama barroco alemão*, mas teve que recuar diante de uma previsível rejeição. O prefácio ao qual se refere aqui não foi incluído na versão publicada do livro, e apresenta em forma de “conto de fada” o contato espinhoso de Benjamin com a “ciência” institucionalizada:

Nesta noite, sentimo-nos muito próximos. Asja riu muito de algumas coisas que lhe disse. Outras, como a idéia de um artigo — “A filosofia alemã como instrumento da política interna alemã” —, suscitaram sua veemente aprovação. Não conseguia decidir-se a ir embora, estava se sentindo bem e cansada. Mas não eram nem onze horas quando por fim saiu. Deitei-me logo em seguida, pois minha noite, ainda que tão curta, fora repleta de acontecimentos. Percebi que a solidão não existe para nós quando a pessoa que amamos, embora em outro lugar, fora do nosso alcance, também está se sentindo só, e no mesmo momento. Assim, a sensação de solidão parece ser, no fundo, um fenômeno reflexivo que só nos atinge quando refletida de volta para nós mesmos por pessoas que conhecemos — e, mais freqüentemente pela pessoa que amamos —, quando, em nossa ausência, se divertem na companhia de outras pessoas. E até o homem que se sente fundamentalmente só no mundo apenas experimenta sua solidão quando pensa numa mulher, mesmo que desconhecida, ou numa pessoa qualquer que não está sozinha e em cuja companhia, ele, também, deixaria de sê-lo.

25 de dezembro. Conformei-me em me arranjar com o pouco de russo que consigo balbuciar e decidi não continuar a estudá-lo por enquanto porque preciso urgentemente de meu tempo para outras coisas: para traduções e artigos. Se eu um dia voltar à Rússia, será obviamente necessário adquirir algum conhecimento prévio da língua. Mas, como neste momento não estou planejando nenhuma ofensiva futura, não estou absolutamente certo disso: em outras circunstâncias, ainda mais desfavoráveis que as atuais, as coisas poderiam, talvez, ficar difíceis demais para mim. Uma segunda viagem à Rússia teria, no mínimo, de

“Gostaria de contar de novo a história da Bela Adormecida.

Ela dorme, cercada por uma sebe de espinhos. Então, após tantos e tantos anos, acorda.

Mas não com o beijo de um príncipe feliz.

O cozinheiro a acordou, quando deu em seu ajudante a bofetada que ressoou pelo castelo, retumbante pela força acumulada de tantos anos.

Uma criança bonita dorme atrás da sebe de espinhos das páginas que seguem.

Que nenhum príncipe de sorte, na armadura resplandecente da ciência, se aproxime dela. Pois no beijo nupcial ela o morderá.

Ao contrário, o autor é que, como cozinheiro-chefe, reservou-se o direito de acordá-la. Já de há muito venceu o prazo para a bofetada que deve ressoar estridente pelo salão da ciência. Então acordará também esta pobre verdade que se espetou na roca de fiar antiquada quando, apesar da proibição, pretendeu tecer para si, no quarto de despejos, uma toga professoral” (*Briefe*, p. 418).

estar ancorada em arranjos literários e financeiros muito sólidos. O desconhecimento do russo nunca foi tão incômodo e atormentador para mim quanto no primeiro dia das festas de Natal. Jantamos com a companheira de quarto de Asja — eu havia dado o dinheiro para o ganso e este fora o motivo de uma discussão entre Asja e mim, alguns dias antes. Agora, pratos com porções individuais de ganso foram colocados na mesa. Estava mal cozido, duro. Comemos numa escrivaninha, ao redor da qual sentaram-se de seis a oito pessoas. Só se falava russo. A entrada fria, um peixe à maneira judaica, estava boa; a sopa, também. Após a refeição, fui para o quarto ao lado e adormeci. Depois, acordado, continuei deitado no sofá por um tempo, muito triste, lembrando, como tantas vezes, cenas da época em que, ainda estudante, ia de Munique a Seeshaupt. Mais tarde, Reich ou Asja bem que tentaram, ocasionalmente, traduzir um fragmento da conversa, mas isso tornava tudo duplamente cansativo. Durante algum tempo falou-se sobre o fato de que a Academia Militar acabara de nomear como professor um general, o qual antes havia sido guarda branco e ordenado o enforcamento de todos os soldados do Exército Vermelho capturados na guerra civil. Discutiu-se sobre como isso deveria ser encarado. Na conversa, a pessoa com posição mais ortodoxa era uma jovem búlgara muito fanática. Finalmente fomos embora: Reich na frente, com a búlgara; Asja e eu logo atrás. Eu estava totalmente exausto. Neste dia não havia bondes, e como Reich e eu não pudemos acompanhá-las no ônibus, não tivemos outra opção a não ser andar a pé o longo caminho até o segundo MKHAT.⁶¹ Reich queria ver a *Orestéia* para completar seu material sobre “A contra-revolução no palco”. Deram-nos lugares no meio da segunda fileira. Fui recepcionado por uma nuvem de perfume logo que entrei na sala. Não vi nenhum comunista de túnica azul, mas havia vários tipos que teriam lugar certo em qualquer álbum de George Grosz. Toda a encenação teve o estilo de um teatro da corte totalmente empoeirado. Ao diretor faltou não só alguma capacidade profissional, mas também o mais elementar repertório de informações necessárias para encenar uma tragédia de Ésquilo. Um desbotado heilenismo de salão parece satisfazer inteiramente sua pobre imaginação. A música tocou quase o tempo todo, incluindo muito Wagner: Tristão, a “Mágica do Fogo”.

(61) O segundo estúdio do Teatro Artístico Acadêmico de Moscou (Moskovski Khudostsvennyi teatr, abreviado para MKHAT).

26 de dezembro. A estada de Asja no sanatório parece estar chegando ao fim. Nos últimos dias, as horas que passou deitada ao ar livre fizeram-lhe bem. Gosta de ficar deitada, embrulhada em cobertas e ouvindo o grasnar dos corvos no ar. Está seriamente convencida de que os pássaros se organizam com grande precisão e que o líder os informa sobre o que devem fazer: certos grasnidos precedidos de uma longa pausa são, segundo ela, ordens que todos seguem. Quase não fiquei a sós com Asja nos últimos dias, mas nas poucas palavras que trocamos, acredito sentir sua proximidade com tanta nitidez que me sinto muito tranqüilo e muito bem. Não consigo pensar em nada que tenha um efeito tão salutar e ao mesmo tempo tão intenso sobre mim, quanto as mais triviais perguntas que me faz sobre meus assuntos. É verdade que não o faz com muito freqüência. Porém, neste dia, por exemplo, à mesa, onde só se falava russo, quis saber de mim que correspondência eu recebera na véspera. Antes da refeição, jogamos dominó em três duplas. Após a refeição, as coisas se passaram de maneira muito melhor do que na véspera. Eles cantaram adaptações comunistas de canções iídiches (sem a intenção de parodiá-las, suponho). Com exceção de Asja, todos no quarto provavelmente eram judeus. Também estava ali o secretário de um sindicato de Vladivostok que veio a Moscou para o sétimo Congresso Sindical. Assim, toda uma coleção de judeus, de Berlim a Vladivostok, estava reunida à mesa. Era cedo ainda quando levamos Asja para casa. Convidei Reich para uma xícara de café antes de ir para casa. E ele começou: quanto mais observava, mais se convencida de que crianças são uma grande praga. Um menino pequeno, aliás muito bem-comportado, havia estado presente na casa da camarada, mas, afinal, quando todos estavam jogando dominó, já tendo esperado pela comida por duas horas, começou a chorar. Na realidade, porém, a criança que Reich tinha em mente era Daga. Ele falou das crônicas crises de angústia de Asja, na sua maioria relacionadas a Daga, e desfiou novamente toda a história da estada de Asja em Moscou. Eu já havia me admirado muitas vezes com a grande paciência que ele demonstrava em seu relacionamento com ela. E mesmo agora não deixou escapar nenhum sinal de desgosto ou rancor, somente a tensão que se manifestou na conversa comigo. Lamentou que o "egoísmo" de Asja tivesse falhado logo agora, quando tudo dependia de sua capacidade de deixar as coisas correrem calmamente e seguirem seu caminho. A ansiedade sobre sua próxima moradia, a

idéia de que isso provavelmente implicaria mudar-se de Moscou, atormentava-a muito. Neste momento, sua pretensão restringe-se, basicamente, a ter algumas semanas de existência burguesa, tranqüila e confortável, o que Reich, obviamente, não pode lhe oferecer em Moscou. De fato, eu ainda não havia notado sua ansiedade. Só iria notá-la no dia seguinte.

27 de dezembro. O quarto de Asja no sanatório. Quase diariamente, das quatro às sete, estamos lá. Geralmente, por volta das cinco horas, uma paciente num dos quartos vizinhos começa a tocar cítara, ocupando-se disso por uma ou meia hora. Não vai além de acordes tristes. Música não combina bem com estas paredes nuas. Mas Asja não parece se incomodar com o monótono arranhar das cordas. Normalmente está deitada quando chegamos. Defronte dela, numa mesinha, estão leite, pão e um prato com açúcar e ovos, dos quais Reich costuma compartilhar. Neste dia, ela lhe deu um ovo para mim e escreveu nele “Benjamin”. Por cima do vestido, Asja usa um avental de lã cinza do sanatório. Na parte mais confortável do quarto, reservada para ela, há ainda três cadeiras desiguais, entre elas a poltrona funda na qual costumava sentar, bem como o criado-mudo com revistas, livros, medicamentos, uma pequena tigela colorida que provavelmente lhe pertence, o cold cream que eu lhe trouxe de Berlim, um espelho de mão que lhe dei de presente uma vez, e, durante muito tempo, também o esboço da capa do *Rua de mão única* que Stone havia feito para mim. Asja trabalha freqüentemente numa blusa que está fazendo para si mesma, puxando fios de um novo. — Fontes de luz das ruas de Moscou. São as seguintes: a neve, que reflete a iluminação de tal forma que quase todas as ruas são claras, as fortes lâmpadas de acetileno nas barracas de comércio e os faróis altos dos automóveis, lançando sua luz centenas de metros à frente nas ruas. Em outras metrópoles estes faróis são proibidos; aqui, é difícil imaginar algo mais irritante que esta evidência insolente de que os poucos veículos estão à disposição de algumas pessoas da NEP (e, certamente, também dos potentados do governo), os quais estão acima da dificuldade generalizada de locomoção. — Pouco de importante a anotar sobre este dia. De manhã, trabalhando em casa. Depois do almoço, joguei xadrez com Reich, fui derrotado em duas partidas. Neste dia, Asja estava com o pior humor possível: a aspereza irritada, que deve torná-la convincente no papel de Hedda

Gabler, estava mais evidente do que nunca. Não permitiu nem sequer a menor alusão a seu estado de saúde. Por fim, não restou outra alternativa a não ser deixá-la sozinha. Mas nossa esperança — de Reich e minha — de que ela iria juntar-se a nós no jogo de dominó, não se realizou. Em vão nos voltávamos cada vez que alguém entrava no salão de jogos. Após a partida, retornamos ao quarto dela, mas logo retirei-me outra vez para o salão de jogos com um livro para só reaparecer pouco antes das sete. Asja despediu-se de mim de maneira muito pouco amável, porém mais tarde mandou-me através de Reich um ovo no qual havia escrito “Benjamin”. Estávamos no meu quarto há pouco tempo quando ela entrou. Uma reviravolta havia acontecido em seu humor, estava vendo tudo de uma maneira mais positiva e certamente lamentava seu comportamento daquela tarde. Mas, em resumo, quando lanço o olhar sobre as últimas semanas, noto que sua convalescença, pelo menos no que diz respeito a seu estado nervoso, quase não progrediu depois de minha chegada. — À noite, Reich e eu tivemos uma longa conversa sobre meu trabalho de escritor e sobre o caminho que ele deveria tomar no futuro. Ele era da opinião de que eu era crítico demais em relação às minhas coisas. Nesse sentido, fez a observação muito pertinente de que na grande arte de escrever a proporção entre o número total de frases e o número de frases cuja formulação era especialmente concludente e expressiva era de um para trinta — enquanto que, no meu caso, seria de um para dois. Tudo isso é correto. (E quanto ao último ponto, trata-se ainda, provavelmente, do resíduo daquela forte influência que Philipp Keller⁶² outrora exerceu sobre mim.) Contudo, tive que confrontá-lo com certas idéias, das quais nunca duvidei, e que datam de muito tempo atrás, do meu ensaio sobre a “Linguagem em si e linguagem do homem”.⁶³ Remeti-o à polaridade de toda e qualquer entidade lingüística: a de ser, ao mesmo tempo, expressão e comunicação. Isto nos levou, como era de se esperar, a algo que já discutíramos muitas vezes: “a destruição da linguagem” como tendência da literatura russa contemporânea. O desenvolvimento do aspecto comunicativo da linguagem, em detrimento de qual-

(62) Benjamin conheceu Philipp Keller na época de estudante em Freiburg. A respeito do relacionamento entre ambos naquela época, ver *Briefe*, pp. 51-2: “Sou o pólo oposto de Keller e liberto as pessoas dele, após ter eu mesmo me libertado dele. Só o consigo porque o respeito — como artista (e não como boêmio, pois isso ele não é)”.

(63) Este ensaio foi escrito em 1916, mas só seria publicado postumamente.

quer outro, conduz, fatalmente, a essa destruição da linguagem. Por outro lado, a elevação ao absoluto de seu caráter expressivo termina em silêncio místico. Destas duas tendências, a de maior atualidade neste momento parece-me ser a comunicativa. Mas, de uma forma ou de outra, sempre há necessidade de um compromisso. Admiti, porém, a situação crítica de minha atividade como autor. Contei-lhe que não via nenhuma saída para mim aqui, pois meras convicções ou decisões abstratas não bastavam, só tarefas concretas e desafios poderiam realmente levar-me adiante. Então, Reich lembrou-me de meus ensaios sobre cidades. Isto foi muito encorajador para mim. Comecei a pensar com mais confiança numa descrição de Moscou. Para finalizar, li para ele meu retrato de Karl Kraus,⁶⁴ já que a conversa passara também por ele.

28 de dezembro. Não acredito que exista outra cidade com tantos relojoeiros quanto Moscou. Isso se torna ainda mais curioso na medida em que as pessoas aqui não fazem grande alarido em torno do tempo. Mas deve certamente haver causas históricas para isto. Quando se observam as pessoas andando na rua, raramente se vê alguém apressado, a não ser quando faz muito frio. É praxe andar em ziguezague. (É muito característico que haja em algum clube por aí, como Reich me contou, um cartaz na parede com a advertência: Lenin declarou que tempo é dinheiro. Para expressar esta banalidade, há necessidade aqui de se invocar a mais alta autoridade.) Neste dia, fui buscar meu relógio, que mandara consertar. — Nevou de manhã e várias vezes ao longo do dia. Depois, começou o degelo. Compreendo que Asja tivesse sentido falta da neve em Berlim e sofrido com o asfalto nu. O inverno aqui avança com sua grossa pele de neve, como um camponês num casaco branco de lã de carneiro. — De manhã, acordamos tarde e fomos para o quarto de Reich. Como exemplo de domesticidade pequeno-burguesa não se poderia sonhar com algo mais horrível. A vista das centenas de toalhinhas, consoles, móveis estofados, cortinas é tão sufocante que mal se consegue respirar; o ar deve estar impregnado de poeira. Num canto, perto da janela, estava uma alta árvore de Natal. Mesmo ela era feia, com seus galhos magros e um boneco de neve disforme no topo. A

(64) Ver o retrato “Monumento ao guerreiro”, escrito em 1926 e publicado em *Rua de mão única*.

caminhada cansativa do ponto do bonde para cá e o horror deste quarto anuviaram minha visão de conjunto da situação, e concordei, algo precipitadamente, com a proposta de Reich de morar com ele neste quarto a partir de janeiro. Estes aposentos pequeno-burgueses são campos de batalha varridos pelo vitorioso e devastador ataque do capital mercantil. Nada mais de humano pode prosperar ali. Mas dada minha inclinação por morar em cavernas, talvez este não seja um mau lugar para se trabalhar. Agora é preciso decidir se devo abandonar a excelente posição estratégica de meu quarto atual ou mantê-lo, mesmo correndo o risco de diminuir o contato diário com Reich, cujas informações me são de grande importância. Em seguida, fizemos um longo passeio pelas ruas dos subúrbios: iriam me mostrar uma fábrica onde se produzem principalmente enfeites de árvores de Natal. A “pradaria da arquitetura”, como Reich havia chamado Moscou, tem nestas ruas um caráter ainda mais selvagem do que no centro. Em ambos os lados da larga alameda, construções no estilo das casas de madeira das aldeias camponesas revezavam-se com casarões art-nouveau, ou com a fachada insípida de um edifício de seis andares. A neve estava alta e quando, de repente, tudo ficava silencioso, era possível acreditar que se estava numa aldeia, hibernando no mais longínquo interior da Rússia. Atrás de uma fileira de árvores, havia uma igreja com cúpulas azuis e douradas e, como sempre, com grades nas janelas voltadas para a rua. Aliás, as igrejas aqui muitas vezes exibem imagens de santos nas suas fachadas, como se vê na Itália somente nas igrejas mais antigas (Sto. Frediano,⁶⁵ em Lucca, por exemplo). Ao contrário do esperado, a operária estava ausente e assim não pudemos visitar a fábrica. Logo nos separamos. Desci a Kusnetzky most [ponte do Ferreiro] e fui olhar as livrarias. Nesta rua fica a maior livraria de Moscou (a julgar por sua aparência). Vi também literatura estrangeira nas vitrines, porém a preços indecentes. Os livros russos, quase sem exceção, só são vendidos sem encadernação. Papel aqui é três vezes mais caro do que na Alemanha, quase sempre importado, e parece-me que economizam no acabamento dos livros. No caminho, comprei — após ter trocado dinheiro no banco — um daqueles pastéis quentes que se acham por toda a parte nas ruas. Após poucos passos, um menininho precipitou-se sobre mim, e quando finalmente compreendi que não queria dinheiro

(65) San Frediano, construída em 1112-47.

mas pão, dei-lhe um pedaço. — Na hora do almoço, venci Reich na partida de xadrez. À tarde, no quarto de Asja, tudo muito sem graça, como nos últimos dias, pois Asja está apática em consequência de suas angústias. Cometi o grande erro de tomar a defesa de Reich contra reclamações muito tolas. No dia seguinte, disse-me então que visitaria Asja sozinho. À noite, no entanto, parecia querer comportar-se de maneira muito gentil. Era tarde demais para ir ao ensaio geral da peça de Illés, como havíamos planejado, e como Asja não vinha mais, fomos assistir a uma “audiência judicial” no Clube Krestiansky (?).⁶⁶ Já eram oito e meia quando chegamos lá e descobrimos que tudo já começara havia uma hora. O salão estava lotado e ninguém mais podia entrar. Mas uma mulher esperta aproveitou-se da minha presença: notando que eu era estrangeiro, apresentou-nos, Reich e eu, como estrangeiros a quem estava acompanhando e, dessa forma, conseguiu fazer com que todos nós entrássemos. Entramos num salão revestido de vermelho onde havia lugar para cerca de trezentas pessoas. Estava totalmente lotado, muitos haviam ficado em pé. Num nicho, um busto de Lenin. A audiência acontecia no palco, ladeado à direita e à esquerda por figuras pintadas de proletários, um camponês e um operário industrial. Acima do palco, os emblemas soviéticos. A apresentação das provas já havia terminado quando chegamos, um perito estava falando. Estava sentado numa mesinha junto com seu colega, no lado oposto à mesa do advogado de defesa, ambas em posição perpendicular ao palco. A mesa do colegiado de juízes ficava de frente para o público. Diante dela, numa cadeira, estava sentada a acusada, uma camponesa vestida de preto com uma grossa bengala nas mãos. Todos os participantes estavam bem-vestidos. A acusação era de curandeirismo com consequências fatais. A camponesa havia auxiliado em um parto (ou aborto) e, por algum erro de sua parte, causado o desfecho infeliz. A argumentação em torno do caso seguia linhas extremamente primitivas. O perito deu seu parecer: a morte da mulher teria sido consequência direta da intervenção da acusada. O advogado de defesa argumentou: não houvera má-fé, inexistiam nas zonas rurais instrução e assistência sanitária. O promotor público exigiu a pena capital. A camponesa, em suas alegações finais: pessoas sempre morrem. Depois disso, o juiz-presidente dirige-se ao público: alguma pergunta? Um membro do

(66) Clube dos Camponeses, na praça Trubnaia.

Komsomol aparece no palco e faz um apelo em favor de uma punição extremamente severa. Depois, a corte retira-se para deliberação — há um intervalo. Todos ficam de pé para ouvir a sentença: dois anos de prisão, considerando-se as circunstâncias atenuantes. A solitária fica, assim, fora de cogitação. O juiz-presidente, por sua vez, adverte para a necessidade de estabelecer centros de prevenção médica e de educação nas áreas rurais. Depois, as pessoas se dispersaram. Esta foi a primeira vez em Moscou que presenciei uma reunião de pessoas tão simples. Provavelmente havia muitos camponeses entre eles, pois este clube destina-se sobretudo a eles. Mostraram-me as salas. Reparei que as paredes da sala de leitura estavam cobertas de material ilustrativo, exatamente como no sanatório infantil. Aqui, eram principalmente estatísticas, parte das quais ilustrada com desenhos coloridos e elaborada pelos próprios camponeses (crônicas da vida na aldeia, desenvolvimento agrícola, condições de produção e instituições culturais estavam ali registradas). Vêem-se ainda, expostas em toda parte pelas paredes, componentes de ferramentas, peças de máquinas, retortas com produtos químicos etc. Curioso, aproximei-me de um console de onde duas máscaras africanas faziam caretas para mim. Vistas de perto, no entanto, revelaram ser máscaras de gás. Finalmente, mostraram-me também os dormitórios do clube. Eles se destinam a camponeses e camponesas, desacompanhados ou em grupos, que receberam uma *kommandirovka* [missão] para vir à cidade. Os quartos grandes abrigam quase sempre seis camas; à noite, cada um usa suas próprias roupas de cama. Os banheiros devem ficar em algum outro lugar. Os quartos não dispõem de lavatórios. Há retratos de Lenin, Kalinin, Rykov etc. nas paredes. O culto da imagem de Lenin em particular vai incrivelmente longe aqui. Existe uma loja na Kusnetzky most especializada em Lenin, onde se pode encontrá-lo em todos os tamanhos, poses e materiais. Na sala de lazer do clube, onde se ouvia naquele momento um concerto no rádio, há um quadro em relevo muito expressivo dele, mostrando-o como orador, em tamanho natural, de peito inflado. Imagens dele mais modestas encontram-se também nas cozinhas, lavanderias etc. da maioria dos institutos públicos. O clube pode abrigar mais de quatrocentos hóspedes. Diante da companhia cada vez mais incômoda da guia que nos ajudara a entrar, saímos e decidimos, quando por fim nos vimos a sós, procurar uma *pivnaia* [cervejaria] onde houvesse algum tipo de diversão noturna. Na entrada, algumas pessoas tentavam se

livrar de um bêbado. Na sala, não muito grande nem lotada, pessoas sozinhas ou em grupos estavam sentadas, tomando cerveja. Sentamo-nos bastante perto do palco de madeira, cujo pano de fundo mostrava a imagem difusa e adocicada de um prado, onde algo como uma ruína parecia estar se dissolvendo no ar. Mas esta paisagem não era o bastante para preencher todo o comprimento do palco. Após dois números de canto, começou a atração principal da noite, uma *intse-nirovka* — isto é, material adaptado para o teatro de outras fontes, como a épica ou a lírica. Neste caso, a moldura dramática serviu de pretexto para uma miscelânea de canções de amor e camponesas. Primeiro, entrou em cena uma mulher sozinha escutando atentamente um pássaro. Depois, um homem surgiu dos bastidores e assim foi até que o palco todo se enchesse e tudo terminasse em dança ao som de um coral. Tudo isso não se diferenciava muito dos divertimentos das festas familiares, cujo desaparecimento na vida real contribuiu, provavelmente, para torná-los, aos olhos do pequeno burguês, ainda mais atraentes no palco. E curioso o que servem aqui junto com a cerveja: pedaços minúsculos de pão seco, branco e preto, gratinados com uma crosta de sal, e ervilhas secas em salmoura.

29 de dezembro. A Rússia está começando a tomar forma para o homem comum. Um grande filme de propaganda, *A sexta parte do mundo*,⁶⁷ foi anunciado. Em meio à neve das ruas, mapas da URSS, empilhados pelos vendedores ambulantes, são oferecidos ao público. Meyerhold usa o mapa em *Daioch Evropu*⁶⁸ — no qual o Ocidente é um complexo sistema de pequenas penínsulas russas. O mapa está quase tão perto de tornar-se objeto do novo culto russo às imagens quanto os retratos de Lenin. Enquanto isso, as velhas práticas prosseguem nas igrejas. No meu passeio deste dia, entrei na igreja de Nossa Senhora de Kazan, que Asja havia me dito ser uma de suas preferidas. Fica em uma das esquinas da praça Vermelha. Primeiro, entra-se numa antecâmara espaçosa, com algumas escassas imagens de santos.

(67) *Shestaia chast mira* (*Um sexto da terra*), dirigido por Dziga Vertov (1896-1954), estreou, em Moscou, em 31/12/1926.

(68) *Daioch Evropu!* (*A Europa é nossa!*), peça de M. Podgaetsky, baseada nos romances *Trust D. E.*, de Ilya Ehrenburg, e *O túnel*, de B. Kellermann. Primeira apresentação por Meyerhold em 15 de junho 1924.

Parece estar, principalmente, à disposição da mulher que toma conta da igreja. É sombria; sua penumbra presta-se a conspirações. Em lugares como este, podem-se tramar os negócios mais escusos, até pogroms, se for o caso. Ao lado, fica o espaço destinado ao culto religioso propriamente dito. No fundo, há algumas escadinhas que levam à plataforma estreita e baixa ao longo da qual, avançando, vêem-se as imagens dos santos. A intervalos pequenos seguem-se os altares, um após o outro, cada qual indicado por uma luzinha vermelha. As paredes laterais estão tomadas por imagens muito grandes de santos. As partes das paredes que não estão cobertas por imagens são revestidas por ouro brilhante. Um lustre de cristal pende do teto ingenuamente pintado. De um dos bancos à entrada, observei a tradicional cerimônia da adoração das imagens. As pessoas saúdam as grandes imagens sacras fazendo o sinal-da-cruz; depois ajoelham-se, tocam o chão com a testa e, fazendo novamente o sinal-da-cruz, o fiel ou penitente dirige-se para a imagem seguinte. Diante das pequenas imagens cobertas por vidro que ficam sobre pequenos suportes, isoladas ou em fileiras, a genuflexão é omitida: as pessoas se curvam sobre elas e beijam o vidro. Aproximei-me e notei que ao lado das valiosas peças antigas, e sobre o mesmo suporte, havia ainda oleogravuras ordinárias, sem qualquer valor. Moscou possui muito mais igrejas do que se supõe no início. Os europeus ocidentais as localizam pelas torres, que se sobressaem no alto. É necessário, primeiro, ter se habituado a distinguir nos longos muros e inúmeras cúpulas baixas os complexos de igrejas ou capelas de mosteiros. Daí, então, torna-se claro por que, em certos lugares, Moscou parece tão apinhada quanto uma fortaleza: no Ocidente, torres baixas caracterizam a arquitetura profana. Vindo da agência do correio, onde enviara um telegrama, procurei em vão, numa longa volta pelo Museu Politécnico,⁶⁹ pela exposição de desenhos feitos por doentes mentais. Consolei-me com um passeio pelas barracas próximas ao muro da Kitai Gorod. Ali é o centro do comércio de livros usados. Teria sido infrutífera a busca de achados literários não-russos. Mas nem mesmo edições russas mais antigas (a julgar pelas encadernações) acham-se ali. Entretanto, no decorrer destes últimos anos, inúmeras bibliotecas devem ter sido desfeitas. Mas talvez só em Leningrado? E não em Moscou,

(69) O museu era a sede da Associação federal para a divulgação do conhecimento político e científico. Muitos dos eventos literários promovidos por Mayakovsky aconteceram lá.

onde talvez fossem mais raras? Numa das barracas do Kitaiski proezd [bairro chinês] comprei uma gaita para Stefan. — Ainda a respeito do comércio ambulante. Todos os artigos natalinos (lantejoulas, velas, castiçais, enfeites de árvores, além de árvores de Natal) continuam sendo oferecidos depois do dia 24 de dezembro. Acho que até a segunda celebração, a eclesiástica. — Comparação de preços nas barracas com os das lojas estatais. Comprei o *Berliner Tageblatt* do dia 20 de novembro no dia 8 de dezembro. Na Kusnetzky most, um menino batendo objetos de cerâmica, pratos e tigelinhas minúsculas, um contra o outro para provar sua solidez. No Okhotny riad, uma cena estranha: mulheres exibindo na mão aberta, sobre uma camada de palha, um único pedaço de carne crua, uma galinha ou algo semelhante, e oferecendo-o aos transeuntes. São vendedoras sem licença. Não têm dinheiro para pagar a licença para uma barraca, nem tempo para esperar na fila por um dia ou uma semana a fim de obtê-la. Quando chega a milícia, simplesmente fogem com sua mercadoria. — Nada lembro sobre a tarde. À noite, fui com Reich ver um filme ruim (com Ilyinsky)⁷⁰ perto do meu hotel.

30 de dezembro. A árvore de Natal ainda está no meu quarto. Pouco a pouco consigo organizar os sons que me cercam. A ouverture começa de manhã cedo e introduz todos os *leitmotifs*: primeiro, passos pesados na escada, em frente ao meu quarto, que leva ao porão. Provavelmente funcionários chegando para o trabalho. Depois, o telefone no corredor começa a tocar e continua quase ininterruptamente até uma ou duas horas da madrugada. Os telefones são excelentes em Moscou, melhores que em Berlim ou Paris. Só leva três ou quatro segundos para completar uma ligação. Com frequência, ouço uma voz alta de criança falando ao telefone. Escutar os longos números de telefone acostuma o ouvido aos números russos. Depois, lá pelas nove horas, um homem bate de porta em porta, perguntando se a janelinha basculante está fechada. É quando eles ligam a calefação. Reich desconfia que, mesmo com a janelinha fechada, pequenas quantidades de gás de carvão penetram no meu quarto. À noite, o ar no quarto fica tão sufocante que isto

70) Igor Vladimirovich Ilyinsky nasceu em 1901 e se tornou famoso sobretudo como ator cômico. Trabalhou com Meyerhold de 1920 a 1935.

é bem provável. Aliás, também o assoalho irradia calor: como terreno vulcânico, ele é bem quente em alguns lugares. Enquanto você ainda está na cama, seu sono é sacudido por pancadas rítmicas, como se bifés gigantescos estivessem sendo batidos: estão cortando madeira no quintal. E, apesar disso tudo, meu quarto emana tranquilidade. Raramente vivi num lugar onde trabalhar fosse tão fácil. — Anotações sobre a situação da Rússia. Em conversas com Reich expus detalhadamente o quanto é contraditória a situação da Rússia neste momento. Em sua política externa, o governo visa a paz, a fim de estabelecer acordos comerciais com Estados imperialistas; internamente, porém, e sobretudo, procura deter o comunismo militante, introduzir um período livre de conflitos de classe, despolitizar tanto quanto possível a vida de seus cidadãos. Por outro lado, a juventude passa por uma educação “revolucionária”, em organizações pioneiras, no Komsomol. Isto significa que o revolucionário não lhes chega como experiência mas apenas como discurso. Existe a tentativa de deter a dinâmica do processo revolucionário na vida do Estado — entrou-se, querendo ou não, num período de restauração, ao mesmo tempo em que se deseja armazenar a energia revolucionária na juventude, como eletricidade numa pilha. Isto não funciona. Os jovens — especialmente os da primeira geração, cuja formação é mais do que deficiente — necessariamente desenvolvem a partir daí um comunismo presunçoso, para o qual já existe uma palavra própria na Rússia. As dificuldades extraordinárias da restauração aparecem com muita evidência também no problema da educação. Para combater a catastrófica deficiência desta, sugeriu-se que o conhecimento dos clássicos russos e europeus ocidentais deveria ser difundido. (A propósito, é sobretudo por isso que se deu tanta importância à montagem de Meyerhold de *O inspetor-geral* e ao seu fracasso.) Pode-se avaliar a urgência desta medida quando se sabe que, num debate recente com Reich sobre Shakespeare, Lebedinsky⁷¹ declarou que este havia vivido antes da invenção da tipografia. Por outro lado: estes mesmos valores culturais burgueses entraram numa fase extremamente crítica com o declínio da sociedade burguesa. Dada a maneira como se apresentam hoje, dada a forma que assumiram nos

(71) Yuri Lebedinsky (1898-1959), funcionário e escritor; membro da liderança de várias associações de escritores proletários. Lebedinsky tornou-se conhecido com a publicação, em 1922, do romance *Nedelia* (*Uma semana*).

últimos cem anos nas mãos da burguesia, eles não podem ser expropriados sem que, ao mesmo tempo, percam sua importância última, por mais questionável ou até nociva que esta possa ser. Estes valores, como cristais preciosos, têm, de certa maneira, que ser transportados e não sobreviverão sem a embalagem apropriada. Embalar, entretanto, significa tornar invisível, o que é antagônico à popularização desses valores exigida oficialmente pelo Partido. E agora torna-se evidente na Rússia Soviética que tais valores estão sendo popularizados justamente naquela forma distorcida e árida que se deve, em última instância, ao imperialismo. Um homem como Walzel⁷² é nomeado membro da Academia, cujo presidente, Kogan, escreve um artigo sobre literatura ocidental na *Vecherniaia Moskva* que estabelece, sem o mínimo conhecimento, ligações totalmente arbitrárias (Proust e Bronnen!) e tenta, de posse de alguns nomes, “informar” seus leitores sobre a literatura estrangeira. No entanto, talvez a cena cultural da América seja a única à qual a Rússia dedica uma compreensão tão viva que vale a pena ser estudada. A compreensão mútua entre povos como tal, isto é, não fundada em laços econômicos concretos, é um interesse da variante pacifista do imperialismo e, com relação à Rússia, um fenômeno da restauração. Além do mais, o acesso à informação é consideravelmente dificultado pelo isolamento da Rússia em relação ao resto do mundo. Dito mais precisamente: o contato com os países estrangeiros passa necessariamente pelo Partido e envolve sobretudo questões políticas. A alta burguesia está destruída; a pequena burguesia emergente não tem condições materiais ou intelectuais para manter relações com o estrangeiro. Atualmente, o visto para uma viagem para o exterior, se a viagem não for empreendida sob os auspícios do Estado ou do Partido, custa 200 rublos. Sem dúvida, a Rússia sabe muito menos sobre o resto do mundo do que o mundo (com exceção, talvez, dos países latinos) sobre a Rússia. Mas aqui a preocupação maior é a de estabelecer contatos entre as várias nacionalidades dentro do próprio território imenso e, acima de tudo, entre operários e camponeses. Pode-se dizer que a ignorância da Rússia em relação a outras culturas é como o *chervonets* [dez rublos]: na Rússia é moeda valiosa, mas fora do país nem é cotado. É altamente significativo que um ator de cinema

(72) Oskar Walzel (1864-1944), historiador de literatura. Membro honorário da Academia soviética, foi ele quem recebeu a incumbência de escrever o verbete sobre Goethe para a *Enciclopédia Soviética*, após a recusa do artigo de Benjamin.

extremamente medíocre, Ilyinsky, um imitador de Chaplin inescrupuloso e desprovido de qualquer encanto, seja aclamado aqui como grande comediante, simplesmente porque os filmes de Chaplin são tão caros que não se pode vê-los aqui. De fato, em geral, o governo russo investe pouco em filmes estrangeiros. Conta com o interesse das indústrias cinematográficas rivais em conquistar o mercado russo, e compra filmes de baixa qualidade por quase nada, mais ou menos como amostras de propaganda ou artigos de promoção. O próprio cinema russo, com exceção de algumas obras significativas, não é tão bom em geral. Luta por temas. A censura sobre filmes é, a bem da verdade, severa; ao contrário da censura teatral, limita-lhes as possibilidades temáticas, provavelmente levando em conta a repercussão no estrangeiro. A crítica séria a homens do Soviete é impossível nos filmes, o que não é o caso no teatro. Mas a representação da vida burguesa é igualmente impossível. E também não há espaço para a comédia grotesca americana. Esta baseia-se no jogo desinibido com a técnica, e tudo que é técnico é sagrado aqui, nada é levado mais a sério do que a técnica. Acima de tudo, porém, o filme russo nada sabe sobre erotismo. A banalização da vida amorosa e sexual faz parte, como se sabe, do credo comunista. A apresentação de complicações amorosas trágicas, no cinema ou no teatro, seria considerada propaganda anti-revolucionária. Resta a possibilidade de uma comédia social satírica cujo alvo seria essencialmente a nova burguesia. A verdadeira questão é se o cinema, uma das máquinas mais avançadas de dominação imperialista das massas, pode ser expropriado nessa base. — De manhã trabalhei, depois fui com Reich para o Gosfilm. Mas Pansky não estava lá. Fomos todos para o Museu Politécnico. A entrada para a exposição de quadros feitos por doentes mentais ficava numa rua lateral. A exposição propriamente dita era de pouco interesse; quase sem exceção, o material não possuía nenhum valor do ponto de vista artístico, mas era bem organizado e certamente de utilidade científica. Houve uma pequena visita com guia enquanto estávamos lá: mas só se descobria o que já estava anotado nos cartõezinhos ao lado de cada item da exposição. De lá, Reich foi para a Casa Herzen, segui-o um pouco mais tarde, pois parei antes no Instituto para obter ingressos para o Tairov logo mais à noite. A tarde com Aşja foi novamente monótona. No sanatório, Reich conseguiu emprestar (do ucraniano) um casaco de pele para o dia seguinte. Chegamos ao teatro ainda a tempo. Estavam

encenando *Desejo sob os olmos*, de O'Neill.⁷³ A apresentação foi muito ruim, e Koonen,⁷⁴ particularmente decepcionante, completamente sem interesse. Interessante (mas errôneo, como Reich frisou corretamente) foi a fragmentação da peça em cenas isoladas (cinematização) por meio de cortinas rápidas e mudanças de iluminação. O ritmo foi muito mais rápido do que é hábito aqui e acelerado pela dinâmica dos cenários. O cenário consistia num corte transversal de três cômodos: no nível do chão, um grande cômodo com vista para o exterior e uma saída. Em certas passagens, viam-se suas paredes deslizarem num ângulo de 180 graus e aí a luz do exterior penetrava de todos os lados. Dois outros cômodos estavam no primeiro andar e, parcialmente escondida do público por um tapume de ripas, uma escada conduzia ao piso superior. Era fascinante acompanhar por essa treliça o subir e descer dos personagens. A cortina de amianto anuncia em seis itens o programa dos próximos dias (os teatros ficam fechados às segundas). A pedido de Reich, passei a noite no sofá e prometi acordá-lo na manhã seguinte.

31 de dezembro. Neste dia Reich foi visitar Daga. Asja chegou por volta das dez (eu ainda não estava pronto) e fomos para a costureira. O passeio todo foi enfadonho e insípido. Começou com repreensões: que eu arrastava Reich por aí e o cansava. Mais tarde admitiu que tinha estado com raiva de mim o dia todo por causa de uma blusa de seda que eu lhe trouxera. Havia rasgado logo na primeira vez que a vestira. Estupidamente, acrescentei que a havia comprado no Wertheim⁷⁵ (uma meia verdade — o que sempre é estúpido). De resto, estava menos ainda em condições de dizer algo devido à espera contínua e extenuante de notícias de Berlim, que já havia começado a pesar sobre mim. Finalmente, sentamo-nos num café por alguns minutos. Mas foi quase como se não o tivéssemos feito. Asja só tinha um único pensamento: voltar ao sanatório pontualmente. Não posso imaginar o motivo pelo qual nestes últimos dias desapareceu toda a vida dos mo-

(73) A estréia da peça *Desejo sob os olmos*, de Eugene O'Neill (1888-1953), encenada por Tairov, ocorreu em novembro de 1926 no Teatro Kamerny.

(74) A atriz belga Alicia Koonen (1889-1974) participou do MKHAT de Stanislavsky e foi casada com Tairov.

(75) Grande loja de departamentos em Berlim.

mentos que passamos juntos e dos olhares que trocamos. Minha inquietação torna impossível esconder o fato. E Asja exige para si uma atenção absoluta e devotada de que sou incapaz, a não ser que haja algum encorajamento e amabilidade da parte dela. Ela própria tem passado mal por causa de Daga, da qual Reich trouxe notícias que, no mínimo, não a satisfizeram. Estou pensando em rarear minhas visitas vespertinas a ela. Até mesmo seu quartinho me oprime, visto que agora costuma ter não menos que três e muitas vezes quatro pessoas presentes, e até mais quando sua companheira de quarto recebe visitas: ouço muito russo, não entendo nada, adormeço ou leio. Trouxe bolo para Asja, à tarde, o que fez apenas com que se irritasse — seu humor era o pior possível. Reich já chegara meia hora antes de mim (eu queria terminar uma carta a Hessel)⁷⁶ e o que lhe havia contado sobre Daga deixara-a bastante agitada. O ambiente permaneceu sombrio o tempo todo. Sai cedo a fim de ir ao Teatro Meyerhold pegar ingressos, para ela e para mim, para a apresentação daquela noite de *Daioch Evropu*. Antes, parei um momento no hotel para avisar que o espetáculo começaria às quinze para as oito. Aproveitei a oportunidade para ver se havia correspondência: nada. Na hora do almoço, Reich havia me colocado em contato com Meyerhold, que me prometera ingressos. Com grande dificuldade, fui atrás do diretor-assistente para apanhá-los. Para minha surpresa, Asja chegou pontualmente. Estava novamente usando seu xale amarelo. Seu rosto ostentava um brilho estranho nestes dias. Quando estávamos diante de um cartaz, antes do começo da apresentação, eu disse: “No fundo, Reich é um sujeito fabuloso”. — “?” — “Se eu tivesse que ficar sentado sozinho em algum lugar esta noite, me enforcaria de tanta tristeza.” Mas nem estas palavras animaram nossa conversa. O musical foi muito interessante e por um momento — não me lembro mais em que ponto foi — sentimo-nos mais próximos um do outro novamente. Agora me lembro — foi a cena do “Café Riche” com a música e a dança apache. “Já faz quinze anos”, eu disse a Asja, “que este romantismo apache atravessa a Europa e onde

(76) Franz Hessel (1880-1941), escritor e tradutor. Benjamin e Hessel traduziram juntos o segundo e o terceiro volumes de *Em busca do tempo perdido*, de Proust. Desta tradução foram publicados *À sombra das raparigas em flor* (Berlim, 1927) e *O caminho de Germantes* (Munique, 1930). A tradução feita por Benjamin sozinho de *Sodoma e Gomorra* está desaparecida.

Como se deduz de uma carta de Franz Hessel à Editora Piper de 14/7/1928, aparentemente havia sido iniciada também a tradução do volume cinco (*A prisioneira*). Planejava-se até “que todo o Proust será feito por Hessel e mim” (*Briefe*, p. 431).

chega, toca as pessoas''. Nos intervalos, falamos com Meyerhold. No segundo, ele enviou uma mulher para nos acompanhar ao "museu" onde ficam guardadas as maquetes de seus cenários. Lá vi a decoração maravilhosa de *Cocu magnifique*,⁷⁷ o famoso cenário de *Bubus*⁷⁸ com sua cerca de bambu (as várias entradas e saídas dos atores, assim como todos os momentos importantes da peça, são acompanhados por batidas mais fortes ou mais fracas das varas), a proa do navio de *Rychi Kitai*,⁷⁹ com água na parte anterior do palco, e outras coisas mais. Assinei meu nome num livro. No ato final, Asja ficou incomodada com os tiros. Durante o primeiro intervalo, quando estávamos procurando por Meyerhold (só o achamos bem no fim do intervalo) subi a escada à frente de Asja. De repente, senti sua mão no meu pescoço. A gola do meu casaco havia virado e ela a estava arrumando. Este contato me fez compreender quanto tempo já passara sem que uma mão me tocasse com amabilidade. Às onze e meia estávamos na rua novamente. Asja ralhou comigo porque eu não havia preparado nada; senão, disse, teria me acompanhado até em casa para festejar a véspera do Ano Novo. Em vão propus a ela que entrássemos num café. Tampouco queria admitir a possibilidade de que Reich pudesse ter providenciado algo para comer. Acompanhei-a até em casa, triste e mudo. A neve nesta noite brilhava como as estrelas. (Numa outra ocasião, vi cristais de gelo no seu casaco, de um formato que provavelmente não se encontra na Alemanha.) Chegando à frente de sua casa, pedi-lhe, mais por teimosia e para testá-la do que cedendo a um sentimento autêntico, um último beijo no ano velho. Mas ela não me deu. Dei meia-volta. Sim, estava sozinho na virada do ano, mas não triste, pois sabia que Asja também estava sozinha. Um sino começou a tocar suavemente no momento em que cheguei ao hotel. Fiquei parado um instante, escutando-o. Reich abriu a porta decepcionado. Havia comprado todo tipo de coisas: vinho do Porto, halwa, salmão, salsichas. Então fiquei novamente aborrecido porque Asja não tinha vindo comigo. Logo, porém, uma conversa animada fez com que as horas passassem com rapidez. Deitado na

(77) O cenário e os figurinos da montagem feita por Meyerhold de *Le Cocu magnifique*, de Fernand Crommelynck, foram criados pela construtivista Liubov S. Popova (1889-1924).

(78) Os cenários para a encenação feita por Meyerhold de *Uchitel Bubus* (*O professor Bubus*), de A. Faikos, foram desenhados por E. Shlepanov e pelo próprio Meyerhold. A peça estreou em 29/1/1925.

(79) *Rychi Kitai* (*Urta, China!*), de Sergei Tretiakov. Cenários de Sergei Efimenko e direção de V. Fredrov, discípulo de Meyerhold. A peça estreou em 23/11/1926.

cama, comi muito e tomei alguns bons goles de vinho do Porto, tantos que no fim só conseguia manter a conversa mecanicamente e com esforço considerável.

1.º de janeiro. Nas ruas vendem-se ramos de Ano Novo. Passando pela praça Strasnoi vi alguém segurando varas com flores de papel coladas até a ponta — verdes, brancas, azuis, vermelhas —, cada galho de uma cor diferente. Gostaria de escrever sobre as “flores” em Moscou, e não só sobre as heróicas flores-da-verdade, mas falar também das malvas-rosas imensas nos abajures que os mascates brandem orgulhosamente pela cidade. Depois, dos enfeites de açúcar em forma de canteiros nas tortas. Há, também, tortas em formato de cornucópia, transbordando de bombinhas ou de bombons embrulhados em papel colorido. Bolos em forma de lira. O “confeiteiro” da antiga literatura infantil parece ter sobrevivido apenas em Moscou. Só aqui encontram-se figuras criadas com nada além de açúcar em fio, doces em forma de cones, como os formados pelo gelo, nos quais a língua se vinga do frio atroz. Podia mencionar também tudo aquilo que o frio inspira, os xales camponeses cujas estampas, bordadas com lã azul, imitam as flores que o gelo forma nas janelas. O inventário das ruas é inesgotável. Notei os óculos das ópticas, através dos quais o céu noturno adquire repentinamente uma cor meridional. Depois os trenós largos com os três recipientes para amendoins, avelãs e *semechki* (sementes de girassol, que agora, por ordem do Soviete, não podem mais ser comidas em lugares públicos). Depois vi um comerciante vendendo pequenos trenós para bonecas. Finalmente, as lixeiras de estanho — não é permitido jogar nada na rua. Ainda sobre os letreiros. Alguns poucos em alfabeto latino: Café, Tailleur. Todas as cervejarias ostentando o letreiro: *Pivnaia* — pintado sobre um fundo que, verde na margem superior, empalidece gradualmente, transformando-se num amarelo sujo. Muitos dos letreiros de lojas avançam em ângulo reto sobre a rua. — Na manhã do Ano Novo fiquei na cama por um longo tempo. Reich não levantou tarde. Conversamos certamente por mais de duas horas. Não consigo lembrar sobre o quê. Na hora do almoço saímos. Encontrando fechado o restaurante no porão, onde costumamos comer em dias de festa, fomos para o Hotel Liverpool. Estava extraordinariamente frio neste dia, sentia dificuldade para dar um passo à frente. À mesa, sentei-me

num bom lugar num canto, a janela à minha direita dava para um pátio coberto de neve. Desta vez consegui não sentir falta de bebida nas refeições. Pedimos o prato simples. Infelizmente foi servido rápido demais, eu gostaria de ter ficado mais tempo na sala toda de madeira com suas poucas mesas. Não havia uma única mulher no estabelecimento. Achei isto muito reconfortante. Noto que a grande necessidade que sinto de tranquilidade — que agora, livre de minha torturante dependência de Asja, me assalta — encontra em toda parte fontes nas quais se satisfaz. É naturalmente, como se sabe, sobretudo na comida e bebida. Até mesmo a idéia de minha longa viagem de volta adquiriu algo de reconfortante para mim (quando a inquietação pelos assuntos lá de casa não se impõe, como tem acontecido nestes últimos dias); a idéia de ler um romance policial (o que faço raramente, mas fico brincando com a idéia) e a partida diária de dominó no sanatório, na qual, às vezes, se dissolve a tensão que Asja me provoca. Mas neste dia, se me lembro bem, não jogamos. Pedi a Reich que comprasse tangerinas para mim, que queria dar a Asja. Fiz isto não tanto porque ela tivesse me pedido na véspera que lhe trouxesse tangerinas no dia seguinte — até havia recusado seu pedido — mas antes para ter uma oportunidade de apaziguar nossa marcha acelerada por terrenos gelados. Mas Asja recebeu o saco de papel (no qual, sem dizer nada, escrevera “Feliz Ano Novo”) bastante emburrada (e nem notou a inscrição). À noite, em casa, escrevi e conversei. Reich começou a ler o livro sobre o barroco.

2 de janeiro. Tomei um café da manhã bem reforçado. Já que não podíamos contar com o almoço, Reich havia feito algumas compras. A apresentação para a imprensa da peça de Illés, *Atentado*, estava marcada para uma hora. Equivocadamente tomando em consideração a sede do público pelo sensacional, deu-se a ela o subtítulo de *Compre um revólver*,⁸⁰ estragando assim, já de início, o desfecho no qual um guarda-branco, o autor do atentado, no momento da descoberta de seu crime por comunistas, tenta de todas as maneiras vender-lhes o revólver. A peça contém uma cena eficaz ao estilo de Grand Guignol⁸¹ e, no

(80) *Kupite revolver (Compre um revólver)*, dirigida por B. D. Koroleva, com cenários de Sergei Efimenko. A estréia foi em 30/12/1926.

(81) Guignol era o nome de um personagem do teatro de marionetes francês. Em Paris, seu nome estava associado aos cabarês, especialmente a pequenos teatros em Montmartre, como o Théâ-

mais, grandes ambições político-teóricas, pois pretende descrever o beco sem saída em que se encontra a pequena burguesia. Mas não conseguiu transmitir isso, devido à falta de princípios, à insegurança e às centenas de pequenos efeitos dirigidos ao público por uma montagem estrábica. Jogou fora inclusive os grandes trunfos que lhe assegurava a sugestiva ambientação num campo de concentração, num café, num quartel da Áustria decadente, suja e desolada de 1919. Nunca vi uma organização mais inconsistente do espaço no palco: as entradas e saídas ficaram inevitavelmente desprovidas de qualquer efeito. Foi possível observar claramente o que acontece com a técnica teatral de Meyerhold quando um diretor ignorante tenta utilizá-la. A casa estava lotada. Desta vez podiam ser vistos até alguns trajes a rigor. Illés foi chamado de volta ao palco. Fazia muito frio. Eu estava vestindo o casaco de Reich, pois, por questão de prestígio, ele queria fazer uma figura respeitável no teatro. No intervalo, conhecemos Gorodetsky⁸² e sua filha. À tarde, na casa de Asja, vi-me envolvido numa infundável discussão política da qual Reich também participou. O ucraniano e a companheira de quarto de Asja estavam de um lado, ela e Reich do outro. O assunto foi mais uma vez a oposição dentro do Partido. Mas não houve possibilidade de se chegar a um entendimento, e muito menos a um consenso nesta briga. Os outros não foram capazes de compreender a perda de prestígio que, segundo Asja e Reich, o Partido sofreria inevitavelmente com a saída da ala oposicionista. Só quando fumava um cigarro com Reich lá embaixo é que descobri a razão da briga. A conversa em russo entre cinco pessoas (uma amiga da companheira de Asja também estava presente), da qual ficara excluído, havia me deprimido e fatigado novamente. Resolvi sair caso a discussão se prolongasse. Mas, quando tornamos a subir, haviam decidido jogar dominó. Reich e eu formamos uma dupla contra Asja e o ucraniano. Era o primeiro domingo depois do Ano Novo. A enfermeira “boazinha” estava de plantão e assim ficamos até depois do jantar e jogamos várias partidas exasperadas. Estava me sentindo muito bem, o ucraniano havia dito que gostava muito de mim. Quando por fim saímos, paramos ainda numa confeitaria para tomar algo quente. Já em casa,

tre du Grand Guignol (1899-1962), onde se apresentavam sobretudo peças caracterizadas por conterem assassinatos, crimes sexuais etc.

(82) Sergei M. Gorodetsky (1884-1967), poeta e libretista, escreveu na seção de literatura do *Izvestia* até 1932.

seguuiu-se uma longa conversa sobre minha posição como escritor independente, sem partido ou profissão. O que Reich me disse era correto, eu teria dito o mesmo a qualquer um que defendesse a posição que eu estava tomando. E disse-lhe isto claramente.

3 de janeiro. Saímos cedo para ir à fábrica onde trabalha a senhora que hospeda Reich. Havia muito para se ver, demoramos cerca de duas horas. Começarei pelo nicho de Lenin: uma sala caiada, parede de fundo forrada de vermelho, fitas vermelhas com franjas douradas pendendo do teto. À esquerda, contra este fundo vermelho, está o busto em gesso de Lenin — tão branco quanto as paredes caiadas. Uma esteira rolante projeta-se para dentro da sala, vindo da sala vizinha, onde se fabricam lantejoulas. A roda gira e as tiras de couro deslizam através de um buraco na parede. Nas paredes há cartazes de propaganda e retratos de revolucionários famosos, ou quadros que resumem, de maneira taquigráfica, a história do proletariado russo. O período de 1905 a 1907 é tratado no estilo de um imenso cartão-postal. Mostra, sobrepostos uns aos outros, lutas de barricada, celas de prisão, a insurreição dos ferroviários, o “domingo negro” em frente do Palácio de Inverno. Muitos dos cartazes são dirigidos contra o alcoolismo, um tema tratado também pelo jornal mural. Este deveria, de acordo com o programa, sair todo mês, mas na realidade é menos freqüente. No conjunto, seu estilo é o de coloridas revistas humorísticas para crianças: imagens entremeadas por escritos em prosa e em verso, em arranjos muito variados. Mas o jornal pretende sobretudo ser uma crônica da coletividade reunida nesta fábrica. Por isso registra de maneira satírica alguns acontecimentos escandalosos, mas fala também, com estatísticas ilustradas, do trabalho educativo empreendido nos últimos tempos. Na parede, outros cartazes educativos tratam da higiene: o uso de gaze como proteção contra moscas é recomendado, os benefícios do consumo de leite são explicados. Aqui trabalham (em três turnos) um total de 150 pessoas. Os produtos principais são: fitas elásticas, fios enrolados em bobinas, barbante, galões de prata e enfeites para árvores de Natal. É a única fábrica do gênero em Moscou, mas sua estrutura certamente é menos o resultado de uma organização “vertical” do que testemunho do baixo nível de especialização industrial. A uma distância de poucos metros, e dentro de uma mesma sala, pode-se obser-

var operações idênticas feitas manualmente e por máquinas. À direita, uma máquina enrola longos fios em pequenas bobinas, à esquerda, a mão de uma operária gira a manivela de uma grande roda de madeira: um processo idêntico em ambos os casos. A maior parte das operárias são camponesas e poucas dentre elas pertencem ao Partido. Não usam uniformes, nem sequer aventais de trabalho, estando sentadas em seus lugares como se realizassem afazeres domésticos. Como donas de casa, debruçam-se serenamente sobre o trabalho, a cabeça coberta com um lenço de lã. Contudo, estão cercadas por cartazes que evocam todos os horrores da operação de uma máquina: neles, um operário é mostrado no momento em que seu braço é pego pelos raios de uma roda motriz; um outro, com o joelho preso entre dois pistões; um terceiro, embriagado, causa um curto-circuito por ter ligado o interruptor de forma errada. Os enfeites de Natal mais delicados são produzidos inteiramente à mão. Três mulheres estão sentadas numa oficina bem iluminada. Uma delas corta os fios prateados em pedaços curtos, pega um feixe deles e o envolve com um fio metálico que lentamente se desenrola de um carretel. Ela passa este fio por entre seus dentes como se por uma ranhura. Depois, dá aos feixes brilhantes o formato de estrelas, sobre as quais uma colega vai colar uma borboleta de papel, um pássaro ou um Papai Noel. Num outro canto desta oficina está uma mulher que, de maneira semelhante, produz cruzeiros de lanterna, uma por minuto. Quando me debruço sobre a roda que ela gira para observar seu trabalho, ela desata a rir e não consegue parar. Em outro lugar, fabricam-se galões prateados, um produto para a Rússia exótica, galões para turbantes persas. (No andar de baixo, a fabricação de lanterna: um homem trabalha o arame com a pedra de amolar; os pedaços de arame são reduzidos à ducentésima ou trecentésima parte de seu diâmetro e, depois, prateados ou cobertos com outras cores metálicas. Em seguida, são levados para o sótão do edifício, onde são secados a altas temperaturas.) — Mais tarde, passei pelo escritório de recrutamento. Na hora do almoço, quiosques de comida são montados na entrada, vendendo bolos quentes e salsicha frita em pedaços. Da fábrica, fomos à casa de Gnedin.⁸³ Ele não tem mais a aparência juvenil daquela noite, há dois anos, quando o conheci na embaixada russa. Mas continua inteligente e simpático. Respondi a suas perguntas com muita cau-

(83) Evgeny Gnedin (1898-1983), diplomata soviético, supostamente filho de Alexandr Gelfand (Parvus).

tela. Não só porque as pessoas aqui são em geral muito sensíveis, ou pelo fato de Gnedin ser particularmente ligado às idéias comunistas, mas porque aqui a cautela ao se expressar é a condição para que se seja levado a sério como interlocutor. Gnedin é consultor para a Europa Central no Ministério do Exterior. Dizem que sua carreira nada insignificante (já recusou uma posição mais importante) tem algo a ver com o fato de ser filho de P. Aprovou, sobretudo, a maneira como enfatizei a impossibilidade de se comparar, em seus detalhes, as condições de vida na Rússia com as da Europa Ocidental. Na Petrovka, requisitei a prorrogação de minha estada por mais seis semanas. À tarde, Reich quis visitar Asja sozinho. Assim, fiquei em casa, comi algo e escrevi. Reich chegou por volta das sete horas. Juntos fomos ao Teatro Meyerhold e lá encontramos Asja. Para ela e Reich o evento principal da noite era o discurso que Reich, a pedido de Asja, deveria fazer no decorrer do debate. Porém, ele não chegou a fazê-lo. Não obstante, teve que passar mais de duas horas no pódio, esperando no meio de todos os outros participantes que haviam solicitado a palavra. Numa mesa verde, comprida, estavam sentados Lunacharsky, Pelche, o diretor da divisão artística do Glav-Polit-Prosvet e moderador do debate, Mayakovsky, Andrei Bely, Levidov e muitos outros.⁸⁴ Na primeira fila da plateia estava o próprio Meyerhold. Asja saiu no intervalo e eu a acompanhei num trecho do caminho, já que sozinho não conseguiria acompanhar os discursos. Quando voltei, um orador da oposição estava falando com veemência demagógica. Mas, embora os adversários de Meyerhold fossem maioria no auditório, não conseguiu cativar o público. Quando, por fim, o próprio Meyerhold subiu ao palco, foi saudado com aplausos entusiasmados. Mas, para sua desgraça, confiou inteiramente em seu temperamento eloqüente. Uma demonstração de rancor veio à tona e repeliu a todos. Quando finalmente lançou a suspeita de que um de seus críticos o teria atacado somente porque fora outrora seu empregado e havia tido controvérsias com seu chefe, aca-

(84) Anatoly Lunacharsky (1875-1933), escritor e crítico literário, comissário do povo para a educação pública, de 1917 a 1929. Robert Pelche (1880-1955), jornalista e crítico de arte. Valerian Pletnyov (1886-1942) foi presidente do Comitê central do conselho federal do proletkult de 1920 a 1932; a partir de 1921, foi diretor do Comitê geral para a educação política (Glav-Polit-Prosvet). Vladimir Mayakovsky (1893-1930), poeta. Andrei Bely, pseudônimo literário de Boris Nikolaievich Bugaev (1880-1934). Mikhail Levidov (1891-1941), escritor e jornalista. Também estavam presentes B. S. Tretiakov, J. Grossman-Rashchin, A. Slonimsky, N. Volkonsky, I. Aksyonov. Sobre este debate foi publicado um artigo no *Pravda* de 9/1/1927.

bou todo o contato com a audiência. De nada lhe valeu refugiar-se em seu dossiê e apresentar algumas justificativas concretas em defesa dos aspectos contestados de sua produção. Durante seu discurso muitos saíram, e até Reich reconheceu que não lhe seria mais possível intervir, vindo sentar-se comigo ainda antes que Meyerhold terminasse. Por fim, quando terminou, o aplauso foi apenas escasso. Como mais nada de importante ou novo poderia advir, não esperamos o desenrolar dos acontecimentos e fomos embora.

4 de janeiro. Dia marcado para a visita a Kogan. Mas Nieman telefonou-me de manhã, avisando que eu deveria comparecer ao Instituto à uma e meia: haveria uma visita ao Kremlin. Passei a manhã em casa. Cinco ou seis pessoas estavam reunidas no Instituto, todas aparentemente inglesas, exceto eu. Seguindo um guia pouco simpático, fomos ao Kremlin a pé. Andavam a passo acelerado, tive a maior dificuldade em segui-los; finalmente o grupo teve que esperar por mim à entrada do Kremlin. A primeira coisa que surpreende no interior dos muros é o exterior exageradamente bem-conservado dos prédios governamentais. Só posso compará-lo à impressão transmitida pelos edifícios da pequena cidade-modelo de Mônaco, um aglomerado habitacional privilegiado pela estreita proximidade dos governantes. Até as cores claras das fachadas, pintadas de branco ou amarelo-creme, são semelhantes. Mas, enquanto lá tudo é bem definido no jogo afinado de luz e sombra, aqui domina a claridade uniforme de um campo coberto de neve, que dá origem a um contraste mais sereno entre as cores. Mais tarde, quando escureceu gradualmente, o campo de neve parecia expandir-se mais e mais. Perto das janelas radiantes dos edifícios administrativos, as torres e cúpulas elevavam-se em direção ao céu noturno: monumentos vencidos montando guarda nos portões dos vencedores. Feixes de luz que irradiam dos faróis extremamente brilhantes dos carros atravessam, também aqui, a escuridão. Seu brilho espanta os animais da cavalaria que têm aqui no Kremlin uma extensa área de adestramento. Pedestres buscam seu caminho, com dificuldade, por entre carros e cavalos assustados. Longas filas de trenós, usados na remoção da neve, cavaleiros isolados. Bandos silenciosos de corvos pousados na neve. Diante do portão do Kremlin, na luz ofuscante, ficam as sentinelas, com seus insolentes casacos de pele amarelo-ocre. Acima deles brilha a luz vermelha que regula o tráfego pelo portão.

Como num prisma, todas as cores de Moscou convergem para este ponto, o centro do poder russo. O Clube do Exército Vermelho dá para este campo. Entramos lá antes de deixar o Kremlin. As salas são claras e limpas, parecem ser mantidas com mais simplicidade e austeridade do que as de outros clubes. Na sala de leitura há muitas mesas de xadrez. Graças a Lenin, ele próprio um jogador, o xadrez recebeu aprovação oficial na Rússia. Pendurado na parede, um alto-relevo em madeira do mapa da Europa, com contornos esquematicamente simplificados. Quando se gira uma manivela ao lado, iluminam-se, um após o outro, em seqüência cronológica, todos os pontos do mapa onde Lenin viveu na Rússia e no resto da Europa. Mas o aparelho funciona mal, há sempre muitos lugares acendendo ao mesmo tempo. O clube tem uma biblioteca circulante. Gostei de um cartaz que mostrava, com textos e lindos desenhos coloridos, quantas maneiras existem de evitar que um livro se estrague. De resto a visita foi mal organizada. Já eram quase duas e meia quando afinal chegamos ao Kremlin e, após a visita ao Oruchenaia Palata,⁸⁵ ao entrarmos por fim nas igrejas, já estava tão escuro que nada pudemos ver de seus interiores. No entanto, suas janelas são tão minúsculas e colocadas tão no alto que seria preciso, de qualquer forma, alguma iluminação adicional no interior. Visitamos duas catedrais: a do Arcanjo e a de Uspensky. Esta última era a igreja onde se dava a coroação dos czares. Seus espaços, numerosos mas extremamente pequenos, deveriam ostentar o poder em seu mais alto grau. A tensão que daí advinha, e que devia impregnar essas cerimônias, é hoje difícil de se imaginar. Nas igrejas, o incômodo organizador de nossa visita se retirou, e velhos zeladores simpáticos passaram a iluminar lentamente as paredes com velas. Mesmo assim, não se enxergava muita coisa. Além disso, a multidão de imagens, todas parecendo idênticas à primeira vista, não pode dizer muito ao leigo. De qualquer forma, ainda havia luz suficiente para se ver as esplêndidas igrejas pelo lado de fora. Lembro-me especialmente de uma galeria no grande Palácio do Kremlin, densamente coberta de pequenas cúpulas reluzentes de várias cores; acho que continha os aposentos das princesas. O Kremlin foi outrora uma floresta — sua capela mais antiga chama-se Igreja do Redentor na Floresta.⁸⁶ Mais tarde transformou-se numa floresta de igrejas e, por mais que os últimos czares a desmatassem para

(85) O arsenal do Kremlin, construído entre 1844 e 1851.

(86) Sobor Spasa na boru, capela construída em 1330.

criar espaço para novas e desimportantes edificações, ainda restou o bastante para formar um labirinto de igrejas. Também aqui muitas imagens de santos montam guarda nas fachadas e olham para baixo das cornijas mais altas como pássaros refugiados sob o beiral de estanho. De suas cabeças inclinadas como retortas emana melancolia. Infelizmente, a maior parte da tarde foi dedicada às grandes coleções do Oru-chenaia Palata. Seu esplendor é desconcertante, mas apenas nos distraem quando gostaríamos de concentrar todas as energias na topografia e na arquitetura extraordinárias do próprio Kremlin. É fácil não se perceber uma das condições essenciais de sua beleza: nenhuma das largas praças contém um monumento. Na Europa, ao contrário, quase não existe praça alguma cuja estrutura secreta não tenha sido profanada e danificada, no decorrer do século XIX, por um monumento. Um item das coleções que chamou particularmente minha atenção foi a carruagem que o príncipe Razumovsky⁸⁷ deu de presente a uma das filhas de Pedro, o Grande. Sua ornamentação protuberante, ondulante, poderia causar vertigem a qualquer um em terra firme, antes mesmo que se pudesse imaginar o quanto ela devia sacolejar na estrada; depois, quando se descobre que foi trazida da França por via marítima, o mal-estar é completo. Todas essas riquezas foram adquiridas de uma forma para a qual não existe um futuro. — Não apenas o seu estilo, mas a própria forma como foram adquiridas, estão mortos. Devem ter sido um peso para seus últimos proprietários, e pode-se imaginar que a simples idéia de tê-las à disposição poderia quase fazê-los perder a razão. Agora, no entanto, há uma imagem de Lenin afixada à entrada, como se pagãos convertidos houvessem plantado uma cruz onde antes se faziam sacrifícios aos deuses. — O resto do dia foi perdido. Não dava mais para almoçar, eram quase quatro horas quando deixei o Kremlin. Mesmo assim, Asja ainda não havia voltado da costureira quando fui ao seu quarto. Só encontrei Reich e a inevitável companheira de quarto. Reich, entretanto, não podia esperar mais e pouco depois Asja apareceu. Infelizmente, a conversa se dirigiu para o livro sobre o barroco, e ela fez os comentários habituais. Depois, li para ela trechos do *Rua de mão única*. Para a noite havíamos sido convidados à casa de Gorodinsky (?). Mas novamente, como já acontecera com Granovsky, perdemos o jantar, pois no momento em que íamos sair, Asja apareceu

(87) Andrei Kirillovich Razumovsky (1752-1836).

para falar com Reich e, ao chegarmos no lugar combinado com uma hora de atraso, só encontramos sua filha. Nesta noite, não dava para fazer nada com Reich. Andamos bastante, atrás de um restaurante onde eu ainda pudesse comer um pouco, fomos parar num lugar extremamente primitivo com rústicas divisórias de madeira bruta, e, por fim, terminamos numa *pivnaia* nada simpática, perto da Lubianka, com uma comida horrível. Em seguida, meia hora na casa de Illés — ele não estava, mas sua mulher nos preparou um chá excelente — e, depois, para casa. Eu gostaria de ter assistido a *A sexta parte do mundo* no cinema com Reich, mas ele estava cansado demais.

5 de janeiro. Moscou é a mais silenciosa de todas as grandes cidades e quando há neve, o é em dobro. O instrumento principal na orquestra da rua, a buzina dos automóveis, raramente é tocado aqui; há poucos carros. Da mesma forma como possui, comparada a outros centros, pouquíssimos jornais, na verdade apenas um jornal sensacionalista, o único vespertino, que está nas ruas por volta das três horas. Mas, também, os apelos dos vendedores são num tom muito baixo. O comércio ambulante é em grande parte ilegal e não pode chamar atenção. Assim, os vendedores dirigem-se aos transeuntes menos com gritos do que com palavras comedidas, se não sussurradas, nas quais há algo do tom suplicante dos mendigos. Só uma casta desfila ruidosamente pelas ruas: os trapeiros com seus sacos nas costas; seus chamados melancólicos atravessam todas as ruas de Moscou, uma ou mais vezes por semana. Há algo de singular nestas ruas: nelas, a aldeia russa brinca de esconde-esconde. Entrando por um dos grandes portões — frequentemente fechados com grades de ferro forjado, mas nunca encontrei qualquer delas trancada — a pessoa se vê no limiar de uma ampla área residencial que muitas vezes se esparrama de forma tão extensa e generosa que é como se o espaço nesta cidade nada custasse. Uma quinta rural ou uma aldeia estendem-se assim à sua frente. O chão é acidentado, crianças andam de trenó, removem a neve com pás; barracões para madeira, ferramentas ou carvão pelos cantos, árvores aqui e acolá, escadas primitivas de madeira ou anexos dão às laterais ou aos fundos das casas, cujas fachadas apresentam um aspecto bastante urbano, um ar de casas camponesas russas. Assim, a rua adquire a dimensão de paisagem. — De fato, em lugar algum Moscou tem realmente a apa-

rência da cidade que é; ela mais parece o subúrbio de si mesma. O solo encharcado, as barracas de madeira, longos comboios de matérias-primas, gado sendo levado para o matadouro, tavernas miseráveis, tudo isso pode ser encontrado nas partes centrais da cidade. Isto ficou muito claro para mim quando andava pela Sukharevskaja neste dia. Queria ver o famoso parque Sukharev. Com mais de cem barracas, ele é o descendente de uma grande feira. Entrei pelo quarteirão dos comerciantes de ferro-velho, que fica logo ao lado da igreja (a Catedral Nikolaievsky) cujas cúpulas azuis elevam-se sobre o grande mercado. As pessoas simplesmente dispõem sua mercadoria na neve. Ali se podem achar fechaduras velhas, metros, ferramentas, utensílios de cozinha, material elétrico e outras coisas mais. Também se fazem consertos na hora; vi algo sendo soldado com uma chama de maçarico. Não há nenhum lugar para sentar, todo mundo fica de pé, conversando ou negociando. A feira estende-se para baixo até a Sukharevskaja. Andando por todos os lados, pelas alamedas formadas pelas barracas, percebi claramente que esta organização espacial entre o mercado e a feira caracterizava também uma grande parte das ruas moscovitas. Há quarteirões de relojoeiros e de confecções, centros para material elétrico e para o comércio de máquinas e, ainda, áreas inteiras sem uma única loja. No mercado, pode-se perceber a função arquitetônica das mercadorias: lenços e tecidos formam pilares e colunas, sapatos, *valenki*, pendurados num cordão em fileiras sobre os balcões, tornam-se o telhado da barraca; grandes *garmoshkias* [acordeões] formam muros sonoros, muros de Memnon por assim dizer. Foi entre as barracas de brinquedos que finalmente encontrei meu samovar, em forma de enfeite para árvore de Natal. Pela primeira vez vi em Moscou barracas com imagens de santos. A maioria destas é, à maneira tradicional, recoberta de prata, onde são impressas as dobras da vestimenta da Virgem. As únicas áreas coloridas são a cabeça e as mãos. Há também pequenas caixinhas de vidro nas quais se pode ver a cabeça de São José (?), guarnecida de reluzentes flores de papel. E, depois, aquelas flores, grandes maços delas, em liberdade. Em contraste com a neve, brilham mais do que cobertores coloridos ou carne crua. Mas como este ramo de negócios pertence ao comércio de papel e de imagens, as barracas com imagens religiosas estão localizadas ao lado daquelas que vendem artigos de papelaria, de maneira que estão cercadas de retratos de Lenin por toda parte, como um prisioneiro por policiais. Flores-da-verdade também

aqui. Só elas não têm um lugar determinado e surgem ora entre mantimentos ora entre têxteis ou em barracas de louça. Mas seu brilho ofusca todos os outros: carne crua, cobertores coloridos ou travessas reluzentes. Perto da Sukharevskaja, o mercado envereda por uma passagem estreita entre muros. Lá, crianças vendem utensílios domésticos, pequenos talheres, toalhas e coisas do gênero. Vi duas junto ao muro, cantando. Aqui encontrei, também pela primeira vez depois de Nápoles, um vendedor de artigos para mágicas. Diante dele, havia uma pequena garrafa com um grande macaco de pano sentado dentro. Não era possível imaginar como havia entrado lá. Na realidade, bastava colocar na garrafa um dos pequenos animais de pano que o homem vendia. A água o faria inchar e crescer. Um napolitano vendia maços de flores do mesmo tipo. Ainda passeei um pouco pela Sadovaia e, por volta de meio-dia e meia, fui visitar Basseches. Ele conta muitas coisas, muitas delas instrutivas, mas suas constantes repetições e comentários irrelevantes revelam apenas sua necessidade de reconhecimento. Mas é prestativo e me ajuda muito com as informações que me dá, as revistas alemãs que me empresta e a secretária que me indicou. — Não fui direto até Asja à tarde: Reich quis conversar a sós com ela e pediu-me que fosse às cinco e meia. Ultimamente quase não consigo conversar com Asja. Em primeiro lugar, seu estado de saúde piorou bastante outra vez. Está com febre. Isto, porém, poderia talvez torná-la mais propensa a uma conversa calma, não fosse pelo fato de que, além da presença muito mais discreta de Reich, há a presença paralisante de sua companheira de quarto, que fala com animação ruidosa, domina qualquer discussão e — para completar — entende tanto de alemão que paralisa tudo o que ainda me resta de energia. Num dos raros momentos que passamos sozinhos, Asja perguntou-me se eu voltaria à Rússia. Respondi-lhe que não sem algum conhecimento de russo. E que, mesmo assim, isto dependia ainda de várias outras coisas, de dinheiro, da minha situação, de suas cartas. Estas últimas por sua vez dependiam, disse ela evasivamente — mas obviamente sei que ela quase sempre é evasiva —, de seu estado de saúde. Saí e trouxe, a pedido dela, tangerinas e halwa, que deixei lá embaixo com a enfermeira. Reich quis usar meu quarto à noite para trabalhar com sua tradutora. Não conseguia decidir-me a assistir sozinho a *Dia e noite*⁸⁸ no Tairov. Fui

(88) *Den 'i noch*, encenada por Tairov no Teatro Kamerny.

assistir a *A sexta parte do mundo* (no cinema na Arbat). Mas muita coisa me escapou.

6 de janeiro. Na tarde do dia anterior havia mandado um telegrama pelo aniversário de Dora. Depois, subi toda a extensão da Miasnitskaia até o Portão Vermelho e peguei uma das largas ruas laterais que partem dali. Durante este passeio, já no escuro, descobri a paisagem dos pátios moscovitas. Fazia um mês que eu estava em Moscou. O dia de hoje foi bastante inexpressivo, não há muito que anotar. Durante o café da manhã, na pequena confeitaria simpática da qual provavelmente ainda vou me lembrar muitas vezes, Reich explicou-me o conteúdo do programa de cinema que eu havia adquirido na véspera. Depois fui ao escritório de Basseches para ditar algo. Ele havia colocado à minha disposição uma datilógrafa bonita e simpática que é excepcionalmente competente. Mas ela custa três rublos a hora. Ainda não sei se vou poder arcar com isto. Após o ditado, Basseches acompanhou-me à Casa Herzen. Nós três almoçamos juntos. Reich foi até Asja logo após a refeição. Tive que ficar ainda um pouco com Basseches e consequi marcar um encontro com ele para irmos juntos ver *Tempestade*⁸⁹ na noite seguinte. Finalmente, ele me acompanhou até o sanatório. Lá em cima, a situação era desanimadora. Todos se atiraram sobre as revistas alemãs que eu tivera a imprudência de trazer. No fim, Asja disse que queria ir à costureira e Reich, que iria acompanhá-la. Da porta disse “até logo” a Asja e fui-me embora, para casa. A esperança de vê-la entrar pela minha porta à noite não se concretizou.

7 de janeiro. Na Rússia, o capitalismo de Estado conservou muitos traços da época da inflação. Sobre tudo a incerteza jurídica no âmbito interno. Se, por um lado, a NEP é uma concessão oficial, de outro, ela é tolerada somente no interesse do Estado. Qualquer pessoa da NEP pode, de um dia para o outro, tornar-se vítima de uma reviravolta na política financeira ou até mesmo de uma passageira mudança de rumo da propaganda oficial. Não obstante há fortunas — colossais, do ponto

(89) *Storm*, peça de Vladimir Bill-Belotserkovsky (1885-1970). A montagem de E. Liubimov-Lanskoi estreou em 1925.

de vista russo — sendo acumuladas em certas mãos. Ouvi falar de pessoas que pagam mais de 3 milhões de rublos em impostos. Ao heróico comunismo da guerra, estes cidadãos contrapõem a heróica vigarice.* Na maioria dos casos, eles enveredam por esse caminho a despeito de suas inclinações pessoais, já que esta era “Nepp” caracteriza-se, em relação ao mercado interno, justamente pela limitação dos investimentos estatais aos gêneros de primeiríssima necessidade. Isto propicia uma conjuntura bastante favorável para as operações desses homens “Nepp”. Outro traço ainda da época da inflação são os cartões de racionamento: somente com eles é que se pode adquirir muitas das mercadorias à venda nas lojas estatais, daí as filas. A moeda é estável, mas os preços de muitos dos artigos expostos nas vitrines são dados em cupons, de maneira que o papel continua ocupando um grande espaço na vida econômica. Até o descuido em relação à roupa é algo que só se viu na Europa Ocidental durante a época da inflação. Contudo, a convenção da roupa negligente está começando a ser abandonada: de uniforme da classe dominante, ameaça tornar-se símbolo dos mais fracos na luta pela sobrevivência. Nos teatros, os primeiros trajes a rigor estão surgindo timidamente, como o pombo de Noé após inúmeras semanas de chuva. Mas a aparência das pessoas ainda é muito uniforme, proletária: a forma de cobrir a cabeça usada na Europa Ocidental, o chapéu mole ou duro, aparentemente sumiu por completo. Predomina o gorro de pele russo ou o boné esportivo, também muito usados por moças, em variações bonitas, mas provocativas (com grandes palas protuberantes). Em geral, as pessoas não os tiram em locais públicos, o que, aliás, também não é mais exigido ao se cumprimentar alguém. Nos outros itens do vestuário, reina uma diversidade oriental. Jaquetões de pele, jaquetas de veludo e casacos de couro, elegância urbana e trajes camponeses misturam-se nos homens e mulheres. Aqui e acolá, como também em outras grandes cidades, encontra-se ainda (entre as mulheres) o traje típico camponês. — Passei a maior parte desta manhã em casa. Depois, fui ver Kogan, o presidente da Academia. Não fiquei surpreso com sua insignificância; todos me haviam preparado para isso. Peguei os ingressos para o teatro no escritório da Kameneva. Durante a espera interminável, folheei uma obra

(*) Trocadilho com o substantivo alemão *Nepp*, que significa “vigarice”, “logro” e, também, “superelevação de preços”. (N. T.)

sobre o cartaz na Revolução Russa, com muitas ilustrações excelentes, algumas coloridas. Ocorreu-me que — por mais eficazes que sejam muitos desses cartazes — não há nada neles que não pudesse ser entendido facilmente a partir dos elementos estilísticos da arte decorativa burguesa, e de uma forma desta arte nem mesmo muito avançada. Não encontrei Reich na Casa Herzen. No quarto de Asja, fiquei, a princípio, sozinho com ela; estava esgotada, ou talvez só estivesse fingindo para evitar qualquer conversa comigo. Aí Reich chegou. Saí para combinar com Basseches nossa ida ao teatro logo mais à noite, e como não consegui falar com ele por telefone, tive que ir até lá. A tarde toda com dor de cabeça. Mais tarde, fomos ver *Tempestade* com sua namorada, uma cantora de opereta. Parecia ser muito tímida, além disso estava se sentindo mal e voltou para casa logo após o teatro. *Tempestade* apresenta episódios do comunismo à época da guerra, centrados em torno de uma epidemia de tifo na zona rural. Basseches traduziu-a dedicadamente e a encenação foi melhor do que o usual, de maneira que a noite foi bastante proveitosa para mim. O que falta à peça, como sempre nas peças russas (segundo Reich), é um enredo. Pareceu-me ter apenas o interesse informativo de uma boa crônica, o que não constitui um interesse dramático. Perto da meia-noite jantei com Basseches no Kruzhok⁹⁰ na Tverskaia. Mas como era o primeiro dia das celebrações de Natal (segundo o calendário antigo), não havia muita animação no clube. A comida estava excelente; a vodca fora preparada com uma essência de ervas que a tingia de amarelo e fazia com que descesse mais facilmente. Discussão sobre uma reportagem acerca de arte e cultura francesas para jornais russos.

8 de janeiro. Pela manhã, troca de dinheiro e, depois, ditado. Um relato do debate no Meyerhold, talvez bem-sucedido, mas por outro lado nenhum progresso em um artigo sobre Moscou para o *Diário*. De manhã cedo houve uma discussão com Reich porque eu havia ido (algo sem pensar) à Casa Herzen com Basseches. Uma nova lição sobre o grau de precaução que se deve tomar aqui. Este é um dos sintomas mais evidentes da extrema politização da vida. Enquanto ditava na embaixada, fiquei aliviado por não ver Basseches, que ainda não se levanta-

(90) Termo usado na década de 1840 para designar um pequeno círculo de jovens intelectuais, que se reuniam para discutir questões filosóficas e políticas.

tara. Para não ter que ir à Casa Herzen, comprei caviar e presunto e comi em casa. Quando, às quatro e meia, cheguei ao quarto de Asja, Reich ainda não estava lá. Demorou ainda uma hora até que chegasse e mais tarde contou-me que havia sofrido um novo ataque de coração no caminho. O estado de saúde de Asja havia piorado, e ela estava tão ocupada consigo mesma que quase não notou o atraso de Reich. Estava com febre de novo. A quase insuportável companheira de quarto ficou lá quase o tempo todo e, mais tarde, até recebeu ela mesma uma visita. Aliás, ela sempre é muito amável — só que está sempre rodeando Asja. Li o rascunho do *Diário* para Asja e ela fez alguns comentários muito pertinentes. O tom da conversa foi até de uma certa amabilidade. Depois jogamos dominó no quarto. Reich chegou. Aí nós quatro jogamos. À noite, Reich tinha uma reunião. Por volta das sete, tomei café com ele em nossa confeitaria habitual, depois fui para casa. Torna-se cada vez mais claro para mim que preciso, no futuro imediato, de um suporte mais sólido para o meu trabalho. Nesse sentido, traduzir está obviamente fora de questão. O pré-requisito para conseguir isso é, mais uma vez, uma tomada de posição. Só fatores exclusivamente externos impedem-me de entrar no Partido Comunista Alemão. Agora seria o momento indicado, e talvez seja perigoso deixá-lo passar. Justamente pelo fato de a filiação ao Partido ser para mim, possivelmente, apenas um episódio, não é aconselhável adiá-la ainda mais. Mas há, e permanecem, os fatores externos, sob a pressão dos quais eu me pergunto se não seria possível, através de trabalho intensivo, consolidar concreta e economicamente uma posição independente na esquerda que continuasse me assegurando a possibilidade de uma produção abrangente dentro de minha atual esfera de trabalho. Mas a questão é, justamente, se essa produção pode ser levada adiante, a uma nova fase, sem que haja uma ruptura. Ainda assim, esse “suporte” precisaria estar apoiado em circunstâncias externas, um cargo de redator, por exemplo. De qualquer maneira, a época que se aproxima parece-me distinguir-se da anterior na medida em que esmorece a influência determinante do elemento erótico. A observação do relacionamento entre Reich e Asja contribuiu, em certa medida, para me fazer consciente disto. Noto que Reich mantém-se firme face aos altos e baixos de Asja, e se deixa influenciar muito pouco por padrões de comportamento que me deixariam doente, ao menos, é o que parece. Ainda que fosse só aparência, já seria muito. Isso se deve ao “suporte” que encontrou aqui para seu

trabalho. A todos os contatos concretos que seu trabalho lhe propicia, acrescenta-se ainda o fato de que aqui ele é membro da classe dominante. É exatamente esta reformulação de toda uma estrutura de poder que torna a vida aqui tão extraordinariamente interessante. É tão fechada em si mesma e cheia de acontecimentos, tão pobre e, ao mesmo tempo, repleta de possibilidades quanto a vida de garimpeiro no Klondyke. Garimpa-se poder, desde o início da manhã até tarde da noite. O conjunto de toda a existência da *intelligentsia* da Europa Ocidental é extremamente modesto quando comparado às inúmeras circunstâncias que se oferecem aqui ao indivíduo no espaço de um mês. Isto pode obviamente levar a um certo estado de embriaguez no qual torna-se quase impossível conceber uma vida sem reuniões e comissões, debates, resoluções e votações (as quais são guerras ou, pelo menos, manobras da vontade de poder). Este é, contudo, [...] o [ponto central]⁹¹ que obriga, necessariamente, a uma tomada de posição, colocando a questão de se permanecer na platéia, hostil e visada, desconfortável e exposta a correntes de ar, ou desempenhar, de uma forma ou de outra, um papel em meio à agitação do palco.

9 de janeiro. Outra consideração: filiar-se ao Partido? Vantagens decisivas: uma posição sólida, um mandato, ainda que apenas virtual. Contato organizado e garantido com as pessoas. Por outro lado: ser comunista em um Estado onde governa o proletariado significa renunciar completamente à independência individual. Delega-se, por assim dizer, ao Partido a tarefa de organizar a própria vida. Mas onde o proletariado é oprimido, trata-se de passar para o lado da classe oprimida, com todas as conseqüências que isto possa acarretar cedo ou tarde. A sedução do papel de pioneiro — não fosse a existência de colegas cujas ações demonstram, a todo momento, como tal posição é duvidosa. Dentro do Partido: a enorme vantagem de poder projetar seus próprios pensamentos em algo como um campo de força preestabelecido. A legitimidade de se permanecer fora do Partido é determinada, em última análise, pela questão de se é possível posicionar-se do lado de fora com alguma vantagem tangível e concreta, sem passar para o lado da burguesia ou prejudicar o próprio trabalho. Será possível atribuir

(91) Leitura conjectural.

uma justificativa concreta para meus futuros trabalhos, especialmente os científicos, com seus fundamentos formais e metafísicos? O que haveria de “revolucionário” em sua forma, se é que realmente existe algo nela de revolucionário? Será que minha posição como incógnito ilegal entre os autores burgueses tem algum sentido? Será que evitar certos extremos do “materialismo” constitui estímulo decisivo para o meu trabalho ou deveria procurar confrontar-me com eles dentro do Partido? Trata-se aqui de uma luta em torno das ressalvas que permeiam o trabalho especializado que realizei até agora. E a batalha só terminará com a filiação ao Partido — ainda que de forma experimental —, se nesta base estreita meu trabalho não for capaz de acompanhar o ritmo de minhas convicções e de organizar minha existência. Enquanto estiver viajando, contudo, minha filiação ao Partido mal pode ser considerada. — Era domingo. Traduzi durante a manhã. Almoço no pequeno restaurante na Bolshaia Dimitrovka. À tarde, no quarto de Asja, que estava se sentindo muito mal. À noite, sozinho no meu quarto, traduzindo.

10 de janeiro. Uma discussão extremamente desagradável com Reich aconteceu esta manhã. Voltou a falar de minha proposta de ler para ele o relato sobre o debate no Teatro Meyerhold.⁹² Agora eu já não tinha mais nenhuma vontade de fazê-lo, mas acabei concordando, ainda que com instintiva relutância. Considerando-se as conversas anteriores sobre meus artigos para a *Literarische Welt*, certamente nada de bom poderia resultar disso. Portanto, li rapidamente. Mas minha cadeira estava em posição tão infeliz, com a luz a me ferir os olhos, que só isso já teria bastado para que eu profetizasse o resultado. Reich escutou com impassibilidade forçada e, quando eu havia terminado, limitou-se a poucas palavras. O tom no qual as disse imediatamente atizou a briga, que era tanto mais insolúvel quanto menos seus verdadeiros motivos poderiam ser mencionados. No meio da discussão bateram à porta — Asja chegou. Logo depois voltou a sair. Enquanto ela estava presente, falei pouco: trabalhei na minha tradução. No pior estado possível, fui ao escritório de Basseches para ditar cartas e um artigo. Acho a secretária muito simpática, se bem que faz muito o gênero se-

(92) Publicado na *Literarische Welt*, em 11/2/1927, com o título “Der Regisseur Meyerhold — in Moskau erledigt?”.

nhora. Quando soube que pretendia voltar a Berlim, dei-lhe meu cartão de visitas. Não estava disposto a encontrar Reich no almoço. Por isso comprei alguma coisa e comi no quarto. No caminho para ver Asja tomei café, mais tarde tomei outro quando voltava para casa. Asja estava se sentindo mal e logo ficou cansada, de maneira que a deixei sozinha para que pudesse dormir. Mas, por alguns minutos, ficamos a sós no quarto (ou ela agiu como se estivéssemos). Aí ela disse que, se eu voltasse a Moscou e ela estivesse bem de saúde, eu não precisaria andar por aí tão solitário. Mas, se aqui sua saúde não melhorasse, ela iria a Berlim; eu teria que lhe dar um canto no meu quarto com um biombo e ela iria se tratar com médicos alemães. Passei a noite sozinho em casa. Reich chegou tarde e contou algumas coisas. Desde o incidente da manhã, porém, isto havia ficado claro para mim: não poderia mais contar com Reich para qualquer coisa que dissesse respeito à minha permanência aqui e, se esta não pudesse ser organizada proveitosamente sem ele, a única providência razoável seria partir.

11 de janeiro. Asja precisa novamente de injeções. Quis ir à clínica hoje e havíamos combinado, no dia anterior, que ela viria me buscar de manhã para que eu a levasse até lá de trem. Mas ela só chegou por volta do meio-dia. Já havia tomado as injeções no sanatório. Por essa razão, encontrava-se num estado um pouco agitado e quando estávamos sozinhos no corredor (eu tinha que telefonar e ela também) agarrou meu braço num acesso momentâneo de suas antigas travessuras. Reich havia se alojado no quarto e não dava nenhum sinal de querer sair. De forma que, mesmo agora que Asja finalmente viera de novo ao meu quarto de manhã, havia sido tudo em vão. De nada adiantou retardar minha saída por mais alguns minutos. Ela disse que não queria me acompanhar. Assim, deixei-a sozinha com Reich, fui à Petrovka (mas ainda sem conseguir meu passaporte) e depois ao Museu de Pintura. Este pequeno episódio fez com que me decidisse, finalmente, quanto à data da minha viagem de volta, que, de qualquer forma, estava se aproximando. Não havia muito o que ver no museu. Mais tarde, soube que Larionov e Goncharova⁹³ eram nomes famosos. Seus traba-

(93) Mikhail F. Larionov (1881-1964) e Natalia Goncharova (1881-1962), pintores de vanguarda (rayonismo, orfismo etc.) que, entre 1915 e 1929, colaboraram na criação dos cenários para as montagens dos balés russos de Diaghilev, na França.

lhos não têm nada de especial. Assim como a maioria dos outros, expostos em três salas, parecem totalmente influenciados por quadros contemporâneos parisienses e berlinenses, que copiam sem habilidade. — Por volta do meio-dia, passei várias horas na Secretaria de Cultura para retirar entradas do Teatro Maly⁹⁴ para Basseches, sua namorada e para mim. Mas como não foi possível, ao mesmo tempo, avisar o teatro por telefone, nossos passes não foram aceitos à noite. Basseches viera sem a namorada. Gostaria de ter ido ao cinema com ele, mas Basseches quis jantar e assim eu o acompanhei ao Savoy. É bem mais modesto do que o do Bolshaia Moskovskaia.⁹⁵ Além disso, senti bastante tédio com ele. É incapaz de falar sobre qualquer outra coisa que não de seus assuntos mais particulares e, quando o faz, é com um convencimento visível por se saber tão bem-informado e maravilhosamente capaz de transmitir essas informações aos outros. Não parava de folhear e ler a *Rote Fabne* [*Bandeira vermelha*]. Acompanhei-o no carro por um trecho e depois fui diretamente para casa, onde ainda trabalhei na tradução. — Na manhã deste dia comprei a primeira caixa laqueada (na Petrovka). Havia alguns dias que, como me acontece muito, só prestava atenção em uma única coisa ao caminhar pelas ruas: desta vez, justamente nas caixas laqueadas. Um namoro curto e apaixonado. Quero comprar três — mas ainda não tenho certeza do que irei fazer com as duas que já adquiri. Neste dia, comprei a caixinha com as duas moças sentadas junto ao samovar. É muito bonita — embora não tenha aquele preto puro que é, em geral, o mais belo nelas.

12 de janeiro. Neste dia comprei, no Museu Kustarny, uma caixa maior em cuja tampa havia a imagem de uma vendedora de cigarros sobre fundo preto. Junto dela há uma arvorezinha miúda e, ao lado desta, um menino. É uma cena de inverno, pois o chão está coberto de neve. A caixa com as duas moças também sugere época de neve, pois a sala onde estão sentadas tem uma janela que parece mostrar aquele ar azulado devido ao frio. Mas não tenho certeza. Esta nova caixa foi bem mais cara. Escolhi-a dentre uma grande variedade onde havia também muitas feias: cópias eslavas de mestres antigos. Particularmente caras

(94) O pequeno teatro (estatal acadêmico).

(95) O Savoy e o Bolshaia Moskovskaia eram dois famosos hotéis moscovitas.

são as caixas pintadas com ouro (esta característica é originária, provavelmente, de modelos mais antigos), mas não as acho atraentes. O motivo da caixinha maior é certamente bastante moderno; pelo menos vê-se a palavra *Mosselprom*⁹⁶ escrita no avental da vendedora. Sei que uma vez já vi caixas semelhantes na vitrine de uma loja muito elegante da rue du Faubourg Saint-Honoré e que as fiquei contemplando por longo tempo. Mas, naquela ocasião, resisti à tentação de comprar uma para mim, pois estava convencido de que deveria ganhar uma de Asja — ou talvez esperar até chegar a Moscou. Esta paixão origina-se da forte impressão que uma dessas caixas sempre me causou, no apartamento que Bloch tinha junto com Else em Interlaken;⁹⁷ o que me permite avaliar a impressão inesquecível que essas imagens sobre fundo preto de laca devem causar nas crianças. Mas esqueci o motivo da caixa de Bloch. — Hoje encontrei também cartões-postais fabulosos, do tipo que estava procurando há algum tempo: velhos encalhes da era czarista, sobretudo imagens coloridas em papelão impresso, paisagens siberianas (usarei uma delas para tentar iludir Ernst) etc. Foi numa loja na Tverskaia, e como o proprietário falava alemão, não havia a tensão que sinto sempre que tenho que fazer compras aqui, e não me apressei. Aliás, havia levantado e saído de casa cedo esta manhã. Depois, Asja aparecera, perto das dez horas, encontrando Reich ainda na cama. Ela havia ficado por meia hora, caricaturando atores e imitando o cantor que compôs “San Francisco”, uma canção de cabaré que ela provavelmente ouvira-o cantar muitas vezes. Eu já conhecia a canção de Capri, lá ela costumava cantá-la de vez em quando. De início, esperara poder acompanhá-la durante a manhã e sentar-me com ela num café. Mas estava ficando tarde demais. Saí com ela, coloquei-a no bonde e segui meu caminho sozinho. Essa visita matinal teve um efeito benéfico sobre o dia todo. Contudo, fiquei, a princípio, insatisfeito quando cheguei à galeria Tretyakov. Pois as duas salas que mais me alegrariam ver estavam fechadas. As outras salas, entretanto, causaram-me uma surpresa maravilhosa: consegui andar por esse museu como nunca antes conseguira por uma exposição desconhecida; totalmente descontraído

(96) Associação moscovita de empresas para a transformação de produtos agrícolas. As poesias de propaganda que Mayakovsky e Rodchenko lhe dedicaram contribuíram consideravelmente para a fama do Mosselprom.

(97) Ernst Bloch viveu com sua primeira mulher, Else Bloch von Stritzki (1883-1921), em Interlaken, na Suíça, da primavera de 1917 até 1919.

e entregue a um desejo de contemplação infantil das histórias que os quadros contavam. A metade dos quadros do museu retratavam costumes russos; o fundador havia começado sua coleção por volta de 1830 (?), concentrando-se quase que exclusivamente em artistas contemporâneos. Mais tarde, o horizonte de sua coleção foi ampliado até mais ou menos 1900. E como, com exceção dos ícones, as coisas mais antigas parecem datar da segunda metade do século XVIII, esse museu dá uma visão da história da pintura russa no século XIX, um período durante o qual predominava a pintura retratando os costumes e a paisagem. O que vi me leva à conclusão de que os russos são o povo europeu que mais intensamente desenvolveu a pintura que retrata costumes. Estas paredes repletas de quadros narrativos, representações de cenas da vida de diferentes camadas da população, transformam a galeria em um grande livro ilustrado. Havia, aliás, muito mais visitantes ali do que em todas as outras exposições que vi. Basta observá-los, como se movimentam pelas salas, em grupos, às vezes reunidos em torno de um guia, ou sozinhos, para perceber sua grande desenvoltura, que não apresenta nenhum traço da depressão desolada que se observa entre os raros proletários que visitam museus ocidentais: constata-se que, em primeiro lugar, o proletariado aqui começou a se apoderar verdadeiramente dos bens culturais da burguesia; em segundo, que essa coleção, especificamente, lhe diz respeito de modo particularmente familiar. Nela reconhece temas de sua própria história, “A governanta pobre chega à casa do comerciante rico”, “Um conspirador surpreendido pela polícia”, e o fato de que cenas dessa natureza são apresentadas bem no espírito da pintura burguesa não só não as prejudica, mas, pelo contrário, torna-as muito mais acessíveis a ele. A educação estética (como Proust às vezes tão bem dá a entender) não é exatamente fomentada pela contemplação das “obras-primas”. Ao contrário, a criança, ou o proletário em processo de aprendizagem, reconhece, com toda razão, como obras-primas quadros totalmente diferentes daqueles do colecionador. Tais pinturas assumem para ele, operário, um significado bastante transitório mas sólido, aplicando critério mais rigoroso apenas à arte que trata de seu presente, de sua classe e de seu trabalho. — Numa das primeiras salas, demorei-me longamente diante de dois quadros de Shchedrin,⁹⁸ o porto de Sorrento e uma outra

(98) Silvestr F. Shchedrin (1791-1830), paisagista russo.

paisagem da mesma região; ambos mostram a silhueta indescritível de Capri, algo que nos meus pensamentos permanecerá para sempre ligado a Asja. Quis escrever-lhe umas linhas, mas havia esquecido meu lápis. Essa imersão no tema, logo no começo de minha visita à exposição, determinou o espírito no qual segui para ver os outros quadros. Vi bons retratos de Gogol, Dostoyevsky, Ostrovsky, Tolstoy. Num piso inferior, descendo por uma escadaria, havia muitos Vereshchagin.⁹⁹ Mas não me interessei. — Saí do museu muito bem-humorado. Na verdade, este já era o meu estado de espírito quando entrei e a causa principal disto era a igreja pintada de vermelho-tijolo que fica perto do ponto de bonde. Era um dia frio, talvez não tanto quanto aquele em que fiquei andando para lá e para cá à procura do museu sem conseguir encontrá-lo, embora estivesse a apenas alguns passos dele. Por fim, houve ainda um bom momento no quarto de Asja neste dia. Reich havia saído pouco antes das sete horas; ela o havia acompanhado até embaixo, ficando lá por muito tempo e, quando finalmente retornou, eu ainda estava sozinho, mas só nos restavam uns poucos minutos. Não me lembro mais do que aconteceu então: de repente fui capaz de olhar Asja com grande afeto e percebi como ela se sentia atraída por mim. Fiz-lhe um breve relato daquilo que havia feito durante o dia. Mas eu tinha que ir embora. Dei-lhe minha mão, que ela tomou entre as suas. Teria gostado muito de continuar conversando comigo e eu lhe disse que, se pudesse ter certeza de que ela me visitaria à noite, não iria mais, como pretendia, ver a apresentação no Tairov. Mas no fim ela ficou em dúvida se o médico a deixaria sair. Combinamos que ela me visitaria numa das noites seguintes. — No Tairov estavam apresentando *Dia e noite*, baseado em uma opereta de Lecocq.¹⁰⁰ Encontrei o americano com quem havia marcado aquele encontro. Mas tirei pouco proveito de sua tradutora, que só se dirigia a ele. Como o enredo era bastante complicado, tive que me contentar com as bonitas cenas de balé.

13 de janeiro. O dia foi um fracasso, com exceção da noite. Além disso, agora está começando a esfriar muito: temperatura média em

(99) Vassily Vereshchagin (1842-1904), pintor russo, conhecido sobretudo por suas cenas de guerra.

(100) Alexandre Charles Lecocq (1832-1918).

torno de 26 graus Reaumur. Eu estava terrivelmente gelado. Nem minhas luvas ajudavam muito, pois tinham furos. No começo da manhã, as coisas ainda iam bem: achei a agência de viagens na Petrovka, quando já havia perdido a esperança de encontrá-la, e ainda descobri os preços das passagens. Aí, quis tomar o ônibus número nove para o Museu dos Brinquedos. Mas como o carro quebrou na Arbat e achei (erroneamente) que ele ficaria parado por muito tempo, desci. Háviamos acabado de passar pela feira da Arbatskaia e eu a havia olhado com nostalgia, pensando no meu primeiro encontro com os bonitos quiosques de artigos natalinos. Mas, desta vez, a sorte sorriu-me de maneira diferente. Na noite anterior havia chegado em casa cansado e abatido, esperando chegar no meu quarto antes de Reich, que, no entanto, já estava lá. Fiquei chateado por não poder ficar sozinho nem naquela hora (desde a nossa discussão sobre meu artigo acerca do Meyerhold, a presença de Reich freqüentemente me irritava) e ocupei-me imediatamente com a tentativa de colocar meu abajur numa cadeira ao lado da minha cama, como já havia feito várias vezes. A ligação provisória da fiação elétrica soltou-se outra vez; impacientemente, debrucei-me sobre a mesa para, nesta posição desconfortável, tentar restabelecer o contato; após muito remexer, acabei provocando um curto-circuito. — Não podia nem pensar em mandar consertá-lo neste hotel. Era impossível trabalhar só com a luz do teto e, assim, o problema que já havia surgido durante os primeiros dias veio à tona novamente. Deitado na cama, tive a idéia — “velas”. Mas até isso era difícil. Estava se tornando cada vez mais impraticável pedir a Reich que fizesse compras para mim; ele próprio tinha muito o que resolver e estava de mau humor. Restava a possibilidade de sair sozinho, armado de uma única palavra. Mas até esta palavra eu teria que obter primeiro com Asja. Por isso, foi realmente um golpe de sorte achar, contrariando todas as expectativas, velas no balcão de um dos quiosques, para as quais eu podia simplesmente apontar. Isto, entretanto, encerrou a parte feliz do dia. Eu estava congelado. Quis ver a exposição de arte gráfica na Casa Pechat:¹⁰¹ fechada. O Museu de Iconografia idem. Então entendi: era Ano Novo de acordo com o calendário antigo. Já ao descer do trenó — que havia tomado para o Museu de Iconografia, porque ficava distante, numa região que não conhecia, mal consegui ir adiante de tanto frio —

(101) “Casa da Imprensa”, uma espécie de clube de jornalistas.

vi que estava fechado. Em casos como este, quando se é impelido a fazer algo absurdo por mera incapacidade lingüística, fica-se duplamente consciente do imenso desperdício de energia e tempo que esta situação envolve. Descobri, mais perto do que havia imaginado, um bonde para a direção oposta e fui para casa. — Cheguei à Casa Herzen antes de Reich. Depois, quando ele chegou, cumprimentou-me com as palavras: “Você tem azar!”. É que tinha estado no escritório da *Enciclopédia* e havia entregue meu trabalho sobre Goethe. Coincidentemente, Radek¹⁰² acabara de chegar, viu o manuscrito em cima da mesa e o pegou. Desconfiado, perguntou de quem era. “A expressão ‘luta de classes’ aparece dez vezes em cada página.” Reich provou-lhe que não era o caso e disse-lhe que era impossível tratar da obra de Goethe, escrita numa época de intensas lutas de classes, sem usar esta expressão. Radek: “É uma questão de usá-la nos lugares certos”. As possibilidades de ter este trabalho aceito são, portanto, extremamente remotas. Pois os pobres diretores deste empreendimento são inseguros demais para se permitirem qualquer possibilidade de opinião própria, mesmo quando diante de uma piada ruim contada por uma autoridade qualquer. Reich ficou mais aborrecido com o incidente do que eu. Só me senti assim à tarde, quando conversava com Asja sobre isso. Ela já foi logo dizendo que devia haver alguma verdade nas palavras de Radek, que eu devia ter errado em algum ponto, que eu não sabia como lidar com as coisas aqui, e outros comentários do mesmo gênero. Disse-lhe na cara que suas palavras simplesmente expressavam covardia e necessidade de ver, a qualquer preço, de que lado soprava o vento. Logo após a chegada de Reich, sai do quarto. Sabia que iria contar-lhe o que havia acontecido e não quis que o fizesse em minha presença. Esperava que Asja me visitasse aquela noite. Disse-o a ela quando estava saindo, apesar da presença de Reich. Comprei todo tipo de coisas: caviar, bolos, doces, inclusive para Daga, que Reich visitaria no dia seguinte. Depois, sentei-me em meu quarto, jantei e escrevi. Pouco depois das oito, já havia abandonado todas as esperanças de que Asja viesse. Fazia muito tempo que não a esperava dessa maneira (também, dadas as circunstâncias, nem poderia ter esperado por ela). No momento em que começava a esboçar uma imagem esquemática dessa espera, que pudesse mostrar a ela, bateram à porta. Era ela, e suas

(102) Karl Radek (1885-1939), dirigente do Partido, membro do Presidium do Comintern em 1920, foi banido como “trotskista” em 1927-28.

primeiras palavras foram que não haviam querido deixá-la vir até aqui. Primeiro pensei que estava falando do meu hotel. Um novo *sovietdushi*¹⁰³ mudou-se para cá e parece querer cumprir tudo ao pé da letra. Mas ela estava se referindo a Ivan Petrovitch. Dessa forma, também aquela noite, ou antes aquela curta hora, havia sido podada por todos os lados e eu estava lutando contra o tempo. Contudo, fui vitorioso no primeiro assalto. Rapidamente desenhei o esquema que tinha em mente, e quando o expliquei para ela, ela pressionou sua testa firmemente contra a minha. Depois li o meu trabalho para ela; e também isto foi bom, ela gostou, até o achou extraordinariamente claro e objetivo. Comentei com ela aquilo que constitui para mim o verdadeiro interesse do tema “Goethe”: como um homem cuja vida inteira fora marcada por compromissos havia sido, não obstante, capaz de realizações tão extraordinárias. Acrescentei que algo semelhante seria inimaginável para um escritor proletário. Disse que, no entanto, a luta de classes da burguesia havia sido fundamentalmente diferente daquela do proletariado, e que não se podia equiparar esquematicamente as noções de “deslealdade” e “compromisso” nestes dois movimentos. Mencionei também a tese de Lukács de que o materialismo histórico só seria, no fundo, aplicável à própria história do movimento operário. Mas Asja logo se cansou. Aí peguei o *Diário de Moscou* e li para ela, ao acaso, passagens que atraíram meu olhar. O resultado não foi feliz. Fui cair justamente na parte onde trato da educação comunista. “Tudo isso é bobagem”, disse Asja. Estava insatisfeita e disse que eu não conhecia nada da Rússia. Obviamente não o neguei. Então ela própria começou a falar; o que disse era importante, mas ficou muito agitada enquanto falava. Contou como ela própria não havia compreendido a Rússia nem um pouco de início, que havia desejado voltar à Europa nas primeiras semanas após sua chegada, que tudo parecia terminado por aqui e a oposição tinha toda razão. Gradualmente havia se dado conta do que estava acontecendo realmente: a conversão do trabalho revolucionário em esforço técnico. Agora está se tornando claro para todo comunista que, neste momento, o trabalho revolucionário não significa luta ou guerra civil, mas eletrificação, construção de canais, criação de fábricas. Desta vez, eu próprio mencionei Scheerbart, um assunto que já me obrigara a aturar muita coisa dela e de Reich: nenhum

(103) Termo criado por Benjamin e Asja para designar o porteiro de hotel.

outro autor havia conseguido enfatizar tão claramente o caráter revolucionário do trabalho técnico. (Só lamento não ter utilizado esta excelente formulação na entrevista.) Com tudo isso, consegui adiar por alguns minutos a hora de sua partida. Depois, ela saiu e, como acontece às vezes quando se sente próxima de mim, não me convidou a acompanhá-la. Permaneci no quarto. As duas velas, que sempre mantenho acesas à noite depois do curto-circuito, haviam ficado sobre a mesa o tempo todo. Mais tarde, quando já estava na cama, Reich chegou.

14 de janeiro. Este dia e o seguinte foram desagradáveis. O relógio marca “partida”. Está ficando cada vez mais frio (a temperatura permanece constante, em média, pelo menos vinte graus negativos) e mais difícil cumprir minhas obrigações. Além disso, os sintomas da doença de Reich (ainda não sei o que ele tem) tornaram-se mais pronunciados, de maneira que ele pode fazer cada vez menos por mim. Hoje viajou, bem agasalhado, para visitar Daga. Aproveitei a manhã para visitar as três estações ferroviárias que ficam na praça Kalanchevskaja: a estação Kursk;¹⁰⁴ a estação Outubro, de onde partem os trens para Leningrado; e a estação Yaroslavsky, de onde partem os trens para a Sibéria. O restaurante da estação ferroviária é repleto de palmeiras e voltado para uma sala de espera pintada de azul. Você se sente como se estivesse observando os antílopes do jardim zoológico. Tomei chá ali e pensei na minha partida. À minha frente tinha uma bonita algibeira vermelha com um tabaco maravilhoso da Criméia, que havia comprado numa das barracas defronte à estação. Mais tarde, encontrei alguns novos brinquedos. Havia um mascate no Okhotny riad vendendo brinquedos de madeira. Reparo que certas mercadorias aparecem em levadas no comércio ambulante. Por exemplo, esta foi a primeira vez que vi machados de madeira para crianças com desenhos pirotgravados; num dos dias seguintes vi, em outro lugar, um cesto cheio deles. Comprei uma miniatura engraçada, de madeira, de uma máquina de costura, cuja “agulha” é posta em movimento ao se girar uma manivela, e uma caixinha de música com um João-teimoso de papier-mâché, um exemplar malogrado de um gênero de brinquedo que eu havia visto nos museus. Depois, não agüentei mais o frio e

(104) A estação Kursk não faz parte das três estações ferroviárias que ficam na praça Kalanchevskaja. Benjamin referia-se provavelmente à estação Kazan.

3319300/1314803

cambaleei até um café. Parecia ser um estabelecimento de caráter especial: havia móveis de junco na pequena sala; os pratos emergiam da cozinha por uma portinhola corrediça e o grande balcão ostentava *zakuski* [aperitivos]: frios, pepinos, peixes. Havia até uma vitrine, como nos restaurantes franceses e italianos. Não sabia o nome de nenhum dos pratos que poderiam ter me atraído e aqueci-me tomando uma xícara de café. Depois, saí e procurei nos corredores comerciais superiores a loja em cuja vitrine eu havia, num dos primeiros dias, notado bonecos de argila. Ainda estavam lá. Ao atravessar a passagem que leva da praça da Revolução à praça Vermelha, olhei mais atentamente para os vendedores ambulantes e fiz um esforço para observar coisas que antes haviam me escapado: venda de lingerie feminina (espartilhos), gravatas, xales, cabides. — Totalmente exausto, cheguei, enfim, perto das duas horas, à Casa Herzen, onde, entretanto, só se serve comida lá pelas duas e meia. Depois do almoço, fui para casa para me livrar do embrulho com os brinquedos. Por volta das quatro e meia cheguei ao sanatório. Quando estava subindo a escada, encontrei Asja, pronta para sair. Queria ir à costureira. No caminho, contei-lhe o que havia ouvido de Reich (que havia entrado em nosso quarto logo depois de mim) sobre a saúde de Daga. As notícias eram boas. Estávamos andando lado a lado quando Asja perguntou, repentinamente, se eu podia lhe emprestar dinheiro. Mas, ainda no dia anterior, havia conversado com Reich sobre a possibilidade de ele me emprestar 150 marcos para minha viagem de volta, e disse-lhe, portanto, que não tinha nenhum, sem saber ainda o motivo pelo qual o necessitava. Ela respondeu que eu nunca tinha dinheiro quando alguém precisava, prosseguiu repreendendo-me, falou do quarto em Riga que eu devia ter alugado para ela etc. Estava bastante exausto neste dia e, além do mais, extremamente exasperado pelo rumo que ela agora, tão insensivelmente, havia dado à conversa. Acontece que queria o dinheiro para alugar um apartamento que, segundo ouvira, estava disponível. Eu queria tomar um outro caminho, mas ela me segurou, agarrando-se em mim como jamais havia feito, insistindo sempre no mesmo assunto. Finalmente, fora de mim de tanta raiva, disse-lhe que ela havia mentido para mim. Havia me assegurado por carta que reembolsaria imediatamente minhas despesas em Berlim e, até agora, nem ela nem Reich haviam dito uma palavra sequer sobre este assunto. Isto a deixou perplexa. Tornei-me mais violento, prossegui em meu ataque até que ela, por fim, me

deixou para trás, passando a caminhar mais depressa pela rua. Não a segui, dei meia-volta e fui para casa. — Havia marcado um encontro com Gnedin para a noite. Ele deveria vir me buscar e me levar para a sua casa. Ele veio, de fato, mas permanecemos em meu quarto. Desculpou-se por não me convidar à sua casa: sua mulher estava se preparando para um exame e não tinha tempo. Conversamos até às onze, durante aproximadamente três horas. Comecei mencionando minha tristeza e meu aborrecimento por ter conhecido ainda menos da Rússia do que havia esperado. Concordamos que a única maneira de obter um quadro abrangente da situação seria falar com um grande número de pessoas. Aliás, ele estava se esforçando no sentido de me colocar em contato com uma coisa ou outra. Por exemplo, prometeu encontrar-me dentro de dois dias — um domingo — à tarde no Teatro do Proletkult. Mas, quando fui até lá, não o encontrei e voltei para casa. Prometeu também convidar-me para uma apresentação num clube cuja data, entretanto, ainda não havia sido marcada. O programa planejado consistia em alguns espetáculos por assim dizer experimentais, propondo novas cerimônias para o batismo, o casamento etc. Aqui quero acrescentar o que Reich me contou recentemente acerca dos nomes dos bebês na hierarquia comunista. A partir do momento que conseguem apontar para o retrato de Lenin, recebem o nome *oktiabre*. Naquela noite aprendi outro termo curioso. É a expressão “aqueles que já foram” (*byvshie liudi*), aplicada aos membros das esferas burguesas, desapropriadas pela Revolução, que não conseguiram se adaptar à nova situação. Gnedin falou-me das mudanças organizacionais contínuas que ainda prosseguirão durante anos. Todas as semanas, novas modificações organizacionais são introduzidas e grandes esforços são feitos para descobrir os melhores métodos. Também conversamos sobre o desaparecimento da vida privada. Simplesmente não há tempo. Gnedin contou que durante a semana não vê outras pessoas a não ser aquelas com as quais tem contato no trabalho, sua mulher e seu filho. Outros tipos de relação ficam restritos aos domingos, mas são instáveis porque se você perde o contato com seus conhecidos, mesmo que seja por apenas três semanas, já pode ter certeza de que não vai ter notícias deles por muito tempo, porque neste intervalo, eles substituíram os antigos conhecidos por novos. Mais tarde, acompanhei Gnedin até a estação, e no caminho ainda falamos sobre questões aduaneiras.

15 de janeiro. Ida inútil ao Museu de Brinquedos. Estava fechado, embora, segundo o guia, abrisse aos sábados. A *Literarische Welt* finalmente chegou de manhã, via Hessel. Esperava por ela tão impacientemente que todos os dias queria telegrafar para Berlim para pedir que a enviassem. Asja não entendeu o *Wandkalender* [Calendário de parede],¹⁰⁵ que pareceu não agradar muito a Reich. Novamente passei a manhã vagando pelas ruas, tentei entrar na exposição de arte gráfica pela segunda vez, em vão, e, por fim, cheguei com muita dificuldade à galeria Shchukin,¹⁰⁶ já semicongelado. O fundador foi, como seu irmão, um industrial têxtil e multimilionário. Ambos foram mecenas. Um deles financiou a construção do prédio do Museu Histórico (bem como parte de sua coleção); o outro, esta galeria maravilhosa de arte francesa moderna. Quando se sobe as escadas, gelado até os ossos, vêem-se no topo da escadaria os famosos murais de Matisse, figuras nuas dispostas ritmicamente sobre um fundo vermelho saturado, tão quente e radiante como o dos ícones russos. Matisse, Gauguin e Picasso eram as grandes paixões deste colecionador. Numa sala há 29 quadros de Gauguin atulhados na parede. (Novamente percebo — até onde a visita superficial a esta grande coleção permite o uso deste termo — que os quadros de Gauguin me causam uma impressão hostil, atingindo-me com todo o ódio que um não-judeu pode sentir em relação aos judeus.) — Provavelmente não há nenhum outro lugar no mundo onde se possa seguir como aqui o desenvolvimento de Picasso, dos

(105) Publicado na *Literarische Welt*, com versos de Walter Benjamin e desenhos de Rudolf Grossmann. Na mesma edição da *Literarische Welt* (24/12/1926) saiu também a resenha de Benjamin de *Cartas a Maxim Gorky, 1908-1913*, de Lenin. Após receber o *Wandkalender*, Benjamin enviou, em 13/1/1927, a seguinte carta a Grossmann, até agora inédita (o original está no Instituto Leo Baeck, Nova York):

Prezado sr. Grossmann,

Finalmente, com três semanas de atraso, chegou-me às mãos a *Literarische Welt* com as excelentes capitulares e ilustrações que o senhor fez para meus versinhos. Alegro-me muito que nosso trabalho tenha tido bom êxito, e acharia muito bom se pudéssemos ainda em outra oportunidade trabalhar juntos, como o fizemos agora. Quero agradecer-lhe muito pelas linhas dirigidas a Schaffer. Quando quis levá-las a ele, soube, infelizmente, que viajara, e, assim sendo, o senhor provavelmente já terá falado com ele. Eu mesmo pretendo voltar no fim do mês, quando tomarei a liberdade de telefonar para o senhor. — Li com prazer a bonita peça *Barbette*, de Cocteau, na última *Querschnitt*, e vi que a tradução é da esposa do senhor. Achei a peça em alemão tão boa quanto a havia achado em francês, nove meses atrás.

Com as mais gentis recomendações e lembranças ao senhor e a vossa esposa,

vosso Walter Benjamin

(106) Sergei Ivanovich Shchukin (1854-1936). Sua coleção, reunida entre 1908 e 1914, incluía 54 quadros de Picasso.

primeiros quadros de seus vinte anos até 1914. Ele deve ter pintado exclusivamente para Shchukin durante meses a fio, por exemplo, durante a “fase amarela”.¹⁰⁷ Seus quadros preenchem três salas contíguas. Na primeira, estão os primeiros trabalhos, dentre os quais dois que chamaram minha atenção: um homem vestido de pierrô que segura uma espécie de caneca na mão direita, e um quadro chamado *A bebedora de absinto*. Depois, o período cubista, por volta de 1911, quando Montparnasse estava surgindo, e finalmente o período amarelo, incluindo, entre outros, a *Amitié* e vários estudos a respeito. Logo depois há uma sala inteira dedicada a Derain. Perto de alguns quadros muito bonitos em seu estilo habitual, vi um que era totalmente desconcertante: *Le Samedi*. O quadro grande e sombrio representa mulheres em trajes flamengos reunidas em torno de uma mesa, ocupadas com alguma atividade doméstica. Tanto as figuras quanto as expressões lembram fortemente Memling. Com exceção da pequena sala com quadros de Rousseau, todas as outras são muito claras. Janelas com vidros inteiriços dão para a rua e o pátio do edifício. Aqui, pela primeira vez, tive uma rápida idéia da obra de pintores como Van Dongen e Le Fauconnier. A composição fisiológica de um pequeno quadro de Marie Laurencin¹⁰⁸ — uma cabeça de mulher, sua mão estendida para dentro do quadro, uma flor surgindo de dentro dela — lembrou-me de Münchhausen¹⁰⁹ e tornou evidente para mim seu antigo amor por Marie Laurencin. — À tarde soube por Nieman que minha entrevista havia sido publicada.¹¹⁰ Assim, fui visitar Asja munido da *Večerniaia Moskva* e da *Literarische Welt*. Mas, mesmo assim, a tarde não foi boa. Reich só apareceu muito mais tarde. Asja traduziu-me a entrevista. Eu havia compreendido nesse meio tempo que a conclusão da entrevista era fraca, devido à menção a Scheerbart

(107) Benjamin provavelmente refere-se aos quadros fortemente marcados por tons de amarelo e ocre da fase do “cubismo sintético” (1911-2 a 1914).

(108) Cornelius Theodor Marie “Kees” Van Dongen (1877-1968), pintor franco-holandês; na virada do século pertenceu ao movimento “Les Fauves”. [Victor Gabriel] Henri Le Fauconnier (1881-1946), pintor francês, cubista e expressionista. Marie Laurencin (1885-1956), pintora francesa influenciada por Matisse e pelo cubismo; desenhou figurinos para a Comédie Française e os balés russos de Diaghilev.

(109) Thankmar von Münchhausen (1892-1979), “descobriu” Marie Laurencin através do historiador de arte Wilhelm Uhde; a correspondência de Münchhausen com Benjamin, que deve tê-lo conhecido através de Hofmannsthal ou Rilke, permanece inédita.

(110) A entrevista com Benjamin, publicada na *Večerniaia Moskva*, não se encontra em arquivos ocidentais e não foi colocada à disposição do editor pela Biblioteca Lenin de Moscou.

— não porque soasse “perigosa”, como supunha Reich, mas sim porque o fizera de maneira imprecisa e insegura. Infelizmente, esta fraqueza ficou bem evidente, ao passo que o começo, a confrontação com a arte italiana, saiu bom. Contudo, penso que, no todo, sua publicação será útil. Asja foi cativada pelo começo, embora o fim a aborrecesse, com toda a razão. O melhor é que recebeu grande destaque na publicação. Por causa da nossa briga no dia anterior, eu havia comprado bolo para Asja no caminho. Ela o aceitou. Mais tarde, contou-me que depois de nos separarmos ontem, não queria mais saber de mim e decidira que não nos veríamos mais (ou, pelo menos, durante um bom tempo). Mas à noite, para sua própria surpresa, seu ânimo havia mudado e ela havia descoberto que era absolutamente incapaz de guardar rancor por muito tempo em relação a mim. Sempre que algo de errado acontece entre nós, ela termina perguntando a si mesma se não teria sido ela quem me ofendeu. Infelizmente, a despeito destas palavras, brigamos mais tarde, não lembro mais por quê.¹¹¹

15 de janeiro (continuação). Em resumo: após ter mostrado a Asja o jornal e a revista, a conversa retornou aos fracassos de minha estada aqui e quando voltamos a falar de minhas despesas em Berlim e Asja as criticou, perdi o autocontrole e corri, desesperado, para fora do quarto. Mas, ainda no corredor, pensei melhor — ou antes, senti que não tinha a força necessária para ir embora, e voltei, dizendo: “Queria ficar sentado aqui, em paz, por mais alguns minutos”. Aí, até conseguimos gradualmente retomar a conversa e quando Reich chegou, estávamos ambos exaustos, mas calmos. Decidi que, futuramente, em circunstância nenhuma iria deixar que acontecessem brigas semelhantes. Reich disse que não estava se sentindo bem. De fato, a cáibra no seu queixo não havia cedido, ou estava até pior. Não conseguia mais mastigar. A gengiva estava inchada e logo formou-se um abscesso. Não obstante, disse, tinha que ir ao clube alemão à noite. Na verdade, transformara-se em mediador entre o grupo alemão da VAPP e a delegação cultural moscovita dos alemães do Volga. Quando estávamos sozinhos no vesti-

(111) Aqui há um espaço em branco de quase duas páginas no manuscrito. Talvez Benjamin tenha pretendido inserir posteriormente uma transcrição da entrevista recém-publicada e anteriormente mencionada. É possível, no entanto, que não tivesse à mão a última folha escrita no momento da continuação das anotações referentes ao dia 15 de janeiro.

bulos, disse-me que estava com febre também. Toquei-lhe a testa e disse-lhe que não poderia, de jeito nenhum, ir ao clube. Por isso, mandou-me em seu lugar para cancelar o compromisso. O edifício não ficava muito distante, mas tive de enfrentar um vento tão cortante que quase não conseguia avançar. E, no final, nem achei o edifício. Voltei exausto e fiquei em casa.

16 de janeiro. Havia marcado minha viagem de volta para sexta-feira, dia 21. A proximidade da data tornou meus dias muito cansativos. Havia muitas coisas a resolver num curto espaço de tempo. Planejava duas coisas para o domingo. Queria não só encontrar Gnedin, por volta de uma hora, no Teatro do Proletkult,¹¹² como também visitar antes o Museu de Pintura e Iconografia (Ostrukhov).¹¹³ A primeira consegui realizar; a segunda, não. Novamente fazia muito frio, uma grossa camada de gelo tornava as janelas do bonde totalmente opacas. Primeiro passei bastante do ponto no qual devia descer. Depois voltei. Por sorte, no museu havia um zelador que falava alemão e percorreu a exposição comigo. Acabei dedicando apenas alguns minutos ao andar térreo, onde havia quadros russos do final do século passado e do começo deste. Fiz bem em subir logo para ver a coleção de ícones, colocada em bonitas salas claras, no primeiro andar do edifício baixo. O proprietário da coleção ainda está vivo. A Revolução nada modificou no museu; naturalmente, desapropriou-o, mas o manteve como diretor do museu. Este Ostrukhov é pintor e fez as primeiras aquisições há quarenta anos. Era multimilionário, viajava por toda parte e quis, afinal, iniciar uma coleção de antigas esculturas russas de madeira, quando a guerra eclodiu. A peça mais antiga de sua coleção, um retrato bizantino de um santo pintado em giz de cera sobre madeira, data do século VI. A maior parte dos quadros é dos séculos XV e XVI. Pelas informações do guia, fiquei conhecendo as diferenças essenciais entre as escolas de Stroganov e de Novgorod, e recebi grande número de explicações iconográficas. Pela primeira vez, notei a alegoria da

(112) Abreviação de Proletarskaia kultura, uma organização dedicada à promoção das “forças criativas latentes” do proletariado. Criada em 1917, perdeu sua independência político-organizacional em 1921, tornando-se diretamente subordinada ao Narkompros. Foi extinta em 1932.

(113) Ilya Semyonovich Ostrukhov (1858-1929), pintor russo que, de 1905 a 1913, foi curador da galeria Tretiakov.

morte derrotada ao sopé da cruz, tão freqüente nos ícones daqui, Sobre um fundo preto (como que espelhado numa poça lamacenta), uma caveira. Alguns dias mais tarde, na coleção de ícones do Museu Histórico, vi outras representações bastante notáveis do ponto de vista iconográfico. Por exemplo, uma natureza-morta dos instrumentos de martírio e, no altar ao redor do qual estão agrupados, o Espírito Santo movendo-se sob a forma de pomba sobre um pedaço de tecido pintado de um esplêndido rosa. Depois, duas caretas horríveis com uma auréola, ao lado de Cristo: obviamente representando a entrada dos dois ladrões no paraíso. Uma outra representação que aparece com freqüência — a refeição de três anjos, com a imolação de um cordeiro sempre em primeiro plano, em escala reduzida e com um caráter emblemático — permaneceu obscura para mim. A matéria temática das representações lendárias é, naturalmente, inacessível para mim. Quando por fim desci do andar superior, bastante frio, vi que haviam acendido o fogo da lareira, os poucos funcionários estavam sentados à sua volta, passando o tempo na manhã de domingo. Teria gostado de ficar, mas precisei sair no frio. O último trecho do caminho entre a agência dos telégrafos, onde havia descido, e o Teatro do Proletkult foi horrível. Lá montei guarda no vestibulo durante uma hora. Mas minha espera foi inútil. Soube, alguns dias depois, que Gnedin havia estado no mesmo lugar, esperando por mim. É quase impossível explicar como isto pôde ter acontecido. Seria concebível que eu, exausto como estava e com minha péssima memória para fisionomias, não o tivesse reconhecido em seu casaco e boné; mas não me parece plausível que a mesma coisa tivesse acontecido a ele. Retornei, então, pensando, a princípio, em comer algo no nosso restaurante de domingo, mas passei do ponto certo e sentia-me já tão cansado que preferia desistir do almoço a ter que andar um trecho a pé. Mas na praça Triumfalnaia reuni toda a minha coragem e abri a porta de uma *stolovaia* [restaurante *self-service*] que não conhecia. Tinha uma aparência acolhedora e a comida que pedi não estava ruim, embora a borscht não fosse comparável àquela que costumamos tomar aos domingos. Assim, ganhei tempo para descansar bastante antes de visitar Asja. Quando ela me disse, logo que entrei no quarto, que Reich estava doente, não fiquei surpreso. Não havia me visitado na véspera, mas fora ao quarto da companheira de Asja no sanatório. Agora estava acamado e Asja logo saiu com Manya para visitá-lo. Separei-me delas na porta do sanatório. Ai Asja me per-

guntou quais eram os meus planos para a noite. “Nenhum”, respondi, “ficarei em casa”. Nada respondeu. Fui visitar Basseches. Ele não estava; havia deixado um bilhete pedindo que o esperasse. Isto me convinha bastante; sentei-me na poltrona, as costas voltadas para a estufa próxima, serviram-me chá, e folheeí revistas alemãs. Ele chegou uma hora mais tarde. Mas, então, pediu-me que passasse a noite ali. Considerei o convite com certa inquietação. Por um lado, como um outro convidado estava sendo esperado, fiquei curioso de saber como transcorreria a noite. Além do mais, Basseches estava me dando algumas informações úteis sobre o cinema russo. Por fim, esperava também um jantar. (Esta esperança revelou-se, mais tarde, um engano.) Foi impossível avisar Asja de que eu ficaria na casa de Basseches; ninguém atendeu o telefone no sanatório. Um mensageiro foi enviado para lá: tive medo que ele chegasse tarde demais, e eu ficasse sem saber, naturalmente, se Asja pretendia me visitar. No dia seguinte, ela me disse que esta realmente havia sido sua intenção. Mas, de qualquer forma, recebera o bilhete em tempo. Dizia: “Querida Asja, estou passando a noite na casa de Basseches. Venho amanhã às quatro horas. Walter”. Havia emendado as palavras “noite” e “na” [*abends bei*] e, depois, colocado um traço diagonal para separar as duas. O resultado foi que Asja, num primeiro momento, leu: “Estou livre à noite” [*abends frei*]. — Mais tarde, apareceu um certo dr. Kroneker, que trabalha aqui como representante austríaco de uma grande firma russo-austríaca. Basseches disse-me que era social-democrata. Deu a impressão de ser inteligente, viajou muito e falou de maneira objetiva. No decorrer da conversa falamos sobre o uso de bombas de gás venenoso na guerra. Fiz comentários a respeito que impressionaram a ambos.

17 de janeiro. O resultado mais importante de minha visita a Basseches na véspera foi que consegui convencê-lo a ajudar-me com as formalidades da minha partida. Para tanto, havia me pedido que o buscasse cedo na segunda-feira (dia 16). Cheguei e ele ainda estava na cama. Foi muito difícil fazê-lo levantar. Já eram quinze para a uma quando afinal chegamos à praça Triumfalnaia; e eu chegara à sua casa às onze horas. Antes havia tomado café e comido um pedaço de bolo na pequena e habitual confeitaria. Isto foi bom, pois, devido ao grande número de

coisas a providenciar durante o dia, acabei não almoçando. Primeiro fomos a um banco na Petrovka, porque Basseches precisava sacar dinheiro. Eu mesmo troquei dinheiro, guardando só uma reserva de cinquenta marcos. Depois, Basseches arrastou-me a um pequeno escritório para apresentar-me a um diretor de banco que conhecia, um certo dr. Schick,¹¹⁴ diretor da divisão exterior. Este homem havia vivido por muito tempo na Alemanha, estudara lá, sem dúvida era de uma família muito rica e, além de sua formação profissional, sempre havia cultivado interesses artísticos. Havia lido minha entrevista na *Vecherniaia Moskva*. Coincidentemente, havia conhecido Scheerbart pessoalmente, durante seus estudos na Alemanha. Por isso, o contato foi imediato e nossa breve conversa terminou com um convite para jantar no dia 20. Depois, na Petrovka, recebi meu passaporte. Em seguida, de trenó, ao Narkompros,¹¹⁵ onde meus documentos receberam um visto para que pudesse cruzar a fronteira. Por fim, fui bem-sucedido na investida mais importante do dia: consegui persuadir Basseches a tomar um trenó de novo e ir comigo à loja de departamentos estatal GUM, em cujos corredores comerciais superiores havia os bonecos e cavaleiros que tanto desejava. Juntos, compramos tudo o que ainda restava deles, e escolhi os dez melhores para mim. Só custaram dez copeques cada. Minha observação aguda não me havia enganado: na loja disseram-nos que estes artigos, fabricados em Viatka [atual Kirov], não vêm mais a Moscou: não há mais mercado para eles aqui. Os que compramos eram, portanto, os últimos exemplares. Basseches comprou, ainda, tecido camponês. Ele saiu com seus embrulhos para almoçar no Savoy, e eu só tive tempo de deixar tudo em casa. Já eram quatro horas e precisava visitar Asja. Só ficamos no seu quarto por pouco tempo antes de irmos até Reich. Manya¹¹⁶ já estava lá. De qualquer maneira, ficamos alguns minutos a sós. Pedi a Asja que me visitasse à noite — até as dez e meia estaria livre — e ela prometeu fazê-lo, se possível. Reich estava bem melhor. Não me lembro mais sobre o que falamos no quarto dele. Saímos por volta das sete horas. Após o jantar, esperei em vão por Asja até que, às quinze para as onze aproximadamente, fui ver

(114) Maximilien Schick (1884-1968), poeta e tradutor para o alemão de Briusov, Gorky e outros. Viveu na Alemanha entre 1892 e 1907; colaborador da revista simbolista *Vesy (Balança)*.

(115) Abreviação de Narodnyi komissariat prosveshcheniia (Comitê popular para a educação pública), dirigido por Lunacharsky.

(116) Companheira de quarto de Asja Lacis.

Basseches. Mas não havia ninguém. Disseram que não havia voltado o dia inteiro. Suas revistas, algumas já conhecia e as outras não me interessavam. Estava a ponto de descer a escada, após uma espera de meia hora, quando encontrei sua namorada, que — não sei exatamente por quê: talvez não quisesse ficar sozinha com ele no clube — pediu insistentemente que esperasse mais um pouco. Concordei. Então, Basseches chegou; tivera de assistir ao discurso de Rykov¹¹⁷ no Congresso da Aviachim.¹¹⁸ Pedi-lhe que preenchesse meu requerimento para o visto de saída e depois saímos. Já no bonde, fui apresentado a um dramaturgo, escritor de comédias, que também estava indo ao clube. Mas nós três havíamos achado uma mesa na sala superlotada e nos sentado, quando a luz apagou, avisando que o concerto iria começar. Tivemos que nos levantar. Sentei-me no vestibulo junto com Basseches. Após alguns minutos, apareceu — de smoking, vindo diretamente do jantar que uma grande firma britânica havia dado na Bolshaia Moskovskaia — o cônsul-geral alemão. Viera atrás de duas mulheres que conhecera por lá e com as quais havia marcado um encontro, mas como não apareceram, ficou conosco. Uma mulher — segundo me disse, uma ex-princesa — estava cantando canções folclóricas com uma voz bonita. Eu ficava ora em pé no salão de jantar escuro, perto da entrada para o salão de música iluminado, ora sentado no vestibulo. Troquei algumas palavras com o cônsul-geral, que se comportou com muita cortesia. Mas seu rosto era rude, só muito superficialmente lapidado pela inteligência, e ele se encaixava perfeitamente na imagem de representante do serviço diplomático alemão que eu tinha em mente desde minha viagem marítima¹¹⁹ e desde que vi as figuras gêmeas de Frank e Zorn. Éramos agora quatro no jantar, pois o secretário da embaixada sentou-se também conosco à mesa, onde pude observá-lo à vontade. A comida estava boa, havia novamente a vodka temperada, entradas, dois pratos e sorvete. O público era o pior possível. Quanto menos artistas — não importa de que gênero — mais membros da burguesia da NEP. E surpreendente como essa nova burguesia é menosprezada, até pelos repre-

(117) Aleksei Rykov (1881-1938) foi, de 1924 a 1930, o sucessor de Lenin na presidência do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética.

(118) Abreviação de Obschestvo sodeistva aviatsionno-khimicheskemu stroitelstvu v SSSR (Sociedade para o estímulo da criação da indústria aeronáutica e química na URSS).

(119) Provável referência à viagem de navio, realizada por Benjamin em 1925, de Hamburgo, via Barcelona, à Itália.

sentantes estrangeiros — a julgar pelas palavras do cônsul-geral, que me pareceram sinceras neste caso. Toda a natureza empobrecida dessa classe revelou-se na dança que se seguiu, semelhante a um baile provinciano e insosso. Dançaram muito mal. Infelizmente, a alegria prolongou-se até as quatro horas por causa da vontade de dançar da namorada de Basseches. Eu estava morto de cansaço por causa da vodca, o café não me havia reanimado e, ainda por cima, estava com dor de barriga. Fiquei feliz quando finalmente me sentei no trenó para voltar ao hotel; fui deitar em torno de quatro e meia.

18 de janeiro. De manhã, visitei Reich no quarto de Manya. Tinha que levar algumas coisas para ele. Mas, ao mesmo tempo, estava indo lá com a intenção de me mostrar gentil a fim de atenuar as tensões dos dias anteriores à sua doença. Conquistei-o ao ouvir atentamente o resumo que fez de um livro sobre política e teatro que pretende publicar numa editora russa.¹²⁰ Discutimos também o projeto de um livro sobre a arquitetura de teatros, que ele poderia ter escrito junto com Poelzig¹²¹ e que certamente despertaria grande interesse, dado o grande número de pesquisas, no campo das artes cênicas, sobre cenários e figurinos. Antes de deixá-lo, ainda fui buscar-lhe cigarros na rua e concordei em resolver um assunto seu na Casa Herzen. Depois, fui ao Museu Histórico. Lá permaneci por mais de uma hora na coleção extraordinariamente rica de ícones, onde também encontrei um número considerável de obras mais tardias, dos séculos XVII e XVIII. Quanto tempo o Menino Jesus leva para adquirir a liberdade de movimentos nos braços da mãe, da qual desfruta nestes séculos! E, da mesma forma, são necessários vários séculos até que a mão da criança encontre a mão da mãe de Deus: os pintores de Bizâncio simplesmente as mostram uma em frente da outra. Em seguida, dei uma volta rápida pela seção arqueológica e só me detive à frente de alguns quadros mostrando o monte Athos. Ao sair do museu, compreendi um pouco mais o mistério do efeito surpreendente da Catedral Blagoveshchenski, que

(120) Reich somente publicaria um livro desta natureza muito mais tarde: primeiro, em 1970, em língua alemã (*Im Wettlauf mit der Zeit*); depois, em 1972, em russo.

(121) Hans Poelzig (1869-1936), influente arquiteto e professor da Technische Hochschule Charlottenburg. Entre outros trabalhos, transformou o Circo Schumann no Grosses Schauspielhaus de Max Reinhardt (Berlim, 1919).

havia sido minha primeira grande impressão isolada de Moscou. O efeito deriva do fato de que a praça Vermelha, se entramos nela vindos da praça da Revolução, apresenta uma suave inclinação, de maneira que as cúpulas da catedral emergem paulatinamente, como que detrás de uma montanha. O dia estava ensolarado e bonito e foi com grande alegria que novamente a contemplei. Não recebi o dinheiro para Reich na Casa Herzen. Quando cheguei à porta de Asja, às quatro e quinze, o quarto estava escuro. Bati duas vezes na porta, suavemente, e como ninguém respondesse, fui esperar no salão de jogos. Fiquei lendo *Nouvelles littéraires*. Mas, quinze minutos mais tarde, não obtendo resposta, abri a porta e não havia ninguém. Aborrecido por Asja ter saído tão cedo, sem esperar por mim, fui visitar Reich para, ainda assim, tentar marcar um encontro com ela à noite. Reich havia tornado impossível que eu fosse ao Teatro Maly com ela, como havia planejado, pois fizera objeções a isso, pela manhã. (Quando mais tarde recebi de fato os ingressos para a noite, não pude usá-los.) Chegando lá em cima, nem tirei minhas coisas e fiquei muito quieto. Manya estava de novo explicando algo, com muita veemência e uma voz terrivelmente alta. Mostrava um atlas estatístico a Reich. De repente, Asja dirigiu-se a mim e disse, sem rodeios, que não havia me visitado na noite anterior porque tivera fortes dores de cabeça. Eu estava deitado no sofá, de sobretudo, fumando o pequeno cachimbo que é o único que uso em Moscou. Afinal, de uma forma ou de outra, consegui comunicar a Asja que deveria me visitar após o jantar, sairíamos ou eu leria para ela a cena de lesbianismo.¹²² Depois fiquei ainda por alguns minutos, para não dar a impressão de que fora até ali exclusivamente para dizer isso. Portanto, logo levantei e disse que tinha que ir. “Para onde?” — “Para casa.” — “Pensei que fosse voltar ao sanatório conosco.” — “Vocês não vão ficar por aqui até as sete horas?”, perguntei um tanto hipocritamente, uma vez que tinha ouvido pela manhã que a secretária de Reich deveria vir. Acabei ficando, mas não fui ao sanatório com Asja. Julguei que seria mais provável que ela viesse à noite se lhe desse, agora, tempo para descansar. Enquanto isso, comprei caviar, tangerinas, doces e bolo para ela. Sobre o parapeito da janela, onde guardo os brinquedos, coloquei dois bonecos de argila para

(122) Cena na qual o narrador observa a troca de carícias entre mademoiselle de Vinteuil e sua amante, em *No caminho de Swann*.

que ela escolhesse um. E ela veio realmente, avisando logo de início: “Posso ficar só cinco minutos, preciso voltar imediatamente”. Mas desta vez era apenas uma brincadeira. Claro, eu havia notado que nos últimos dias — imediatamente após nossas brigas ferozes — ela estava se sentindo mais atraída por mim. Mas não sabia em que grau. Estava bem-humorado quando ela chegou, porque alguns minutos antes havia recebido farta correspondência com notícias agradáveis de Wiegand, Müller-Lehring e Else Heinle.¹²³ As cartas ainda estavam sobre a cama, onde as havia lido. Além disso, Dora¹²⁴ havia escrito que algum dinheiro estava a caminho e assim decidi prolongar mais um pouco minha estada. Contei-lhe e ela me abraçou. Dadas as dificuldades enfrentadas na última semana, eu estava tão longe de esperar um gesto semelhante que levou algum tempo até que ele me fizesse feliz. Sentia-me como um vaso de gargalo estreito no qual se despeja líquido de um balde. Havia, aos poucos, voluntariamente me fechado tanto que me tornei pouco receptivo à força das impressões externas. Mas esse sentimento me abandonou no decorrer da noite. Primeiro, pedi um beijo a Asja, em meio aos protestos habituais. Depois, foi como se um interruptor tivesse sido ligado e agora, enquanto tentava falar ou ler para ela, ela continuava me pedindo beijos. Ressuscitamos carinhos já quase esquecidos. Enquanto isso, dei-lhe os alimentos que havia comprado e os bonecos; ela escolheu um que colocou em frente à sua cama, no sanatório. Voltei de novo a falar da minha permanência em Moscou. E como ela é quem realmente havia dito as palavras decisivas no dia anterior, a caminho da casa de Reich, bastava que as repetisse: “Moscou coloca-se na minha vida de tal maneira que só posso percebê-la através de você — isso é verdade, independentemente de qualquer história de amor, sentimentalismo etc.” Mas, e isso ela também havia me dito antes, seis semanas são apenas o tempo necessário para que alguém se sinta um pouco em casa numa cidade, especialmente quando

(123) Willy Wiegand (1884-1961), um dos fundadores da Bremer Presse, responsável pela publicação das *Neue Deutsche Beiträge*, nas quais, entre 1924 e 1925, saiu o ensaio de Benjamin sobre as *Afinidades eletivas* de Goethe. Arthur Müller-Lehning (n.1899), escritor, editor da revista *i 10*, revista internacional (Amsterdã) na qual Benjamin publicou, no começo de 1927, uma das primeiras versões de um texto de *Rua de mão única* (“Kaiserpanorama”) e, alguns meses após a sua volta, o relato “Nova poesia na Rússia”. Else Heinle era a mulher de Wolf Heinle (1899-1923); Benjamin apreciava muito as poesias deste e de seu irmão Friedrich Heinle (1892-1914), e pretendia editá-las.

(124) Dora Sophie Pollak-Benjamin (1890-1964), com quem Benjamin esteve casado de 1917 a 1930.

não fala a língua e, por causa disso, defronta-se com obstáculos a todo instante. Asja me fez guardar as cartas e deitou-se na cama. Beijamo-nos muito. Mas o que me excitou mais profundamente foi o toque de suas mãos; ela própria já mencionara que todos os que haviam estado unidos a ela sentiram a força extremamente poderosa que delas emanava. Coloquei a palma de minha mão direita bem junto de sua mão esquerda e assim permanecemos por muito tempo. Asja lembrou a bonita carta minúscula que lhe havia dado uma noite na via Depretis em Nápoles, quando estávamos sentados à mesa, na frente de um pequeno café na rua quase deserta. Vou ver se a encontro em Berlim. Depois li para ela a cena de lesbianismo em Proust. Asja compreendeu o niilismo selvagem que ela contém: o modo como Proust, de certa maneira, penetra no interior do pequeno-burguês, um cômodo bem arrumado que leva a inscrição “sadismo”, e, depois, impiedosamente reduz tudo a cacos, de forma a não deixar traço da concepção imaculada e organizada de perversidade; ao contrário, o mal é que mostra explicitamente, dentro de cada fratura, sua substância verdadeira — “humanidade”, ou mesmo “bondade”. E, enquanto o explicava a Asja, dei-me conta de quanto isto coincidia com a orientação do meu livro sobre o barroco. Assim como na noite anterior, quando estava lendo sozinho no quarto e deparei-me com a passagem extraordinária sobre a *Caritas* de Giotto,¹²⁵ tornou-se claro para mim que Proust desenvolve ali uma concepção que corresponde, em todos os aspectos, àquilo que eu mesmo tentei agrupar em torno do conceito de alegoria.

19 de janeiro. Quase nada a relatar sobre este dia. Como minha partida havia sido adiada, descansei um pouco dos compromissos e das visitas dos dias anteriores. Pela primeira vez Reich havia voltado a dormir no meu quarto. Asja veio de manhã. Mas logo precisou sair para uma entrevista referente a seu emprego. Durante sua breve visita, conversamos sobre o uso de bombas de gás na guerra. No início, discordou de mim violentamente; mas Reich interferiu. No fim, sugeriu que eu anotasse aquilo que havia dito e prometi a mim mesmo escrever um artigo sobre esta questão para a *Weltbühne* [Palco do mundo]. Saí pouco depois de Asja. Encontrei-me com Gnedin. Nossa conversa foi

(125) Em *No caminho de Swann*.

curta; concordamos acerca do contratempo que tivéramos no domingo, ele me convidou para ir à casa de Vakhtangov¹²⁶ no domingo seguinte, e deu-me ainda alguns conselhos a respeito de como passar com minha bagagem pela alfândega. Tanto na ida quanto na volta da casa de Gnedin passei pelo edifício da Cheka.¹²⁷ Em frente, há sempre um soldado com uma baioneta calada, andando de um lado para o outro. Depois, fui ao correio, onde telegrafei pedindo dinheiro. Almocei no nosso restaurante de domingo, depois fui para casa e descansei. No vestibulo do sanatório encontrei Asja, vinda de uma direção e, logo após, Reich vindo da outra. Asja precisava tomar banho. Enquanto isso, Reich e eu jogamos dominó em seu quarto. Depois, Asja veio e contou-nos das perspectivas que se haviam aberto para ela naquela manhã, da possibilidade de obter um emprego, como assistente de direção, num teatro na Tverskaia que faz apresentações para crianças proletárias duas vezes por semana. Reich esteve, à noite, com Illés. Não o acompanhei. Apareceu no meu quarto perto das onze horas; tarde demais para irmos ao cinema, como havíamos planejado. Conversa curta e algo infrutífera sobre o cadáver no teatro pré-shakespeariano.

20 de janeiro. Passei grande parte da manhã escrevendo no meu quarto. [Como Reich] tinha que resolver algumas coisas na *Enciclopédia* à uma hora, quis aproveitar a oportunidade para ir lá também, menos para tentar obter a aprovação de meu trabalho sobre Goethe (não tinha mais qualquer esperança quanto a isso), do que para seguir uma sugestão de Reich, e não parecer indolente a seus olhos. Do contrário, ele poderia ainda culpar a minha falta de entusiasmo pela rejeição do artigo sobre Goethe. Foi difícil conter o riso quando, enfim, estava sentado frente a frente com o professor responsável pela questão. Ao ouvir meu nome, imediatamente saltou da cadeira, foi buscar meu trabalho e, ainda, um secretário para apoiá-lo. Este começou propondo-me artigos sobre o barroco. Fiz da aceitação do verbete sobre Goethe o pré-requisito para qualquer outra colaboração futura. Então, enumerei

(126) Evgeny Vakhtangov (1883-1922). O teatro que leva seu nome foi criado a partir do terceiro estúdio do MKHAT, fundado em 1921. Durante algum tempo Vakhtangov foi também diretor do Habimah (Teatro Hebraico).

(127) Abreviação de Chrezvychnaia komissija (Comitê extraordinário), a polícia política secreta.

meus escritos publicados, enfatizei minhas qualificações, como Reich havia aconselhado, e, no momento exato em que o fazia, Reich entrou. Contudo, sentou-se distante de mim e começou a conversar com um outro funcionário. A decisão deles me seria comunicada dentro de alguns dias. Tive que passar um bom tempo esperando por Reich no vestibulo. Afinal saímos; contou-me que estavam pensando em propor a Walzel o artigo sobre Goethe. Fomos visitar Pansky. É difícil acreditar — embora seja possível — que tenha 27 anos, como Reich me informou mais tarde. A geração que estava na ativa na época da Revolução começa a envelhecer. É como se a estabilização da situação do Estado tivesse introduzido em suas vidas uma tranquilidade, ou até uma indiferença, como a que normalmente se adquire apenas com a idade. Pansky, de qualquer forma, não é de maneira alguma amável, o que, aliás, parece ser também o caso dos moscovitas em geral. Prometeu-me, para a próxima segunda-feira, a apresentação de alguns filmes que eu queria ver antes de escrever um artigo contra Schmitz, que a *Literarische Welt* me havia solicitado. Fomos comer. Voltei para casa após a refeição porque Reich queria falar com Asja em particular. Mais tarde, ainda subi para vê-los por uma hora e, depois, fui para a casa de Basseches. A grande decepção da noite, na casa do diretor de banco Maximilien Schick, foi que não houve jantar. Não havia comido quase nada no almoço e estava faminto. Assim, quando finalmente serviram o chá, empanturrei-me descaradamente de bolo. Schick provém de uma família muito rica, estudou em Munique, Berlim e Paris e serviu na guarda russa. Agora mora, com a mulher e um filho, num cômodo transformado em três por cortinas e divisórias. Provavelmente, é um bom exemplo de um daqueles homens que chamam aqui de “já fora”. Não só do ponto de vista sociológico (e, sob este aspecto, não se pode afirmar que seja, pois certamente ocupa uma posição nada insignificante). O que “já fora” é seu período produtivo. Costumava publicar poemas no *Die Zukunft* [O futuro], por exemplo, e artigos em revistas há muito desaparecidas. Mas agarra-se ainda a suas antigas paixões, e tem, em sua sala de estudos, uma biblioteca não muito grande mas seleta de obras francesas e alemãs do século XIX. Contou-me quanto havia pago por alguns dos volumes mais valiosos, preços que indicavam que os vendedores os consideravam papel velho. Durante o chá, tentei obter algumas informações sobre a nova literatura russa. Meus esforços foram em vão. Sua compreensão mal ultrapassa

Briusov.¹²⁸ Uma mulher pequena, muito graciosa, da qual se podia perceber que não trabalhava, ficou sentada conosco o tempo todo. Mas ela também não se interessava por livros e veio bem a calhar que Basseches lhe fizesse companhia. Como recompensa por vários favores que espera obter de mim na Alemanha, acumulou-me de livros infantis sem valor nem interesse, sem que eu pudesse recusá-los todos. Só levei um com prazer, e, aliás, também este não tinha nenhum valor, mas era bonito. Na hora de sair, Basseches felizmente atraiu-me até a Tverskaia com a promessa de me mostrar um café freqüentado por prostitutas. Na verdade, nada havia de notável no café, mas pelo menos acabamos comendo peixe frio e caranguejo. Levou-me de volta, num trenó de luxo, até o cruzamento da Sadovaia com a Tverskaia.

21 de janeiro. Este é o aniversário da morte de Lenin. Todos os estabelecimentos de diversões permanecem fechados. No entanto, o feriado para lojas e escritórios foi transferido, em consideração ao “regime econômico”, para o dia seguinte, um sábado, dia em que, de qualquer forma, se trabalha apenas meio período. Saí cedo para ver Schick no banco e lá soube que a visita a Muskin,¹²⁹ para ver sua coleção de livros infantis, fora marcada para sábado. Troquei dinheiro e fui ao Museu dos Brinquedos. Desta vez, finalmente, fiz algum progresso. Prometeram-me para terça-feira alguma informação sobre as fotografias que queria mandar fazer. Mas, então, mostraram-me fotos cujos negativos estavam disponíveis. Como estas custavam bem menos, encomendei umas vinte aproximadamente. Também desta vez, estudei especialmente os objetos em argila de Viatka. — Na noite anterior, quando já estava saindo, Asja me convidara para ir com ela, às duas da tarde, ao teatro infantil que funciona no edifício do cinema Ars, na Tverskaia. Mas, quando lá cheguei, o teatro estava deserto; vi que dificilmente haveria espetáculo naquele dia. Com a informação de que o teatro estava fechado, o vigia expulsou-me afinal do vestibulo onde estava procurando me aquecer. Após ter esperado do lado de fora por algum tempo, Manya chegou com um bilhete de Asja, no qual ela dizia que havia se enganado e que a apresentação seria no sábado, e

(128) Valerii Briusov (1873-1924), romancista russo.

(129) Diretor da seção de livros infantis da editora estatal.

não na sexta-feira. Com a ajuda de Manya, comprei algumas velas. Meus olhos já estavam bastante inflamados por causa da luz de velas. Querendo ganhar tempo para trabalhar, não fui à Casa Herzen (que, aliás, provavelmente estava fechada naquele dia), mas à *stolovaia* perto de casa. A comida era cara mas aceitável. De volta ao quarto, não trabalhei no Proust,¹³⁰ como me propusera, mas numa réplica ao necrológio ruim e insolente que Franz Blei havia escrito sobre Rilke. Mais tarde, li para Asja o que havia escrito e seus comentários me levaram a reformular a réplica naquela mesma noite e no dia seguinte. Aliás, ela não estava se sentindo bem. — Mais tarde, comi com Reich no mesmo restaurante onde havia almoçado. Era a primeira vez que ele entrava lá. Em seguida, fizemos algumas compras. À noite, ficou no meu quarto até por volta das onze e meia, e envolvemo-nos numa conversa durante a qual cada um de nós contou detalhadamente o que lembrava de suas leituras de juventude. Ele estava sentado na poltrona; eu, deitado na cama. No decorrer desta conversa descobri o fato curioso de que, já quando jovem, mantinha-me afastado das leituras consideradas habituais. O *Neuer deutscher Jugendfreund*, de Hoffmann, é praticamente o único livro juvenil típico daquela época que li também. Ao lado, naturalmente, dos primorosos volumes de Hoffmann, do *Lederstrumpf*, dos *Sagen des klassischen Altertums*, de Schwab. Mas não li mais do que um volume de Karl May, nem conheço o *Kampf um Rom* ou os romances marítimos de Wörishöffer. De Gerstäcker li apenas uma obra, *Die Regulatoren von Arkansas*, que devia conter uma ardente história de amor (ou será que o li apenas porque foi isto que ouvira sobre um de seus livros?). Descobri também que todo o meu conhecimento da literatura dramática clássica remontava a meus dias de círculo de leitura.¹³¹

(130) Benjamin provavelmente refere-se a um plano, que nutria há tempos, de escrever um ensaio sobre Proust. Numa carta de 18 de setembro 1926 diz a respeito: “Não sei há quanto tempo, tenho entretido a idéia de escrever um ensaio, ‘En traduisant Marcel Proust’, e acabei de receber de Marselha, dos *Cahiers du Sud*, a promessa de publicá-lo. Só que levarei algum tempo para redigi-lo. No fundo, conterà muito pouco sobre a tradução: tratará de Proust” (*Briefe*, p. 431). Tal projeto seria realizado apenas em 1929.

(131) Ver, a respeito, uma observação de Gershom Scholem em Walter Benjamin, *Briefe*, p. 39: “Benjamin, [Herbert] Belmore, [Alfred] Steinfeld, Franz Sachs e Willi Wolfradt (que posteriormente escreveu sobre arte), todos colegas de classe, promoveram, de 1908 (quando Walter Benjamin retornou de Hanbinda e voltou à Kaiser-Friedrich-Schule) até o início da Primeira Guerra Mundial, uma noite semanal de leitura, na qual se faziam leituras dramáticas de peças de Shakespeare, Hebbel, Ibsen, Strindberg, Wedekind e outros. Os participantes também liam, uns para os outros, as críticas

22 de janeiro. Ainda não havia me lavado, mas já estava sentado à mesa, escrevendo, quando Reich chegou. Nesta manhã estava ainda menos disposto a ter companhia do que habitualmente. Quase não me deixei distrair do meu trabalho. Mas, quando quis sair, perto da uma e meia, e Reich me perguntou “para onde”, soube que ele também estava indo à peça infantil para a qual Asja havia me convidado. Minha única vantagem era, portanto, o fato de ter esperado inutilmente por meia hora na porta do teatro, no dia anterior. Não obstante, fui na frente para tomar algo quente no café de sempre. Mas até os cafés estavam fechados neste dia e isto, igualmente, faz parte da política do *remont*. Assim, caminhei vagarosamente, ao longo da Tverskaia até o teatro. Mais tarde chegou Reich, em seguida Asja com Manyá. Como formávamos agora um grupo de quatro pessoas, perdi o interesse na coisa. De qualquer maneira, não poderia ficar até o fim porque precisava encontrar Schick às três e meia. Tampouco fiz esforço algum para ficar ao lado de Asja no bonde, e sentei-me entre Reich e Manyá. Asja pediu a Reich que traduzisse o diálogo para mim. A peça parecia tratar da fundação de uma fábrica de conservas, e ter uma postura fortemente chauvinista contra a Inglaterra. Sai no intervalo. Asja até me ofereceu o lugar ao lado do seu para me induzir a ficar, mas eu não queria chegar atrasado e, pior ainda, exausto ao encontro com Schick. Ele mesmo ainda nem estava totalmente pronto. No ônibus, falou de seus dias em Paris, que Gide o visitara certa vez etc. A visita a Muskin valeu a pena. Embora tenha visto apenas um livro infantil verdadeiramente importante, um calendário suíço para crianças, de 1837, num volume pequeno e bem fino com três ilustrações coloridas muito bonitas, vi, não obstante, tantos livros infantis russos que pude fazer uma idéia do nível de suas ilustrações. Elas se baseiam, em grande medida, nas alemãs. As ilustrações de muitos dos livros foram feitas em oficinas de litografia alemãs. Muitos livros alemães foram copiados. As edições russas do *Struwwelpeter* que vi lá são muito grosseiras e feias. Muskin colocava bilhetes em vários livros, anotando neles meus comentários. Ele é o diretor da divisão de livros infantis na editora estatal. Mostrou-me alguns exemplares de sua produção. Dentre eles havia livros para os quais ele próprio havia escrito o texto. Expliquei-

que escreviam após terem assistido a peças de teatro, críticas que freqüentemente eram merecedoras de publicação, mas que nunca o foram” (carta do dr. Franz Sachs, Johannesburgo)”.

lhe meu grande plano de um trabalho documental sobre “a fantasia”.¹³² Pareceu não compreendê-lo muito bem e, de maneira geral, deixou em mim uma impressão medíocre. Sua biblioteca estava num estado de conservação lastimável. Não havia espaço suficiente para guardar os livros de maneira apropriada, estavam todos misturados em estantes pelo corredor. A mesa do chá era farta e, sem esperar qualquer encorajamento, comi muito, pois não havia almoçado nem jantado. Ficamos cerca de duas horas e meia. No fim, ainda me deu dois livros publicados por sua editora que eu, secretamente, prometi a Daga. Passei a noite em casa trabalhando no Rilke e no diário. Mas — como também neste exato momento — com matéria-prima tão pobre que não me ocorre nada que possa escrever.

23 de janeiro. (Faz muito tempo que não escrevo no diário, de maneira que vou precisar resumir meu relato.) Neste dia, Asja preparou tudo para deixar o sanatório. Estava se mudando para a casa de Rachlin; havia enfim encontrado um ambiente agradável. No decorrer dos dias seguintes fui capaz de avaliar as possibilidades que Moscou poderia ter me oferecido se as portas de uma casa como essa tivessem sido abertas para mim mais cedo. Agora era tarde demais para aproveitar qualquer dessas possibilidades. Rachlin mora num grande quarto, muito limpo, no edifício que abriga o Arquivo Central. Ela vive com um estudante que deve ser muito pobre e que, por orgulho, acha que não deveria morar com ela. Na quarta-feira, dois dias após termos nos conhecido, ela me presenteou com um punhal caucasiano, um trabalho muito bonito em prata, se bem que não valioso e destinado a crianças. Asja afirma que é a ela que devo o presente. Quanto a meus encontros com Asja, os dias de sua estada com Rachlin não foram mais propícios do que aqueles no sanatório. Estava sempre lá um general do Exército Vermelho que estava casado há apenas dois meses, mas ficava cortejando Asja de todas as maneiras possíveis e pedia que ela fosse com ele a Vladivostok, para onde estava sendo transferido. Disse que queria deixar sua mulher aqui em Moscou. Num destes dias, na segunda-feira, para ser exato, Asja recebeu uma carta de Astachov, de Tóquio,

(132) Não se tem notícia da concretização deste projeto. Talvez Benjamin tivesse em mente uma maior documentação de fenômenos como as “frases-fantasia, construídas por uma menina de onze anos a partir de palavras dadas” (GS IV, pp. 802-3).

que havia sido mandada a Riga e de lá reenviada por Elvira a Moscou. Na quinta-feira, quando saíamos juntos do quarto de Reich, contou-me detalhadamente o conteúdo da carta e ainda falou sobre ela na noite daquele dia. Astachov parece pensar muito nela e como ela lhe pedira um xale com estampas de flores de cerejeira, ele provavelmente — assim eu lhe disse — havia passado meio ano em Tóquio procurando xales com flores de cerejeira nas vitrines. Na manhã deste dia, ditei a nota atacando Blei e algumas cartas. Estava muito bem-humorado à tarde, falei com Asja, mas só me lembro que, logo após ter deixado seu quarto para levar sua mala para o meu, ela veio até a porta e me deu a mão. Não sei o que esperava de mim, talvez nada. Só no dia seguinte compreendi que Reich havia montado todo um esquema para que eu carregasse a mala porque ele estava se sentindo mal. Dois dias depois, após a mudança de Asja, caiu de cama no quarto de Manyá. Mas recuperou-se rapidamente de uma gripe. Por isso, continuei dependendo completamente de Basseches quanto aos arranjos referentes à minha partida. Quinze minutos após minha saída do sanatório, encontramos-nos no ponto de ônibus. Havia marcado um encontro com Gnedin no Teatro Vakhtangov para aquela noite, mas antes precisei acompanhar Reich até sua tradutora, uma vez que queria, se possível, utilizar seus serviços na manhã seguinte, quando deveria ver filmes no cinema estatal. Tudo deu certo. Em seguida, Reich colocou-me num trenó e fui ao Vakhtangov. Gnedin e sua mulher chegaram quinze minutos após o início da apresentação. Eu acabara de tomar a decisão de ir embora e já me perguntava, lembrando-me do domingo anterior no Teatro do Proletkult, se Gnedin seria louco. Agora, também, já não havia mais ingressos disponíveis. No fim, contudo, ele ainda acabou conseguindo arranjar alguns; embora não estivéssemos sentados juntos, no decorrer das várias sessões, fizemos todas as permutações possíveis, pois havia dois lugares juntos e um separado. A mulher de Gnedin era avantajada, gentil e reservada e, apesar de seus traços extremamente simples, tinha um certo charme. Após a apresentação, ambos me acompanharam até o Smolensk Ploshchad, onde tomei o bonde.

24 de janeiro. Este foi um dia muito cansativo e aborrecido, embora tenha finalmente conseguido alcançar quase todos os meus objetivos. Começou com uma espera interminável no cinema estatal. Após duas

horas, a projeção começou. Vi *Mãe*, *Potemkin* e uma parte de *O processo de três milhões*.¹³³ A coisa toda custou-me um *chervonets*, pois, em consideração a Reich, quis dar algo à tradutora que ele me havia arranjado, mas ela não determinou uma quantia e, afinal, eu utilizara seus serviços durante cinco horas. Foi muito cansativo permanecer por tanto tempo na pequena sala de projeção, onde éramos virtualmente os únicos espectadores, e assistir a tantos filmes sucessivamente sem nenhum acompanhamento musical. Encontrei Reich na Casa Herzen. Fui visitar Asja depois do almoço; esperei por ambos no meu quarto para irmos juntos à casa de Rachlin. Mas apenas Reich apareceu. Assim, saí para buscar o meu dinheiro, que fora enviado à agência de correios perto'daqui. Isto demorou aproximadamente uma hora. Valeria a pena descrever a cena. A funcionária tratava minha ordem de pagamento como se fosse um filho favorito que eu estivesse tentando roubar dela e, não fosse pela chegada ao guichê, após algum tempo, de uma mulher que falava um pouco de francês, eu teria ido embora sem nada conseguir. Cheguei exausto ao hotel. Alguns minutos mais tarde, partíamos em direção à casa de Rachlin, carregados de malas, casacos e cobertores. Asja havia ido direto para lá neste meio tempo. Assim, havia ali um grande grupo reunido: além do general vermelho, havia uma amiga de Rachlin, que queria me entregar uma encomenda para uma amiga parisiense, uma pintora. Tudo continuava cansativo, pois Rachlin — uma pessoa não de todo desagradável — insistia em falar comigo sem parar, ao passo que eu, incerto quanto à extensão do interesse do general por Asja, me esforçava continuamente por observar o que se passava entre eles. Além de tudo, ainda havia a presença de Reich. Tive que abandonar toda esperança de falar a sós com Asja; as poucas palavras que trocamos ao sair foram sem importância. Em seguida, passei na casa de Basseches por alguns minutos, para discutir alguns detalhes técnicos referentes à minha partida. Depois, voltei para casa. Reich dormiu no quarto de Manya.

25 de janeiro. A escassez de moradia produz aqui um efeito curioso: ao contrário de outras cidades, vêem-se aqui, caminhando pelas ruas à noi-

(133) *Mat*, filme de 1926, dirigido por Vsevolod I. Pudovkin e baseado no romance homônimo de Gorky dos anos 1906-7. *O processo de três milhões*, comédia policial soviética dirigida por Yakov Protazanov, também de 1926.

te, as janelas das casas, grandes e pequenas, quase todas iluminadas. Não fosse pela irregularidade da luz que emana destas janelas, seria possível associá-la a uma iluminação festiva. Notei outra coisa nestes últimos dias: não é só a neve que pode nos fazer sentir saudades de Moscou, mas também o céu. Em nenhuma outra metrópole se vê um céu tão amplo. A causa disto são os edifícios, em geral muito baixos. Nesta cidade sente-se constantemente o vasto horizonte das planícies russas. Algo de novo e agradável foi um menino na rua carregando um tabuleiro com pássaros empalhados. Também eles, portanto, são vendidos na rua. Ainda mais curioso foi o cortejo fúnebre “vermelho” com o qual me deparei na rua num desses dias. Caixão, cavalos, rédeas, tudo era vermelho. Uma outra vez, vi um vagão de bonde pintado com propaganda política; infelizmente passou com tanta rapidez que não pude distinguir detalhes. É sempre surpreendente a quantidade de coisas exóticas que aparecem nesta cidade. Todos os dias, vejo inúmeros rostos mongóis no meu hotel. Mas recentemente, na rua em frente ao hotel, havia figuras com casacos vermelhos e amarelos, sacerdotes budistas, segundo Basseches, que estão fazendo um congresso em Moscou neste momento. As cobradoras dos bondes, por outro lado, lembram-me povos primitivos do Norte. Ficam no seu lugar no bonde, envoltas em peles, como mulheres samoiédicas em seus trenós. — Neste dia, várias coisas puderam ser resolvidas de maneira positiva. A manhã foi dedicada a preparativos para a viagem. Estupidamente, havia mandado carimbar minhas fotos do passaporte, e mandei fazer outras num estúdio fotográfico com serviço rápido, no bulevar Strasnoi. Depois, outras providências. Na noite anterior, na casa de Rachlin, havia entrado em contato com Illés e combinado ir buscá-lo no Narkompros por volta das duas horas. Com algum esforço consegui localizá-lo. Perdemos muito tempo indo a pé do ministério até o cinema estatal, onde Illés tinha que falar com Pansky. Pouco antes, eu tivera a infeliz idéia de adquirir, através do cinema estatal, fotografias de *A sexta parte do mundo* e comuniquei este desejo a Pansky. A resposta foi das mais obtusas: o filme não deveria ser mencionado no exterior; sua montagem continha trechos de filmes estrangeiros, que não se sabia ao certo quais eram, temiam-se complicações — em resumo, fez um alvoroço terrível. Além disso, queria, por toda força, convencer Illés a ir junto com ele, imediatamente, cuidar da filmagem do *Atentado*. Mas Illés polidamente recusou-se a ir, de maneira que final-

mente consegui conversar com ele num café (Lux) das proximidades. A conversa surtiu o efeito esperado; recebi dele uma esquematização muito interessante dos grupos literários contemporâneos na Rússia, baseada nas orientações políticas dos vários autores. Depois, fui imediatamente ver Reich. À noite, estive novamente na casa de Rachlin, Asja me pedira para ir. Estava extremamente fatigado e tomei um trenó. Lá, encontrei o inevitável Ilyuscha,¹³⁴ que havia comprado um monte de doces. Eu não havia trazido vodca, como Asja me pedira, pois não havia conseguido comprá-la, mas vinho do Porto. Neste dia, e mais ainda no seguinte, tivemos longas conversas por telefone que lembravam aquelas que costumávamos ter em Berlim. Asja adora dizer coisas importantes pelo telefone. Falou em querer morar comigo no Grunewald e ficou muito aborrecida quando eu disse que seria impossível. Esta foi a noite em que Rachlin me deu de presente o punhal caucasiano. Fiquei até que Ilyuscha saísse; não estava muito satisfeito; principalmente mais tarde quando Asja veio sentar-se comigo numa poltrona de dois lugares, onde as pessoas se sentam de costas uma para a outra. Mas ela se ajoelhou no assento e colocou meu cachecol parisiense de seda sobre seus ombros. Infelizmente já havia jantado em casa, de maneira que não comi muito dos vários doces que estavam sobre a mesa.

26 de janeiro. Durante todos estes dias, o tempo esteve maravilhoso e quente. Sinto Moscou muito mais próxima de mim novamente. Tenho vontade de aprender russo, como nos primeiros dias de minha estada. Como está quente e o brilho do sol não ofusca, posso observar melhor as coisas da rua e considero cada dia como um presente duplo, ou triplo, que me foi dado, por ser tão bonito, porque Asja agora está mais próxima de mim e porque cada dia é um dia a mais que concedi a mim mesmo além da duração planejada da minha estada. Também vejo muitas coisas novas. Sobretudo, sempre mais mascates: um homem com um monte de pistolas de brinquedo pendendo dos ombros, que, volta e meia, pega uma delas e dispara, o tiro ressoando pela rua inteira, atravessando o ar límpido. Muitos vendedores de cestos de todos os tipos, cestos coloridos semelhantes àqueles que se pode comprar por

(134) Primeiro nome do general admirador de Asja.

toda parte em Capri, cestos com alças duplas e um rigoroso desenho quadriculado contendo quatro motivos coloridos no meio de cada quadrado. Também vi um homem com uma grande sacola de viagem cuja trama era composta de palha verde e vermelha; mas este não era mascate. — Nesta manhã, na alfândega, tentei inutilmente despachar minha mala. Como não trazia o passaporte comigo (havia sido enviado para a obtenção de meu visto de saída), eles aceitaram a mala mas não a expediram. De resto, nada consegui resolver pela manhã, almocei no pequeno restaurante no porão e, à tarde, fui visitar Reich, levando-lhe maçãs, a pedido de Asja. Não vi Asja neste dia, mas tive, à tarde e à noite, duas longas conversas telefônicas com ela. À noite, trabalhei na réplica ao ensaio de Schmitz sobre o *Potemkin*.¹³⁵

27 de janeiro. Ainda estou usando o casaco de Basseches. — Este foi um dia importante. De manhã, voltei ao Museu dos Brinquedos e agora existe uma possibilidade de que o assunto das fotografias venha a ser

(135) A “Réplica a Oskar A. H. Schmitz”, de Benjamin, foi publicada na *Literarische Welt* com o título “Uma discussão sobre a arte cinematográfica russa e a arte coletivista em geral” (ver GS II, pp. 751-5 e 1486-9).

Na última página do manuscrito do diário encontra-se a primeira versão deste artigo:

“Há réplicas que quase chegam a ser uma descortesia para com o público. Não seria melhor confiar no juízo de seus leitores frente a uma argumentação tão disforme? Para perceber a falta de conteúdo desta, eles nem sequer precisariam tê-la lido na Rússia (como, coincidentemente, ocorreu com o redator destas linhas), ou ter assistido ao *Potemkin*. O próprio Schmitz não precisava tê-lo assistido. Pois qualquer artigo de jornal poderia ter lhe fornecido o material que apresenta, somente que com maior exatidão. Mas é exatamente isto que distingue o filisteu intelectual do pequeno-burguês comum: este lê a notícia no seu jornal e se dá por satisfeito; aquele, porém, tem o orgulho da opinião própria, vai em frente e se acredita em posição de transformar seu dissabor em conhecimento objetivo. Objetivamente, pode-se falar sobre o *Potemkin* tanto do ponto de vista do político quanto daquele do especialista em cinema. Schmitz, porém, não faz nem uma coisa nem outra. Fala de suas últimas leituras. Ora, os romances sociais de Wassermann (ou de outros) têm tanto a ver com o conteúdo social do *Potemkin* quanto a marinha de Stöwer (ou de outros) com as manobras deste encouraçado no mar Negro. Nada, em absoluto, pode resultar de tal comparação. A objeção quanto à “arte tendenciosa” é, certamente, mais produtiva. Pois, para expressá-lo em bom e claro alemão: já não estaria mais do que na hora de acabarmos com esse espantalho, esse pavor burguês de uma vez por todas? Por que lamentar a defloração política da arte, uma vez que já se farejaram, em dois milênios de produção, todas as sublimações, os complexos de Édipo, os resquícios libidinais e as regressões infantis? Assim é, no entanto, a teoria burguesa da época da degeneração: a arte pode se familiarizar com as ruelas mais mal-afamadas, contanto que permaneça filha virtuosa no domínio da política e não comece a sonhar com a luta de classes. Não adianta: é com isso que ela sempre sonha. Importa apenas que, com o despertar de novas regiões da consciência, a assim chamada “tendenciosidade” transformou-se de elemento recôndito da arte em algo totalmente notório. E aqui estamos, finalmente, no domínio do filme”.

resolvido. Vi os objetos que Bartram tem em seu escritório. O que me chamou muito a atenção foi um mapa retangular de parede, estreito mas comprido, que representava a história de forma alegórica, como uma série de rios, faixas sinuosas de diferentes cores. Nomes e datas estavam assinalados em cada leito de rio, em ordem cronológica. O mapa remontava ao início do século XIX, e eu o teria estimado cento e cinqüenta anos mais velho. Ao lado dele havia um relógio mecânico, uma paisagem no interior de uma caixa de vidro pendurada na parede. O mecanismo estava quebrado, e o relógio, cujas batidas antigamente punham em movimento moinhos de vento, rodas d'água, venezianas e pessoas, não funcionava mais. À direita e à esquerda dele, também protegidos por vidro, estavam pendurados altos-relevos semelhantes: o incêndio de Tróia, e Moisés fazendo a água jorrar do rochedo. Estes não possuíam movimento. Além disso, havia ainda livros infantis, uma coleção de baralhos e muitas coisas mais. O museu não estava aberto neste dia (quinta-feira) e eu cheguei até Bartram atravessando um pátio. Ao lado há uma igreja antiga, particularmente bela. As torres das igrejas aqui apresentam uma variedade de estilos surpreendente. Suponho que as estreitas e graciosas, em forma de obeliscos, datem do século XVIII. Estas igrejas elevam-se sobre os pátios como as igrejas de aldeias no meio de uma paisagem com escassa ocupação arquitetônica. Logo após, fui para casa livrar-me de um enorme quadro — um cartaz raro, mas danificado e, infelizmente, colado sobre cartão, com o qual Bartram me havia presenteado, já que havia outro exemplar dele em sua coleção. Em seguida, visitei Reich. Asja e Manya encontraram-se lá e haviam acabado de chegar (apenas na visita seguinte conheceria Dascha, a charmosa judia ucraniana que está cozinhando para Reich nestes dias). A atmosfera estava carregada quando cheguei e tive que me esforçar para evitar que estourasse para o meu lado. Cheguei a sentir os primeiros indícios disto, mas as causas eram tão banais que não tenho vontade de lembrá-las. Assim, acabou havendo uma explosão entre Reich e Asja, enquanto esta, resmungando e aborrecida, arrumava-lhe a cama. Finalmente saímos. Asja estava pensando nos vários esforços que vinha fazendo para achar um emprego, e era disto que falou no caminho. Aliás, andamos juntos apenas até o ponto de bonde mais próximo. Tinha uma certa esperança de vê-la à noite, mas ela precisava, antes, dar um telefonema para saber se teria ou não que procurar Knorin. Havia me acostumado a ter o mínimo

possível de esperanças em relação a nossos encontros marcados. Assim, quando me ligou à noite, dizendo que havia desmarcado o encontro com Knorin por estar cansada demais, mas que havia inesperadamente recebido o recado de sua costureira dizendo que deveria ir buscar seu vestido, já que no dia seguinte não haveria ninguém em casa — a costureira iria se internar em um hospital —, aí não me restou nem a mais remota esperança de vê-la naquela noite. No entanto, tudo aconteceu de forma diferente. Asja pediu-me que a encontrasse em frente à casa da costureira e prometeu que depois iríamos a algum lugar. Pensamos em um daqueles lugares na Arbat. Chegamos praticamente juntos na casa da costureira, que fica ao lado do Teatro da Revolução. Tive que esperar em frente por quase uma hora — no fim, convenci-me de que me havia desencontrado de Asja durante o breve intervalo no qual me ausentei para visitar um dos quintais da casa, a qual possuía nada menos do que três deles. Fazia dez minutos que estava repetindo para mim mesmo que minha espera não tinha sentido, quando ela finalmente chegou. Fomos à Arbat. Após breve hesitação, entramos num restaurante chamado Praga. Subimos a larga escada em espiral que levava ao primeiro andar e entramos num salão bem iluminado, com muitas mesas, a maioria desocupada. No fundo, à direita, elevava-se um estrado de onde, a grandes intervalos, vinha música orquestral, ou a voz de um apresentador, ou canções de um coro ucraniano. Logo de início mudamos de lugar, Asja sentia uma corrente de ar vinda da janela. Estava envergonhada porque havia entrado num estabelecimento tão “fino” com sapatos rasgados. Na casa da costureira, havia colocado o vestido novo, feito de um velho tecido preto, já comido pelas traças. Caía-lhe muito bem e, no todo, assemelhava-se ao vestido azul. Inicialmente falamos de Astachov. Asja pediu *shashlyk* e eu, cerveja. Assim, ficamos sentados frente a frente, pensando em minha partida, sobre a qual falamos, olhando um para o outro. Foi então que Asja me disse, talvez pela primeira vez com tal franqueza, que, por um certo período de tempo, havia realmente desejado muito casar-se comigo. E se isto não acontecera, ela acreditava não ter sido ela, mas eu quem havia desperdiçado a oportunidade. (Talvez não tenha usado uma palavra tão dura como “desperdiçar”; não sei mais.) Eu disse que, nesse seu desejo de se casar comigo, também os seus demônios teriam desempenhado um papel importante. — Sim, ela havia imaginado como seria incrivelmente cômico aparecer

diante de meus conhecidos como minha mulher. Mas agora, depois da doença, não tinha mais demônios. Havia se tornado completamente passiva. Só que agora não haveria mais futuro para nós. Eu: “Mas continuo firme ao seu lado, vou atrás de você mesmo que tenha de ir a Vladivostok. — Você vai brincar de amiga íntima com o general vermelho também? Se ele for tão bobo quanto Reich e não expulsar você de casa, não tenho nada contra. E se o fizer, também não tenho nada contra”. — Num outro momento, ela disse: “Já estou tão acostumada [com você]”. — Mas, no fim, eu disse: “Nos primeiros dias após minha chegada aqui disse-lhe que estava pronto para casar com você imediatamente. Mas não sei realmente se o faria. Acho que não iria agüentar”. Então, ela disse algo muito bonito: “Por que não? Sou um cão fiel. Quando vivo com um homem adoto uma postura bárbara — está errado, naturalmente, mas não há nada que posso fazer. Se estivesse comigo, você não passaria por tudo isto, o medo ou a tristeza que tantas vezes sente”. — Assim falamos sobre muitas coisas. Será que eu estaria querendo pensar nela sempre que olhasse para a lua? Disse que esperava que tudo fosse melhor da próxima vez que nós nos encontrássemos. — “Para que você possa, então, ficar em cima de mim novamente 24 horas por dia?” — Eu disse que não era exatamente nisso que estava pensando naquele momento, mas, antes, em estar mais próximo dela, conversar com ela. Mas, quando estivesse mais próximo dela, aquele outro desejo então retornaria. “Muito agradável”, disse ela. — Esta conversa deixou-me muito inquieto durante todo o dia seguinte, e a noite toda também. Contudo, minha vontade de viajar havia, de fato, sido mais poderosa do que a ânsia de tê-la comigo, ainda que isso se devesse, provavelmente, apenas aos muitos obstáculos que esta última encontrava. Da mesma maneira como continua encontrando agora. A vida na Rússia, dentro do Partido, é difícil demais para mim e, fora dele, oferece muito menos chances, sem, contudo, se tornar menos difícil. Asja, no entanto, está muito enraizada aqui na Rússia, sob vários aspectos. É verdade que, por outro lado, sente saudades da Europa, o que está estreitamente ligado àquilo que ela possa achar atraente em mim. E viver na Europa com ela, se pudesse convencê-la desta idéia, poderia, um dia, tornar-se para mim a coisa mais importante, mais acertada a fazer. Na Rússia — tenho minhas dúvidas. Tomamos um trenó de volta à sua casa, bem juntos um do outro. Estava escuro. Este foi o único momento no escuro que

partilhamos em Moscou — em plena rua e no banco estreito de um tremó.

28 de janeiro. Saí cedo, em meio ao degelo maravilhoso, para explorar as ruas à direita da Arbat, como havia planejado há tempos. Cheguei, assim, à praça onde outrora ficava o canil dos czares. É formada por edificações baixas, algumas das quais têm portais sustentados por colunas. Em meio àquelas há, de um lado, edifícios mais recentes, altos e feios. Aqui fica o “Museu da Vida Cotidiana dos Anos Quarenta” — um edifício baixo de três andares, cujas salas obedecem, com muito bom gosto, ao estilo da casa de um burguês rico daquele período. Há móveis bonitos, com muitas reminiscências do estilo Luís Filipe, caixinhas, castiçais, tremós, biombos (um deles muito peculiar, com vidro grosso entre os painéis de madeira). Todas essas salas são decoradas como se estivessem ainda habitadas: papel, bilhetes, robes, xales são vistos em cima das mesas ou nas cadeiras. Não levou muito tempo para percorrer todas elas. Fiquei surpreso por não achar nenhum quarto de criança propriamente dito (portanto, também nenhum brinquedo). Talvez naquela época não existissem salas especiais para brincar? Ou essa casa não tinha uma? Ou ficaria no último andar, que estava trancado? Depois continuei passeando pelas ruas transversais. Acabei retornando à Arbat, parei numa banca de livros e achei um livro de Victor Tissot, de 1882: *La Russie et les russes*. Comprei-o por 25 copeques, propiciou-me pelo menos a oportunidade de conhecer alguns fatos e nomes que poderiam ser úteis à minha visão de Moscou e ao artigo sobre a cidade que estava nos meus planos. Deixei o livro em casa e fui visitar Reich. Desta vez, nossa conversa transcorreu melhor; havia jurado a mim mesmo não deixar que se tornasse tensa. Falamos sobre *Metropolis*¹³⁶ e a rejeição que o filme encontrou em Berlim, pelo menos por parte dos intelectuais. Reich queria atribuir toda a culpa desta experiência fracassada aos intelectuais, cujas exigências excessivas incitariam tais ousadias. Discordei. Asja não apareceu — deveria vir só à noite. Mas Manya esteve lá durante algum tempo. Dascha também estava no quarto, uma pequena judia ucraniana que mora lá e agora cozinha para Reich. Gostei muito dela. As moças fala-

(136) Filme feito em 1926 por Fritz Lang (1890-1976).

vam iídiche, mas não entendi o que diziam. De novo em casa, telefonei para Asja e pedi-lhe que viesse me visitar, depois que deixasse Reich. Mais tarde, realmente, ela apareceu. Estava muito cansada e logo deitou na cama. De início, fiquei muito inibido, quase não conseguia articular palavra alguma, com medo de vê-la partir imediatamente. Peguei o enorme cartaz que Bartram havia me dado de presente e mostrei-o a ela. Depois falamos do próximo domingo: prometi acompanhá-la em sua visita a Daga. Beijamo-nos de novo e falamos de morar juntos em Berlim, casar, viajar juntos pelo menos uma vez. Asja disse que a despedida de nenhuma outra cidade lhe havia custado tanto quanto a de Berlim, será que isto tem alguma relação comigo? Juntos, tomamos um trenó para a casa de Rachlin. Na Tverskaia não havia neve suficiente nem mesmo para permitir maior velocidade ao trenó. Nas ruas laterais a viagem melhorou: pegamos um caminho que eu não conhecia, passamos por uma casa de banhos e vimos um maravilhoso canto recôndito de Moscou. Asja contou-me das casas de banho russas; eu já sabia que são os verdadeiros centros da prostituição, como haviam sido na Alemanha durante a Idade Média. Conte-lhe sobre Marselha. Não havia nenhum visitante na casa de Rachlin quando lá chegamos, pouco antes das dez. Foi uma bela noite calma. Ela contou todo tipo de detalhes sobre o Arquivo. Entre outros, que se descobriu nos trechos em código da correspondência entre alguns dos membros da família do czar a mais indescritível pornografia. Discussão sobre a conveniência de se publicar isso. Constatei a verdade da observação inteligente de Reich, de que Rachlin e Manya pertenciam à categoria dos comunistas “morais”, que sempre permanecerão com suas posições intermediárias e nunca vislumbrarão as possibilidades de uma posição verdadeiramente “política”. Eu estava sentado no sofá, bem perto de Asja. Serviram mingau com leite e chá. Saí às quinze para as doze, aproximadamente. Mesmo à noite, a temperatura estava maravilhosamente quente.

29 de janeiro. O dia foi um fracasso em quase todos os aspectos. Apareci no escritório de Basseches perto das onze horas da manhã e encontrei-o, contrariando as expectativas, já acordado e trabalhando. Mas nem por isso escapei da espera. Desta vez houve um atraso porque sua correspondência havia se extraviado; levou pelo menos meia hora até

que a localizassem. Em seguida, esperamos pelo término de um serviço de datilografia e, nesse meio tempo, deram-me para ler, como de costume, alguns editoriais recém-produzidos, ainda manuscritos. Em resumo, as já difíceis formalidades da minha partida tornaram-se ainda mais penosas devido a esta maneira de tratá-las. No decorrer do dia ficou claro que o conselho de Gnedin, no sentido de que eu mandasse vistoriar minha bagagem pela alfândega em Moscou, havia sido totalmente infeliz. Quando me lembrei dele mais tarde, em meio a todas as dificuldades inimagináveis e às complicações nas quais ele me meteu, minha velha máxima de viagem fixou-se mais profundamente do que nunca em minha mente: jamais siga o conselho de alguém que o deu sem ser solicitado. Naturalmente, disto faz parte, como complemento, o seguinte: se você põe seus problemas nas mãos de um outro (como eu havia feito), tem que seguir à risca seus conselhos. Mas, finalmente, no último e crucial dia da partida, Basseches me abandonou, e em primeiro de fevereiro, poucas horas antes de embarcar, tive que fazer um esforço indizível, junto com o empregado que Basseches havia me mandado, para despachar a mala. Quase nada pôde ser resolvido nesta manhã. Fomos buscar na milícia o passaporte com o visto de saída. Lembrei-me tarde demais que era sábado, e que dificilmente o serviço aduaneiro ficaria aberto depois de uma hora. Quando por fim chegamos ao Narkomindel,¹³⁷ já havia passado das duas. É que havíamos passeado calmamente pela Petrovka, parado depois no edifício administrativo do Teatro Bolshoi, onde Basseches usara sua influência para me conseguir dois ingressos para o balé de domingo, e finalmente havíamos ido ao banco estatal. Quando, enfim, chegamos à praça Kalanchevskaja, às duas e meia, informaram-nos que os funcionários haviam acabado de sair. Entrei num automóvel com Basseches e pedi que me deixassem no ponto de bonde, de onde seguiria até a casa de Rachlin. Havíamos combinado que eu a buscaria às duas e meia para irmos às colinas de Lenin. Ela e Asja estavam em casa. Asja não reagiu com tanto entusiasmo quanto eu esperava ao saber que eu iria receber ingressos para o balé. Disse que seria mais importante arranjar ingressos para a segunda-feira, dia da apresentação de *O inspetor-geral* no Teatro Bolshoi. Estava tão exausto e irritado pelos esforços inúteis da manhã que não fui capaz de responder. Entrementes, Rachlin convidou-

(137) Abreviação de Narondnyi komissariat inostrannykh del (Comitê popular para assuntos estrangeiros).

me para jantar com ela, após o nosso passeio. Aceitei e certifiquei-me de que Asja ainda estaria lá. O passeio transcorreu da seguinte forma: perto da casa, vimos o bonde passando à nossa frente. Continuamos a pé em direção à praça da Revolução — Rachlin provavelmente achou que seria melhor esperar lá, porque haveria mais linhas de bonde à nossa disposição. Mas não tenho certeza. Não foi o fato de andar a pé que me cansou, mas sim a conversa com meias palavras e mal-entendidos, de forma que, de pura fraqueza, respondi “sim” quando ela me perguntou se deveríamos pegar um bonde que estava passando. Já havia sido um erro de minha parte olhar para o bonde e, assim, chamar sua atenção para ele, uma vez que, não fosse por isso, ela certamente não o teria notado. Quando, então, ela já estava no bonde, que ganhou um pouco mais de velocidade logo em seguida, ainda corri alguns metros a seu lado, mas não saltei para dentro. Ela gritou para mim “Espero [pelo] senhor lá”, e eu atravessei devagar a praça Vermelha em direção ao ponto de bonde que ficava no centro da praça. Ela deve ter me esperado alguns minutos a menos, pois, quando cheguei, já não a encontrei mais. Conforme soube mais tarde, estava me procurando nas redondezas. Fiquei lá, incapaz de imaginar para onde ela poderia ter ido. Por fim, decidi que o significado do que gritara para mim era que ela me esperaria no ponto final da linha do bonde. Subi no próximo bonde da mesma linha e andei por meia hora aproximadamente, em linha mais ou menos reta, pela parte da cidade que fica do outro lado do Moskva, até o ponto final. No fundo, talvez estivesse mesmo predisposto a fazer uma tal viagem solitária. O fato é que, se ela estivesse comigo, não importa para onde pudesse ter me levado, teria sido bem menos agradável. Estava cansado demais para isso. No entanto, agora, neste passeio forçado e quase sem rumo por uma parte da cidade que me era absolutamente desconhecida, estava muito feliz. Só agora notei a absoluta semelhança entre certas partes dos subúrbios e as ruas do porto de Nápoles. Vi, ainda, a grande torre de rádio de Moscou, cuja forma é diferente de todas as outras que já havia visto. Do lado direito da avenida pela qual o bonde seguia, havia uma ou outra mansão; do esquerdo, galpões isolados ou casinhas, e, na maior parte, campo aberto. O lado aldeia de Moscou de repente se manifesta totalmente indistinto, nítido, nas ruas dos seus subúrbios. Talvez não exista nenhuma outra cidade cujos enormes espaços ostentem um caráter tão amorfo, rural, como que continuamente a se dissolver no mau tempo,

na neve derretida ou na chuva. A linha do bonde terminava à frente de uma taverna, num desses lugares que não são mais urbanos nem rurais, e obviamente Rachlin não estava lá. Imediatamente tomei o bonde de volta para a cidade e não me restava energia senão para voltar para casa, em vez de aceitar o convite de Rachlin para jantar. Em vez de almoçar, comi alguns dos *waffles* locais. Mal havia chegado em casa quando Rachlin me telefonou. Estava aborrecido com ela sem razão; mantive-me, por assim dizer, numa posição defensiva, de maneira que fiquei duplamente surpreso com suas palavras amáveis e conciliadoras. Concluí, sobretudo, que ela não iria deixar que o incidente chegasse aos ouvidos de Asja como algo completamente ridículo. Contudo, recusei o convite para jantar na casa dela; estava cansado demais. Combinamos que eu viria às sete. Fiquei agradavelmente surpreso pelo fato de estarmos a sós, eu, Asja e ela. Não sei mais sobre o que falamos. A única coisa de que lembro é que quando estava indo embora — Rachlin já havia saído do quarto — Asja jogou-me um beijo. Depois, uma tentativa inútil de comer algo quente num restaurante na Arbat. Queria pedir uma sopa e trouxeram-me duas fatias pequenas de queijo.

30 de janeiro. Estou acrescentando certas coisas sobre Moscou que só me ocorreram aqui em Berlim (onde, desde o dia 5 de fevereiro, termino estas anotações, começando do dia 29 de janeiro). Para alguém que vem de Moscou, Berlim é uma cidade morta. As pessoas na rua parecem desesperadamente isoladas, cada qual a uma grande distância da outra, totalmente sozinhas no meio de um grande trecho de rua. Mais, ainda: indo da estação Zoo em direção ao Grunewald, a região que tive que atravessar me pareceu lavada e esfregada, excessivamente limpa, excessivamente confortável. Essa imagem da cidade e de seus habitantes é aplicável também ao estado mental: a nova perspectiva que dela se ganha é a conseqüência mais indubitável de uma estada na Rússia. Por menos que se tenha conhecido a Rússia, aprende-se a observar e julgar a Europa tendo em mente aquilo que se passa na Rússia. Este é o primeiro resultado com que se depara o europeu atento. Por este motivo, ainda, uma estada na Rússia constitui tão precisamente uma pedra de toque para os visitantes estrangeiros. Todos são obrigados a escolher e definir cuidadosamente seus pontos de vista. De maneira geral, quanto mais distante e particular, quanto mais inadequado à esfera da experiência russa for este ponto de vista, tanto mais se pres-

tará a teorizações fáceis. Quando se penetra mais profundamente na situação russa, não se é impelido em direção a abstrações como as que, sem encontrar resistência alguma, vêm à mente do europeu. — Nos últimos dias de minha estada, pareceu-me que os mascates mongóis, com seus coloridos artigos de papel, surgiam novamente com maior freqüência. Vi um homem — na verdade, não um mongol, mas um russo — oferecendo, além de artigos de vime, gaiolinhas feitas de papel acetinado, contendo pequenos pássaros, também de papel. Mas também encontrei um papagaio de verdade, uma arara branca: na Miasnitskaia, sobre um cesto de roupa de baixo, que uma mulher vendia aos transeuntes. — Em outro lugar, vi balanços para crianças sendo vendidos na rua. Moscou foi virtualmente libertada do som dos sinos, que costuma disseminar uma tristeza tão irresistível pelas grandes cidades. Isto também é algo que só após a volta se aprende a reconhecer e amar. — Asja estava me esperando quando cheguei à estação ferroviária Yaroslavsky. Eu estava atrasado porque tivera que esperar quinze minutos pelo bonde, e porque não havia ônibus nas manhãs de domingo. Não havia mais tempo para tomar café da manhã. O dia, ou ao menos a manhã, passou-se entre ataques de ansiedade. Só ao voltar do sanatório cheguei a sentir plenamente o prazer da maravilhosa viagem de trenó. O tempo estava bastante ameno, e o sol às nossas costas; quando coloquei minha mão sobre as costas de Asja pude sentir seu calor. Nosso *izvoshchik* era o filho do homem que sempre levava Reich. Desta vez descobri que as pequenas casinhas encantadoras pelas quais havíamos passado no início não eram dachas, mas casas de camponeses abastados. Asja estava muito feliz durante o trajeto; isto tornou mais doloroso o choque que recebeu ao chegar. Daga não estava lá fora entre as crianças que brincavam ao sol quente, na neve que estava derretendo. Foram chamá-la lá dentro. Ela desceu a escada de pedra para o vestibulo com o rosto inchado de tanto chorar, os sapatos e as meias rasgados, praticamente descalça. Ficamos sabendo que não recebera o pacote com as meias que lhe havia sido enviado, e que mal haviam cuidado dela nos últimos catorze dias. Asja estava tão irritada que não conseguia dizer palavra e nem sequer protestar junto à médica, como pretendia. Passou praticamente o tempo todo sentada ao lado de Daga num banco de madeira, à entrada, costurando desesperadamente sapatos e meias. Mais tarde, repreendeu-se justamente por ter tentado consertar os sapatos. Eram chinelos num estado tão lamentável que não

podiam mais aquecer a criança. Temia que continuassem a calçá-la com eles, em vez de lhe darem sapatos ou *valenki*. Havíamos planejado originalmente dar uma volta com Daga de trenó, por uns cinco minutos; mas isto não foi possível. Todos os outros visitantes já haviam saído e Asja continuava sentada lá, costurando, quando Daga foi chamada para o jantar. Saímos; Asja, absolutamente desolada. Como chegamos na estação apenas poucos minutos depois que o trem havia partido, tivemos que ficar esperando quase uma hora pelo seguinte. Primeiro, brincamos um bom tempo: “onde vamos sentar?”. Asja insistia num lugar no qual eu não queria me sentar de jeito algum. Quando ela finalmente cedeu, eu, obstinado, insisti no primeiro lugar escolhido. Pedimos ovos, presunto e chá. Na viagem de volta, falei do tema dramático que a peça de Illés havia me sugerido: encenar a história de um transporte de mercadoria durante a Revolução (por exemplo, o de provisões destinadas aos prisioneiros). Na estação ferroviária tomamos um trenó até Reich, que, nesse meio tempo, arranjara novas acomodações. No dia seguinte, Asja também se mudaria para lá. Passamos muito tempo no piso superior, esperando pela refeição. Reich interrogou-me de novo sobre o ensaio a respeito do humanismo e expliquei-lhe que, na minha opinião, devia-se prestar especial atenção ao fato de que a distinção entre o literato e o erudito — dois tipos que outrora se igualavam (ou, ao menos, estavam reunidos na pessoa do erudito) — coincide com a vitória efetiva da burguesia e o declínio da posição dos literatos. Deve-se ter claro que, no período em que se preparava a Revolução, os literatos mais influentes eram, no mínimo, em igual proporção, tanto eruditos quanto poetas. Na verdade, talvez houvesse uma preponderância de eruditos. Estava começando a sentir as dores nas costas que continuaram a me incomodar ao longo dos últimos dias em Moscou. Por fim, a comida chegou, trazida por uma vizinha. Estava muito boa. Depois, Asja e eu saímos, cada um para sua casa, para nos encontrarmos à noite no balé. Passamos por um bêbado deitado na rua, fumando um cigarro. Coloquei Asja no bonde e, em seguida, fui para o hotel, onde encontrei os ingressos para o teatro. Aquela noite havia a apresentação de *Petruschka* de Stravinsky, *Les Sylphides* — um balé de um compositor desconhecido¹³⁸ — e *Ca-*

(138) Título original russo: *Chopiniana*; coreografia de M. Fokine e música de F. Chopin, com arranjos de A. Glasunov (que deve ser o “compositor desconhecido”).

priccio espanhol, de Rimsky-Korsakov. Cheguei cedo e, consciente de que esta era a última noite em Moscou na qual poderia falar com ela a sós, fiquei esperando por Asja no vestibulo e tinha apenas um único desejo: chegar bem cedo no teatro e ficar sentado ao lado dela por um longo tempo, esperando a cortina subir. Asja chegou tarde, mas pelo menos conseguimos sentar em nossos lugares a tempo. Alguns alemães estavam sentados atrás de nós; em nossa fileira havia um casal japonês com duas filhas, com seus cabelos pretos brilhantes penteados à maneira japonesa. Estávamos sentados na sétima fileira a partir do palco. No segundo balé apresentou-se a famosa bailarina, já idosa, Gelzer,¹³⁹ que Asja havia conhecido em Orel.¹⁴⁰ *Les Sylphides* é um balé trivial em muitos aspectos, mas nos dá uma excelente idéia do estilo que reinava outrora nesse teatro. A peça data, talvez, da época de Nicolau I. Proporciona um tipo de diversão muito semelhante àquele das paradas. Para terminar, o balé de Rimsky-Korsakov, magnificamente montado, cuja apresentação pareceu transcorrer com a rapidez do vento. Houve dois intervalos. Durante o primeiro, havia me separado de Asja e tentado obter ainda um programa, em frente do teatro. Quando voltei, vi-a encostada numa parede, conversando com um homem. Dei-me conta, assustado, da maneira descarada com que havia olhado para ele, quando soube de Asja, mais tarde, que era Knorin. Ele sempre a trata por “você” — e com tamanha firmeza que não resta a ela outra escolha a não ser responder-lhe da mesma forma. Quando lhe perguntou se estava sozinha no teatro, ela havia respondido que não, que estava com um jornalista de Berlim. Já havia falado a ele sobre mim, anteriormente. Nesta noite, Asja estava usando o vestido novo, cujo tecido eu havia lhe dado de presente. Sobre os ombros, vestia o xale amarelo que eu lhe trouxera de Roma para Riga. Como a coloração de seu rosto — em parte por natureza, em parte por causa de sua doença e da excitação daquele dia — estava também amarelada, sem o menor traço de vermelho, sua aparência compunha um painel de cores cujos limites eram formados por três tonalidades muito próximas. Após o teatro, só me restou o tempo necessário de combinar algo com ela para a noite seguinte. Como estaria ausente o dia inteiro,

(139) Ekaterina Gelzer (1876-1952), bailarina famosa, foi a primeira a receber o título de “artista do povo da RSFSR”, em 1925.

(140) Seus primeiros experimentos com teatro e educação infantis aconteceram em 1918-9 em Orel, onde deveria trabalhar como diretora no teatro municipal.

caso realmente quisesse realizar a excursão a Troitse,¹⁴¹ só me restaria a noite. Mas ela quis ficar em casa, pois pretendia visitar Daga de novo no dia seguinte. Assim, combinamos que eu iria com certeza visitá-la à noite, um acordo a que chegamos só a muito custo. No meio da conversa, Asja quis saltar para dentro de um bonde — mas desistiu. Estávamos em meio à agitação da grande praça na frente do teatro. Animosidade e amor alternavam-se dentro de mim com a velocidade de um raio; finalmente despedimo-nos, ela da plataforma do bonde, eu ficando para trás, cogitando se deveria ou não segui-la, saltar para alcançá-la.

31 de janeiro. Minha partida estava agora irrevogavelmente marcada para o dia primeiro, pela reserva que havia feito no dia 30. No entanto, ainda precisava passar minha mala pela alfândega. Como combinado, cheguei no escritório de Basseches às quinze para as oito de forma que teríamos tempo suficiente para ir à alfândega e, depois, pegar o trem às dez horas. Na realidade, o trem só partiu às dez e meia. Mas não o descobrimos a tempo de podermos aproveitar melhor esta meia hora a mais. Na verdade, foi graças a esse atraso que nossa excursão a Troitse pôde ser realizada. Se o trem tivesse realmente saído às dez horas, com certeza não o teríamos alcançado. As formalidades na alfândega alongaram-se penosamente, e não conseguimos resolver tudo neste dia. Naturalmente, tive que pagar um táxi de novo. Todo esse esforço foi em vão, pois nem ao menos tomaram conhecimento dos brinquedos, o que certamente também teria acontecido na fronteira. O empregado havia ido comigo para reaver meu passaporte na alfândega e, depois, levá-lo imediatamente ao consulado polonês para pegar meu visto. Assim, não só pegamos o trem, como ainda tivemos que esperar no vagão durante vinte minutos antes que partisse. Disse a mim mesmo, não sem aborrecimento, que poderíamos, nesse meio tempo, ter resolvido os problemas alfandegários ainda pendentes. Como Basseches já estava bastante mal-humorado, não deixei transparecer nada. A viagem foi monótona. Havia esquecido de levar algo para ler e dormi durante um trecho do caminho. Duas horas depois, chegamos ao nosso destino. Ainda não havia mencionado minha intenção de comprar brinquedos

(141) Referência ao Mosteiro Troitse-Sergeieva em Sergieiev (após 1930, Zagorsk).

ali. Temia que sua paciência chegasse ao fim. Ai, por acaso, logo nos primeiros metros, passamos defronte a uma loja de brinquedos. Confessei então meu desejo. Mas não consegui convencê-lo a entrar comigo na loja imediatamente. À nossa frente, numa ligeira elevação, estendia-se o complexo de edificações que compõem o mosteiro, semelhante a uma fortaleza. Essa visão era muito mais grandiosa do que eu havia suposto. Fechado como uma cidade fortificada, lembrava Assis; mas, curiosamente, foi Dachau que primeiro me veio à mente; lá, a montanha se eleva sobre a cidade com a igreja no topo, feito uma coroa, exatamente como a enorme igreja aqui, no centro de um vasto aglomerado de edificações. Neste dia estava tudo muito morto: as numerosas barracas de alfaiates, relojoeiros, padeiros, sapateiros, que se estendem ao pé da colina onde fica o mosteiro, estavam todas fechadas. Aqui, também, o inverno estava extremamente bonito e quente, embora sem sol. Ter visto a loja de brinquedos havia instigado meu desejo de comprar alguns novos, o que me deixou impaciente durante a visita aos tesouros do mosteiro; estava agindo exatamente como o tipo de turista que ninguém odeia mais do que eu. Nosso guia, o administrador do museu no qual o mosteiro havia sido transformado, ao contrário, tornava-se cada vez mais amável. No entanto, havia ainda outros motivos para a minha aflição. Fazia um frio cortante na maioria das salas onde inestimáveis tapeçarias, peças em prata e ouro, manuscritos, objetos de devoção eram conservados em caixas de vidro envoltas por cortinas ou panos, que um funcionário, que nos precedia, ia removendo. Foi provavelmente nessa visita de uma hora que peguei um forte resfriado, que só se manifestaria após o meu retorno a Berlim. No fim, há nessa infinidade de objetos preciosos — cujo verdadeiro valor artístico revela-se, na maioria dos casos, exclusivamente aos olhos dos especialistas — algo que embota, que estimula até mesmo uma espécie de brutalidade no ato de ver. Ademais, Basseches sentiu-se impulsionado a uma “completa” revista de tudo o que havia para ver, chegando, inclusive, a descer até a cripta, onde os ossos de São Sérgio, o fundador do mosteiro, podem ser vistos através de um vidro. É impossível para mim enumerar, mesmo parcialmente, tudo o que havia para se ver. Encostado a um muro havia o célebre ícone de Rublev que se tornou símbolo deste mosteiro. Mais tarde, na própria catedral, vimos, vazio, o lugar onde o ícone ficava, e de onde foi removido para assegurar sua preservação. As pinturas murais da catedral

correm sérios perigos. Como não se usa calefação central, as paredes esquentam abruptamente na primavera, o que provoca rachaduras e fissuras através das quais penetra umidade. Num armário embutido vi a enorme proteção de metal, dourada e inteiramente incrustada de pedras preciosas, que havia sido doada para o ícone de Rublev. As únicas partes dos corpos dos anjos que ficam descobertas são aquelas não vestidas: os rostos e as mãos. Tudo o mais é coberto pela camada de ouro maciço, e, quando o molde é colocado sobre a imagem, os pescoços e braços dos anjos, como que presos a pesadas correntes de metal, devem dar-lhes a aparência de criminosos chineses expiando seus crimes com argolas de ferro no pescoço. A visita terminou no quarto do nosso guia. O velho senhor havia sido casado, pois mostrou-nos, penduradas na parede do quarto, pinturas a óleo de sua mulher e filha. Agora, vive sozinho nesse cômodo grande, claro, monástico, não totalmente isolado do mundo porque muitos estrangeiros visitam o mosteiro. Sobre uma mesinha havia um pacote aberto de livros científicos recém-chegados da Inglaterra. Também ali assinamos o livro de visitas. Mesmo entre a burguesia, esse hábito parece ter sobrevivido por muito mais tempo na Rússia do que aqui, pelo menos a julgar pelo fato de que, quando estive com Schick, também me apresentaram um desses álbuns para que eu o assinasse. — No entanto, muito mais grandioso do que tudo no interior era o próprio conjunto das edificações que compõem o mosteiro. Havíamos parado defronte ao portal antes de entrarmos no vasto espaço limitado por baluartes. Em duas plaquetas de bronze, à direita e à esquerda, estavam registradas todas as informações essenciais referentes à história do mosteiro. Mais bonitos e mais simples do que a igreja em estilo rococó, pintada de rosa amarelado, que se eleva no centro do pátio, cercada por outras edificações menores e mais antigas — entre elas o mausoléu de Boris Godunov — são os edifícios de serviços e de moradia, que formam um retângulo em torno do enorme espaço livre. O mais belo de todos é o grande refeitório colorido. De suas janelas, contemplamos esse espaço vazio, fossos, passagens entre os muros, um labirinto de muros de pedra que se assemelham a fortificações. Outrora havia ali uma passagem subterrânea que dois monges explodiram, sacrificando suas próprias vidas, para salvar o mosteiro durante um cerco. Comemos numa *stolovaia*, quase defronte ao pátio do mosteiro. *Zakuski*, vodka, sopa e carne. Várias salas grandes estavam repletas de gente. Havia tipos

realmente oriundos da aldeia russa, ou melhor, da cidade pequena — recentemente Sergeievo foi elevada à condição de cidade. Enquanto comíamos, veio um mascate vendendo armações de arame que podiam ser transformadas, num piscar de olhos, de um abajur em um prato ou uma fruteira. Basseches era da opinião de que estes artigos vinham da Croácia. Eu mesmo senti despertar em mim uma lembrança muito antiga quando os vi — aliás, eram bastante feios. Meu pai deve ter comprado algo deste gênero durante umas férias de verão (em Freudens-tadt?), quando eu era pequeno. Durante a refeição, Basseches pediu ao garçom endereços de lojas de brinquedos e, depois, pusemo-nos a caminho. Mas ainda não havíamos andado nem dez minutos, quando Basseches pediu informações que nos levaram a dar meia-volta e tomar um trenó que passava vazio naquele exato momento. A caminhada após a refeição havia me cansado, de maneira que nem quis perguntar o que havia causado nossa mudança de direção. Parecia claro que nas lojas perto da estação ferroviária eu teria maior possibilidade de satisfazer meus desejos. Havia duas, uma ao lado da outra. A primeira continha artigos de madeira. Como já estava escurecendo, acenderam a luz quando entramos. Como eu havia desconfiado, uma loja de brinquedos de madeira não poderia me mostrar muito que já não conhecesse. Comprei algumas coisas, mais por causa da pressão de Basseches do que por decisão própria, mas alegro-me agora de tê-lo feito. Também ali perdemos tempo, tive que esperar muito até que trocassem um *chervonets* na vizinhança. Estava ardendo de impaciência para ver a loja de brinquedos de papier-mâché; temia que já estivesse fechada. Não foi o caso. Porém, quando felizmente chegamos lá, o interior da casa estava completamente escuro e não havia nenhuma iluminação no depósito. Tivemos que tatear às cegas pelas estantes. De vez em quando eu acendia um fósforo. Foi assim que várias coisas muito bonitas me caíram nas mãos, o que, de outro modo, provavelmente não teria acontecido, pois obviamente não teríamos sido capazes de explicar ao homem o que eu estava procurando. Ao voltarmos por fim ao trenó, cada um de nós tinha dois grandes pacotes — Basseches, além disso, tinha um monte de brochuras que comprara no mosteiro a fim de reunir material para um artigo. A longa espera no restaurante da estação ferroviária, com sua iluminação deprimente, foi encurtada com chá e *zakuski*. Estava cansado e começando a me sentir um pouco mal. Isto não deixava de ter relação com a ansiedade que sentia ao pensar em

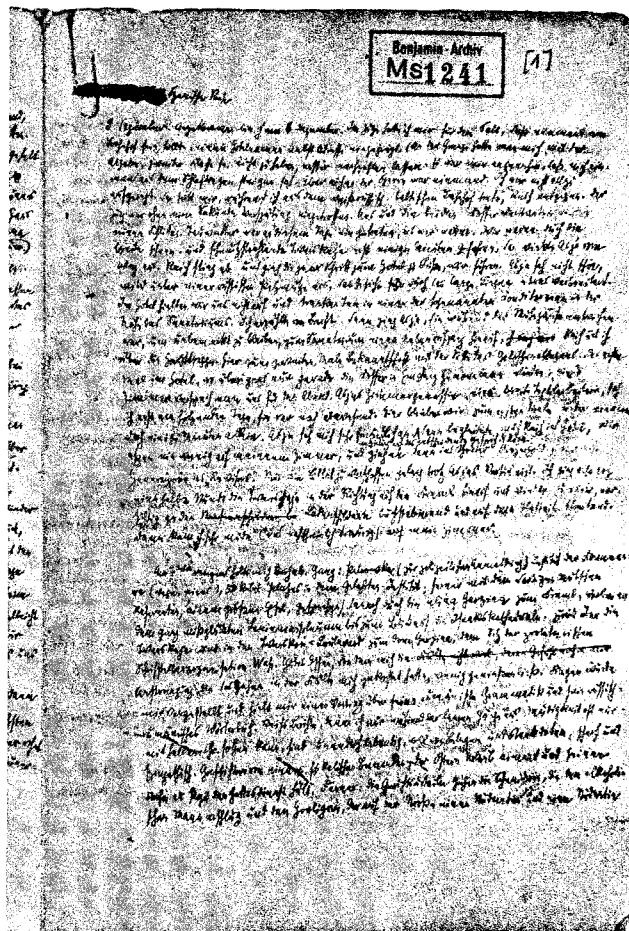
todas as coisas que ainda tinha que resolver em Moscou. A viagem de volta foi pitoresca. Em nosso vagão havia uma lanterna cuja vela de estearina foi roubada no decorrer do percurso. Perto de nossos assentos, havia uma estufa de ferro. Debaixo dos bancos, espalhadas ao acaso, grandes achas. De vez em quando, um dos funcionários ia até um dos assentos, erguia-o e começava a tirar mais material de combustão dessa espécie de baú que havia aberto. Eram oito horas quando chegamos a Moscou. Esta era minha última noite, Basseches chamou um táxi. Pedi-lhe que esperasse na frente do meu hotel enquanto eu, antes de mais nada, lá deixava os brinquedos que comprara e juntava apressadamente os manuscritos que deveria entregar a Reich uma hora mais tarde. Na casa de Basseches, instruções demoradas a seu empregado, a quem prometi vir buscar em torno das onze e meia. Depois, tomei um bonde, adivinhei por sorte o ponto no qual deveria descer para ir à casa de Reich e lá cheguei mais cedo do que havia esperado. Gostaria muito de ter tomado um trenó, mas teria sido impossível: não sabia o nome da rua na qual Reich morava, nem conseguia localizar no mapa da cidade o nome da praça que ficava nas proximidades. Asja já estava na cama. Disse que havia esperado por mim durante muito tempo e não contava mais com minha visita. [Ela] teria gostado de sair comigo imediatamente, para me mostrar uma taverna que descobrira por acaso na vizinhança. Também havia uma casa de banhos perto dali. Havia encontrado isso tudo ao errar o caminho, tendo que atravessar pátios e ruazinhas secundárias para chegar até ali. Reich também estava no quarto, pouco a pouco crescia-lhe uma barba. Eu estava extremamente exausto, tanto que, expressando enfaticamente meu grande cansaço, reagi de forma um tanto rude a algumas das habituais perguntas nervosas de Asja (acerca de sua esponjinha etc.). Mas logo tudo se acalmou. relatei minha excursão tão bem quanto podia, no curto tempo disponível. Depois vieram as encomendas para Berlim: telefonemas aos mais diversos conhecidos. Mais tarde, Reich saiu do quarto para escutar a transmissão radiofônica da apresentação de *O inspetor-geral* com Chekhov¹⁴² no Teatro Bolshoi, deixando-me sozinho com Asja por algum tempo. Na manhã seguinte, Asja deveria ir visitar Daga, de maneira que eu tinha que contar com a possibilidade

(142) Mikhail Alexandrovich Chekhov (1891-1955), ator, diretor e pedagogo teatral (emigrou em 1928).

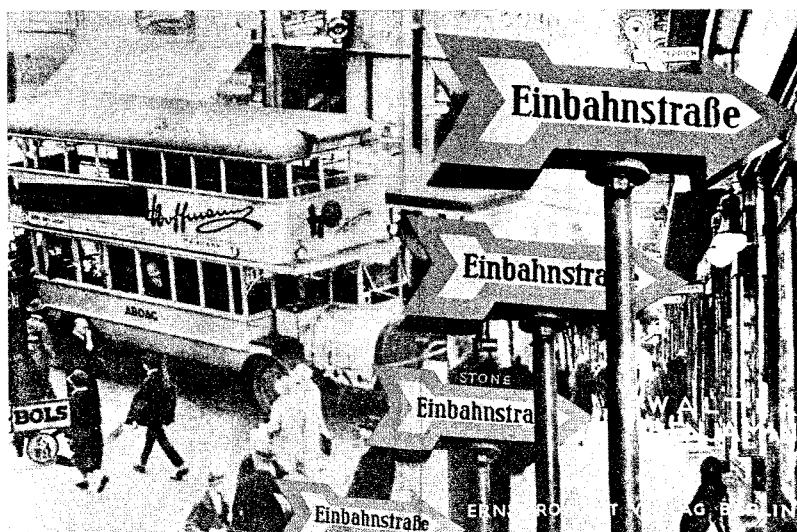
de não a ver mais antes de minha partida. Beijei-a. Quando Reich voltou, Asja foi para o cômodo vizinho, ouvir rádio. Não fiquei muito mais tempo. Mas antes de sair ainda mostrei os cartões-postais que trouxera do mosteiro.

1.º de fevereiro. Novamente fui à minha confeitaria habitual, de manhã, pedi café e comi uma empada. Depois, ao Museu dos Brinquedos. Nem todas as fotos que encomendara haviam sido feitas. Não fiquei aborrecido, pois desta forma acabei recebendo de volta 10 *chervonets* no momento em que mais precisava de dinheiro. (Havia pago as fotografias adiantado.) Não me demorei muito no Museu dos Brinquedos, em vez disso, fui depressa até o Instituto da Kamenewa para me despedir do dr. Niemen. De lá, de trenó, até Basseches. De lá, à loja de passagens junto com seu empregado e, depois, de carro, à alfândega. O que tive que agüentar lá, novamente, é indescritível. Em frente de um guichê, onde estavam contando notas de mil, tinha-se que esperar vinte minutos. Ninguém, no edifício inteiro, quis trocar cinco rublos. Era absolutamente necessário que a mala, contendo não só os bonitos brinquedos mas também todos os meus manuscritos, fosse no mesmo trem para o qual eu tinha o bilhete. Como não podia ser despachada para além da fronteira, era essencial que eu estivesse lá na hora de sua chegada. Finalmente, tudo se arranjou. Contudo, tive outra oportunidade de testemunhar em que grau o servilismo ainda está impregnado nas pessoas — o empregado ficou totalmente indefeso diante de toda a má vontade e indolência dos funcionários alfandegários. Respirei aliviado quando pude dispensá-lo com um *chervonets*. Toda essa agitação havia reativado as dores nas minhas costas. Estava feliz por dispor de algumas horas calmas pela frente. Caminhei vagarosamente pela bonita fileira de barracas na praça, comprei outra algieira vermelha com tabaco da Criméia e, depois, almocei no restaurante da estação Yaroslavsky. Ainda tinha dinheiro suficiente para telefonar a Dora e comprar um jogo de dominó para Asja. Com toda a atenção concentrada, dei minha última volta pela cidade, alegre por me deixar levar de uma forma que, em geral, não tinha sido a regra durante minha estada. Pouco antes das três horas, estava de volta ao hotel. O suíço me disse que uma senhora havia me procurado e dito que voltaria. Fui ao meu quarto e, logo em seguida, subi até a admi-

nistração para pagar minha conta. Somente quando retornei ao quarto notei um bilhete de Asja na escrivaninha. Dizia que havia me esperado por um bom tempo, ainda não havia comido e estava na *stolovaia* ao lado. Eu deveria ir buscá-la. Corri para a rua e a vi aproximando-se em minha direção. Não comera mais do que um pedaço de carne e ainda estava com fome. Antes de levá-la a meu quarto, corri de novo para a praça e comprei-lhe algumas tangerinas e doces. Na pressa, havia levado comigo a chave do quarto; Asja estava sentada no vestibulo. Eu disse: “Por que você não entrou? A chave está na porta!”. E notei a amabilidade em seu sorriso quando disse “Não”. Desta vez havia encontrado Daga em boas condições e tivera uma conversa dura mas frutífera com a médica. Agora estava deitada na cama em meu quarto, cansada, mas sentindo-se bem. Ora sentava-me junto dela, ora à mesa onde escrevia-lhe envelopes com meu endereço, ora ia até a mala, retirava os brinquedos, minhas compras do dia anterior, e mostrava-os a ela. Isso a deixou muito alegre. Mas, enquanto isso — também devido ao meu enorme cansaço — eu estava prestes a chorar. Ainda combinamos algumas coisas. Como eu podia ou não lhe escrever. Pedi-lhe que me fizesse uma bolsinha para guardar tabaco. Que escrevesse. Finalmente, como só restavam poucos minutos, minha voz começou a falhar e Asja notou que eu estava chorando. Então, ela disse: “Não chore, senão vou acabar chorando também e uma vez que começo, não consigo parar tão facilmente quanto você”. Abraçamo-nos com força. Depois, subimos à administração, onde não havia nada a fazer (mas não quis esperar o *sovietdushi*), a camareira apareceu — afastei-me furtivamente sem lhe dar gorjeta, e saí do hotel com minha mala, Asja seguindo-me com o casaco de Reich debaixo do braço. Pedi-lhe, em seguida, que chamasse um trenó. Mas quando eu estava para subir, tendo já me despedido dela mais uma vez, convidei-a para ir comigo até a esquina da Tverskaia. Lá, ela desceu e, quando o trenó já estava começando a andar novamente, puxei de novo sua mão para os meus lábios, no meio da rua. Ficou lá durante muito tempo, acenando. Acenei de volta, do trenó. Primeiro, pareceu-me que ela olhava para trás enquanto andava, depois não a vi mais. Com a enorme mala no colo, chorando pelas ruas já sob a luz do crepúsculo, continuei até a estação ferroviária.



Capa de Rua de mão única,
de Walter Benjamin, concebida
por Sascha Stone.





Loja na rua Petrovka.



Fotograma do filme Avante, Soviete!, de Dziga Vertov, mostrando criança abandonada.

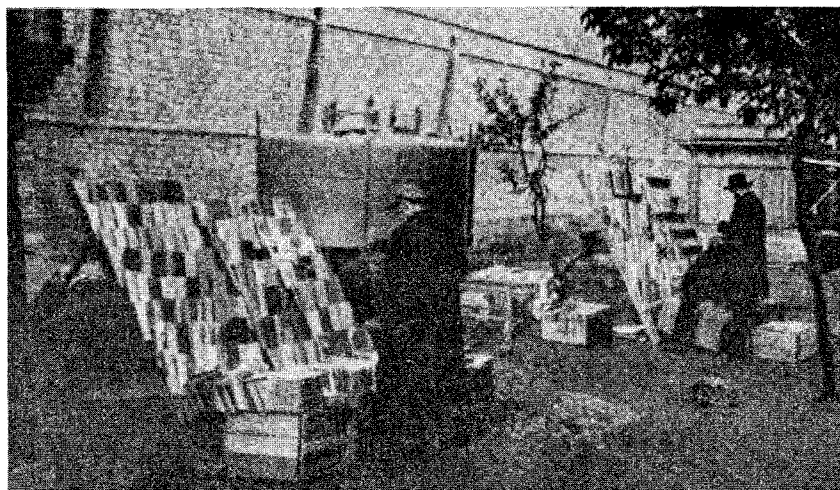


Cena final de O Inspetor-geral, encenado por Meyerhold. (Harvard Theater Collection)

Feira em Smolensk.



Catedral de São Basílio.



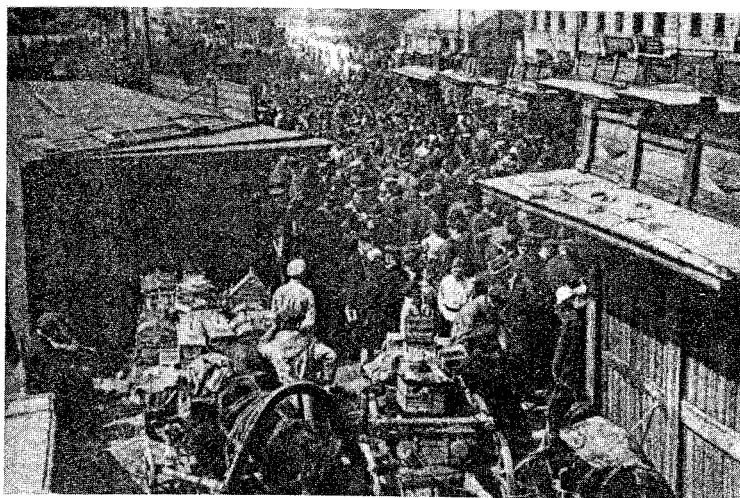
*Livreiros junto à muralha
de Kitai gorod.*



Túmulo de Lenin junto ao Kremlin.



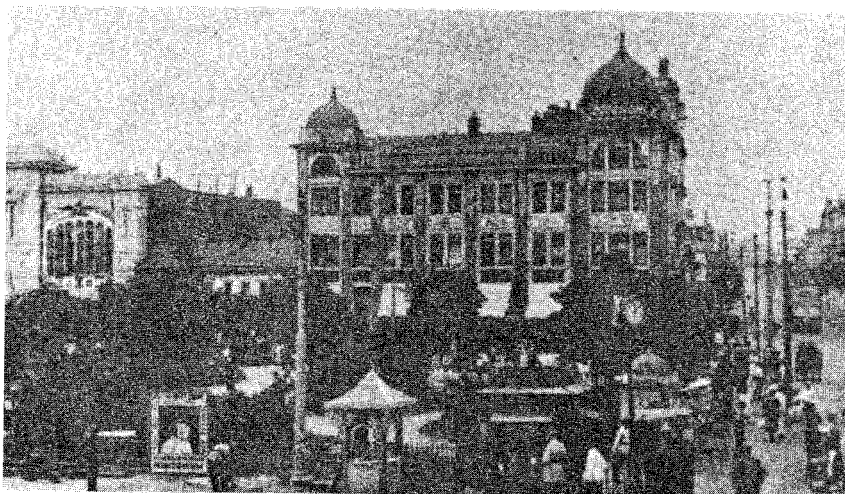
*Feira na rua
Sukharevskaja.*



*Feira na rua
Sukharevskaja.*



*Rua Tverskaia
com arco do
triunfo ao
fundo.*



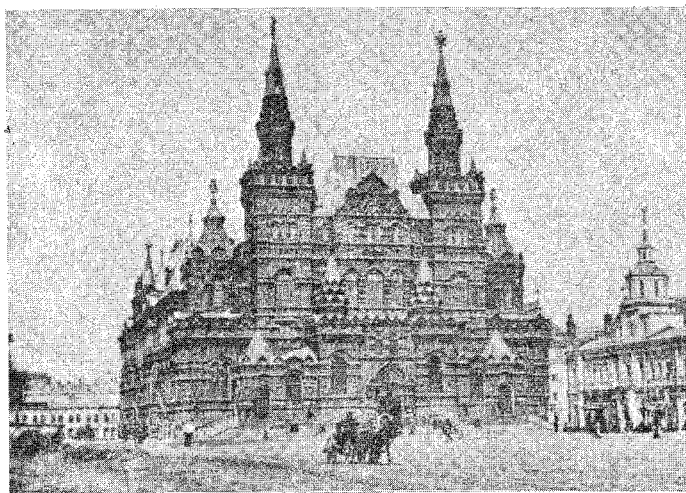
Rua Tverskaia.



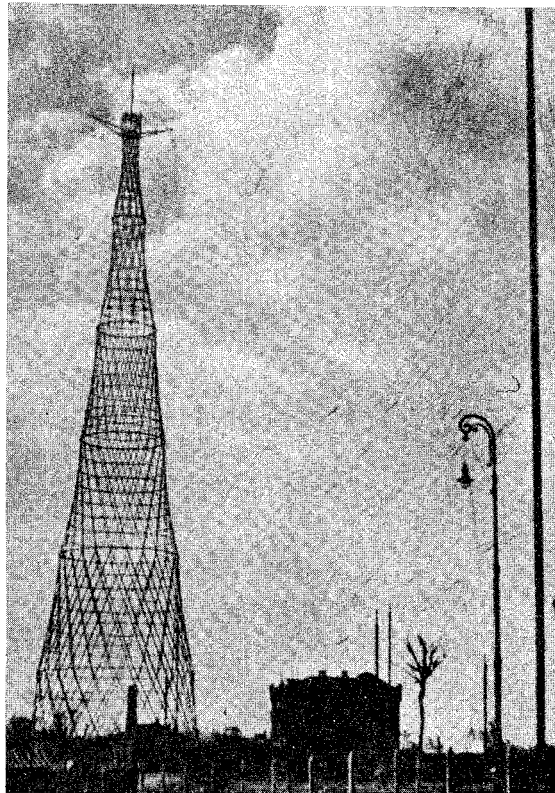
*Cinema de
arte na rua
Tverskaia.*



*Asja Lacis e Walter Benjamin.
(Arquivo Theodor W.
Adorno, Frankfurt; e
Biblioteca Nacional e
Universitária Judaica,
Jerusalém)*



Museu Histórico.



*Torre de rádio de Moscou, projetada por
Vladimir Fyodorovich Shukhov, 1926.*



Parada de bonde na praça Strasnói.



Praça Strasnói.

APÊNDICE

Moscou, 10 de dezembro de 1926

Caro Gerhard,

Aproveito uma inesperada meia hora livre para, finalmente, enviar-lhe notícias. Acredito que, por uma coincidência bastante singular, esteja neste momento compartilhando esta estada em Moscou com seu irmão, que, pelo que ouvi ontem, foi convidado para a prolongada reunião local do Comintern, como um dos representantes da “oposição” alemã. Primeiro, deixe-me tranquilizá-lo: não estou aqui em nenhuma missão oficial. Naturalmente, porém, fico sabendo de muita coisa que me é útil e interessante. Minhas principais informações provêm de meu amigo, o dr. Reich, que trabalha aqui há um ano, principalmente como crítico de teatro para jornais russos. Cheguei no dia 6, após dois dias de viagem, e ouço e vejo tanta coisa que, à noite, deito-me na cama já meio morto de cansaço. Claro que isso se deve também ao impacto das impressões, à minha ignorância do russo e ao frio. Ainda não sei exatamente por quanto tempo vou ficar aqui. Como meus livros serão por fim publicados pela Rowohlt, não posso me ausentar de Berlim indefinidamente. (A única coisa que vai sair para o Natal é um volume da tradução de Proust, que deverá ser imediatamente enviado a você.) Fiquei muito contente ao receber os artigos de sua esposa. Alegraram-me tanto a bela e aguda crítica do romance, quanto a nota sobre Dorothea Schlegel. Em Berlim, pouco antes de minha partida, falei com Miriam Höflich. — No momento, não espere

ainda nenhuma tentativa de descrição de minha estada. Estou aqui há muito pouco tempo e há muito o que fazer. O melhor seria mesmo que nos encontrássemos em Paris, no ano que vem, para conversar sobre isso e outras coisas. Neste meio tempo, continue mandando-me notícias e enviando o que você publicar. Uma curta nota minha, “Gruss in Marseilles”, deverá aparecer em breve. Minhas contribuições na *Literarische Welt* chegarão até você de qualquer forma. — Eis aqui, portanto, a verdadeira Rússia. Nas condições de vida difíceis, rudes deste inverno, não se perde jamais a consciência do quão distante de tudo encontra-se esta metrópole (dois e meio a três milhões de habitantes). Politicamente, esse número de habitantes certamente expressa um fator dinâmico extraordinariamente poderoso. mas do ponto de vista da civilização, torna-se uma força da natureza difícil de controlar. A carestia é inimaginável e foi uma surpresa realmente desagradável para mim, que, por princípio, não dou crédito às histórias dos “senhores viajantes” e dos “correspondentes”. Conhecendo um pouco de russo e dedicando todo o tempo ao trabalho, pode-se ganhar relativamente bem. Como penso já ter escrito para você, estou colaborando com a *Enciclopédia Soviética* oficial e pretendo, entre outras coisas, escrever alguns artigos para ela. Por enquanto, não vou publicar nada nos jornais. No entanto, Buber (!) pediu-me um relato longo sobre Moscou para a *Die Kreatur*. Isto se deu durante sua última visita a Berlim, quando me convidou para atuar como seu colaborador e, por considerações diversas, aceitei. Isso foi por volta de Chanukah. Espero que a de vocês tenha transcorrido bem. Dora e Stefan estavam bem quando de minha partida. Você provavelmente saberá diretamente dela que deixou a Ullstein e que se tornou editora-chefe da *Praktische Berlinerin*, que foi comprada por uma outra empresa. — Anteontem, falei aqui com Alexander Granovsky, o diretor de uma companhia de teatro judaica. Você conhece essa companhia? Amanhã devo ter uma conversa com Kameneva (a irmã de Trotsky), que trata de assuntos relativos ao estrangeiro. Querem arranjar uma palestra para mim. Creio até que existem planos de me entrevistar sobre minhas “impressões moscovitas”. Tudo isso agradeço ao frio, que nesta época congelou um pouco o afluxo de intelectuais (soube de detalhes estranhos sobre a visita de Toller, que terminou de maneira tão abrupta). Quais são as novidades sobre Buch? Por favor, responda a meu endereço em Berlim. Escreva também sobre

as perspectivas de sua ida a Paris. Penso que estarei lá por volta de março.

Lembranças muito cordiais a você e a Escha.

seu Walter

• • •

[cartão-postal]

Prezado sr. Kracauer,

Eu teria muitas razões para me desculpar pelo meu longo silêncio. Nenhuma delas melhor do que aquela que consta da conclusão de vossa última carta: “Mas para *quem* se escreve? O senhor sabe a resposta?”. De fato, pode-se refletir sobre essa questão durante dois meses inteiros sem se chegar a conclusão alguma. O que mais se aproxima da verdade é que venho lutando aqui há semanas com o gelo externo e o fogo interno — espero que não em vão. Restaram-me poucas forças para o trabalho cotidiano que tenho a fazer. Meu retorno já se aproxima. Por favor, escreva-me para Grunewald. De qualquer forma, não poderia dar notícias substanciais sobre o que se passa aqui, pois tenho que continuar observando e refletindo até o último minuto para poder, no fim, fazer um resumo mais ou menos comunicável de minha estada — e mesmo este jamais poderá ser mais do que um pequeno retrato de Moscou. Certo é que a gente não se cansa tão rapidamente de ver esta cidade. O senhor falou com Roth? Ele já deverá ter dado ao senhor alguns artigos para mim, e eu agradeceria muito se o senhor pudesse enviá-los para Grunewald. Esperando encontrar lá também vossos últimos trabalhos (*Ornamente der Masse*) e outros, cumprimento-vos cordialmente,

vosso Walter Benjamin

Dr. Walter Benjamin
Moscou
Gost. “Tyrol”
Sadovaia Triumfalnaia
[janeiro de 1927]

Vossa resenha de Kafka, conservo-a para ler após ter me familiarizado com o romance *O castelo*.

• • •

Caro sr. Kracauer,

j'ai été un peu long à vous écrire. Mas, após minha volta, encontrei muitas coisas a serem resolvidas também na minha pequena redação particular de brinquedo, entre as quais uma gripe. Já há alguns dias tenho me ocupado do exame de meu dossiê "Moscou". O senhor talvez encontre algumas pequenas notas na *Literarische Welt*. Uma bonita coleção de fotos (brinquedos de origem russa) já deverá estar neste momento, à vossa disposição em Frankfurt. Eu as estou oferecendo ao *Illustriertes Blatt* e teria preferido pedir ao senhor que agisse como intermediário (pois o senhor já deverá ter sob os olhos o texto que acompanhará essas fotos), não fosse pelo fato de um amigo ter me levado à *l'improviste* para ver [Karl] Otten, que então as enviou a Frankfurt. Por fim, estou planejando escrever algo "abrangente" sobre Moscou. Mas, como é do meu feitio, também esse trabalho vai se fragmentar em notas particularmente breves e desconexas, e, no mais das vezes, o leitor ficará entregue a seus próprios recursos. Mas, seja como for — e independentemente do que conseguirei transmitir a meus amigos —, estes dois meses foram uma experiência verdadeiramente incomparável para mim. Retornar enriquecido de experiências vividas e não de teoria — esta era minha intenção, e vejo-o como um lucro. Noto que, assim, aproximei-me involuntariamente de uma das características de vossas anotações sobre Paris, das quais, de fato, gostei imensamente. Permito-me dizer que minhas "observações" parisienses coincidem essencialmente com as do senhor. "O esplendor das coisas" — esta é uma formulação de que é totalmente merecedora a beleza que, mesmo sob a luz mais impiedosa, as coisas e a vida nesta cidade revelam. Não sei se o senhor tem acompanhado o diário da viagem à África de Gide na *NRF*. Mas não é espantoso que o governador francês tenha sido obrigado a renunciar em razão do que tem sido relatado (e de que forma tão genuína e séria!) sobre as atrocidades da colonização francesa lá!? Tente traçar um paralelo com a Alemanha. Ou, melhor dizendo, valha-se do conhecimento empírico e mostre-me o senhor, desde a eleição de Hindenburg, um único processo

por maus-tratos a uma criança cujo resultado tenha ido além de uma multa em dinheiro ou catorze dias de prisão. Breve poderemos, espero, conversar sobre muito do que foi aqui mencionado, pois quero ir a Frankfurt por alguns dias em meados de março. Espero muito encontrar-me com o senhor então. É justamente por isso que hoje não me estenderei mais. Concluo com uma lista de obras tiradas do *Büchereinflauf* que me interessariam resenhar: Hamann, *Die Überseele — Grundzüge einer Morphologie der deutschen Literaturgeschichte*; Larissa Reissner, *Oktober* (ambos no nº 6); o *Doppelroman der berliner Romantik*, editado por Helmut Rogge (no nº 7); e, finalmente, Paul Hankamer, *Die Sprache Ihr Begriff und ihre Deutung im XVI. und XVII. Jahrhundert*, anunciado no nº 8, que deve sair nos próximos dias. Como está mais próximo do meu trabalho, é muito importante para mim, e apreciaria especialmente a oportunidade de resenhá-lo. — Por favor, mande-me notícias. Se o senhor encontrar Ernst Bloch, por favor diga-lhe que duas cartas que lhe enviei de Moscou foram-me devolvidas por problemas de entrega, e que lhe peço com urgência que me mande seu endereço e notícias suas.

Com lembranças cordiais

vosso Walter Benjamin

23 de fevereiro de 1927
Berlim-Grunewald
Delbrückstr. 23

• • •

[carta de A. Lunacharsky aos editores
da *Grande Enciclopédia Soviética*]

29 de março de 1929

Prezados camaradas,

Perdoem-me, por favor, por não me ter manifestado durante tanto tempo nem quanto à sua carta nem quanto ao material sobre Goethe que me enviaram. Só agora me é possível dar aos senhores algum tipo de opinião a respeito.

Concordo plenamente com a avaliação do artigo de Benjamin, contida na carta ao editor-chefe. Esse artigo não é apropriado, e não só

por causa de seu caráter não-enciclopédico. Manifesta muito talento e contém algumas observações surpreendentemente agudas, mas não chega a conclusão alguma. Ademais, não esclarece o lugar de Goethe nem na história da cultura européia, nem no nosso — por assim dizer — panteão cultural. Além do mais, o artigo contém algumas teses extremamente questionáveis.

Não sei se os senhores pretendem usar esse artigo, mas gostaria, de qualquer forma, de fazer algumas observações pessoais. Os trechos entre parênteses nas páginas 3 e 4 devem ser omitidos. Não se pode deixar passar a afirmação na página 5: “Os revolucionários alemães não eram iluministas, os iluministas alemães não foram revolucionários”. Essa afirmação absolutamente errônea será, mais adiante, refutada pelo próprio autor, quando fala do sólido ponto de vista de classe de Lessing, que naturalmente foi um iluminista. A formulação, na mesma página, contrária a qualquer forma de revolução e ao Estado é muito confusa, e também não se faz absolutamente nenhuma menção à causa mais profunda da antipatia de Goethe pela visão de mundo materialista de Holbach. Na página 6, contesta-se que o protesto de Goethe se originava, em grande parte, de sua própria, lúcida sensibilidade para com a vida na natureza, uma sensibilidade que está extraordinariamente próxima da concepção dialética. O conteúdo dos parênteses nas páginas 8 e 19 deveria ser omitido, de passagem corriji vários erros de ortografia, entre outros. A idéia expressa entre parênteses na página 59 é altamente obscura. Dificilmente se pode concordar com o juízo do autor, na página 2 da segunda parte, de que as conversas de Goethe com Eckermann constituem uma das melhores obras literárias do século XIX. O tradutor evidentemente omitiu algo na página 6; essa passagem precisa ser complementada.

De resto, recomendo novamente não publicar o artigo de Benjamin.

O artigo de Oskar Walzel é ainda menos apropriado. Naturalmente, é extremamente difícil captar a vida dura e multifacetada de Goethe de maneira a, por um lado, fazer justiça à sua complexidade, e até ao seu caráter contraditório, e, por outro, ressaltar a profunda unidade que se encontra na vida, nas obras poéticas e científicas etc., de Goethe. Desconsiderando-se o fato de Walzel afirmar estar, em seu artigo, apenas dando continuidade — com algumas correções, por assim dizer — à obra de Gundolf, sua contribuição é não só ideológica-

mente inaceitável para uma enciclopédia marxista, mas também absolutamente incoerente no todo.

Desagradável.

Não posso ajudar em nada neste caso. A *Enciclopédia de Literatura* quis confiar-me o artigo sobre Goethe e eu fui fraco o bastante para aceitá-lo. Mas, neste meio tempo, cheguei à conclusão de que, dada a minha sobrecarga de trabalho, seria simplesmente irresponsabilidade minha lançar-me a uma tarefa que envolve tanta responsabilidade.

Aliás, a bibliografia anexa ao artigo de Walzel é, sem dúvida, valiosa e certamente poderá ser utilizada.

Comitê Popular de Instrução Pública

[A. Lunacharsky]

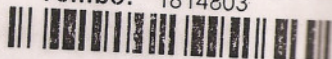
[Esta carta foi traduzida do russo para o alemão por Paul G. Rühl.]



“Pedi [a Asja] que chamasse um trenó. Mas quando eu estava para subir, tendo já me despedido dela mais uma vez, convidei-a para ir comigo até a esquina da Tverskaia. Lá, ela desceu e, quando o trenó já estava começando a andar novamente, puxei de novo sua mão para os meus lábios, no meio da rua. Ficou lá durante muito tempo, acenando. Acenei de volta, do trenó. Primeiro, pareceu-me que ela olhava para trás enquanto andava, depois não a vi mais. Com a enorme mala no colo, chorando pelas ruas já sob a luz do crepúsculo, continuei até a estação ferroviária.”

CCSP

Tombo: 1814803



2219300



COMPANHIA DAS LETRAS